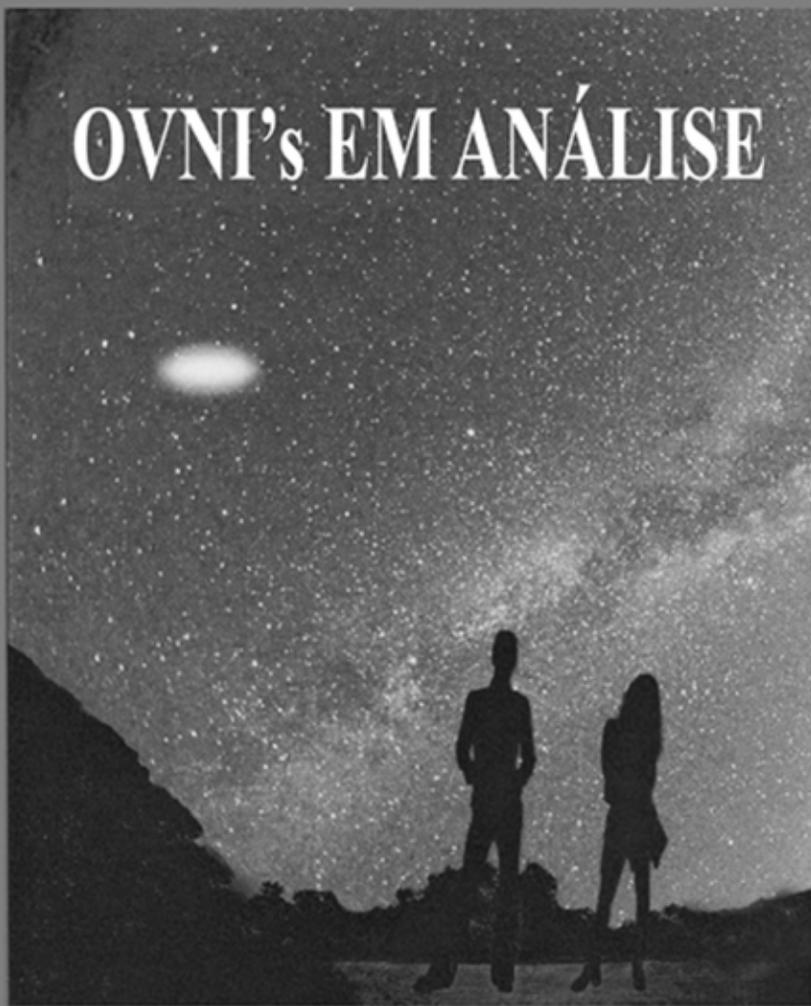


Pufoiweb

# OVNI's em ANÁLISE

# OVNI's EM ANÁLISE



Portuguese UFO Investigation

António Durval – Fernando J. Torres - José Sottomayor

Luís Alberto - Mário Neves

## **OVNI's EM ANÁLISE**

**Uma obra**

**da**

**“PUFOI – Portuguese UFO Investigation**

<http://www.pufoi.com>

Título

# OS OVN'IS EM ANÁLISE

Uma obra da responsabilidade

Da PUFOI

(PUFOI – Portuguese UFO Investigation)

Design de imagem para capa

Miguel Bastos

1ª Edição Março de 2011

© 2008 Bubok Publishing S.L.

2ª edición

ISBN:

DL:

Impreso en España / Printed in Spain

Impreso por Bubok

*Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor*

## OS OVNI'S EM ANÁLISE

I	O que é a PUFO	5
II	Introdução	6
III	História da ovniologia em Portugal	8
IV	Os vizinhos cósmicos	28
V	Casuística nacional	50
VI	Regras do observador	55
VII	Investigação de campo	66
VIII	Fenómenos bem identificados	73
IX	Os X-Files à americana e o pensamento da PUFOI - Roswell	106
X	Fátima	127
XI	Pioneiros	175
XII	Abduções	187
XIII	Conclusão	190
XIV	Dados biográficos dos elementos da PUFOI	191
XV	Referências bibliográficas	194

## **I - O que é a Pufoi**

A sigla “PUFOI” (Portuguese UFO Investigation) representa um restrito número de investigadores que há várias décadas se dedicam ao estudo sistemático de fenómenos, nem sempre aceites pela ciência ortodoxa, mas nem por isso menos merecedores de especial atenção. Estes investigadores, oriundos das principais organizações nacionais, entenderam seguir uma nova metodologia associando-se num projecto de estudo sistemático, coerente e científico. Uma nova metodologia onde prevaleça a tranquilidade necessária para levar a bom termo os seus propósitos assentes num verdadeiro trabalho de equipa orientado para a pesquisa, nas áreas dos “não identificados”. Pretendem relançar o seu estudo com base na riqueza da experiência já adquirida e encetar um novo trabalho, tendo como objectivo primordial o intercâmbio, sem fronteiras, de saberes, projectos e ideias. Uma das metas será a aproximação a um global entendimento dos temas em questão assente numa permanente avaliação geral dos conhecimentos humanos nestas matérias. Essa a razão da sigla “PUFOI”, que, logo à partida, consagra uma perspectiva de intercâmbio internacional, dirigindo-se a investigadores de todo o mundo. Deste grupo, criado em 30 de Outubro de 1999, constam os seguintes membros fundadores: António Durval - Fernando Jorge - José Sottomayor - Luís Alberto - Mário Neves. A atenção e o interesse destes investigadores abarca uma ampla e diversificada gama de temáticas e questões para a compreensão das quais o conhecimento humano ainda tem muito caminho a desbravar: Fenómenos Aeroespaciais Anómalos (Ovniologia) - Paranormal – Estados Alterados de Consciência - Parapsicologia - Análise do Comportamento Humano - História Primitiva (Primistória). A abordagem destes temas será acompanhada de perto pela constante actualização e estudo das ciências clássicas como: Astronomia, Exobiologia, Astrofísica, Cósmonáutica, Geofísica e fenómenos atmosféricos, Antropologia, Etnologia, História tradicional, etc.

Os elementos da PUFOI no ano de 2000, data da sua fundação



## II - Introdução

A preocupação fundamental dos cinco colaboradores que compõem a PUFOI, neste trabalho de análise à situação actual da ovnilogia, em que estão há muito empenhados, é de facto a tentativa de transmitir, em termos de balanço, qual a situação dos resultados obtidos, quais as novas reflexões que se impõem, quais os conhecimentos adquiridos e qual o melhor caminho a seguir no trajecto investigativo, face aos recentes e sempre crescentes saberes.

Nesse permanente percurso continuam a progredir na sua investigação, tendo como ferramentas os métodos que desde sempre aplicaram, tendo em conta a necessária evolução de muitas e diversas matérias.

As interrogações que se justificam em torno deste assunto (que se vão processando, quer em encontros privados, em reuniões, ou simpósios mais alargados) têm evoluído de forma permanente, visto que as equações em que este singular problema se situa, têm merecido uma constante e profunda atenção, por parte destes investigadores.

A intenção de transmitir os saberes adquiridos, sobre esta singular matéria, ao público em geral, deve-se a uma real e infeliz constatação: a quase completa ausência de informação, veiculada pelos diversos órgãos de comunicação social, que, nas raras vezes que intervêm, escamoteiam, brincam ou ridicularizam o tema e os que o estudam.

Por essa razão principal, os investigadores da PUFOI, decidiram quebrar esse “encanto” e divulgarem tudo o que sabem e pensam sobre este enigma.

É esta a razão do presente trabalho. Nele se tenta explicar, de uma forma racional e científica, o que de facto se tem passado e se passa nesta área tão pouco levada a sério.

Naturalmente, sabemos que a razão das desconfianças, que pairam sobre este tema, se deve à postura de alguns pseudo-investigadores, que apenas olham para o “fenómeno”, como uma questão de fé ou um negócio de bilheteira.

Não estamos nesse rol e por esse facto nos propusemos a esta tarefa.

Sem mais delongas, vamos colocar o leitor frontalmente perante o assunto.

Iremos abordar temas controversos, como são os casos das aparições da pseudo Virgem Maria (mãe de Jesus Cristo) em terras lusas, por meados de 1917, ou do célebre caso Roswell (EUA), em 1947.

Iremos de igual modo, falar sobre a história dos pioneiros portugueses na área dos “discos voadores”, na saga das primeiras organizações nacionais de ovniologia, na casuística nacional, nas ações de investigação de campo, em resultados e métodos de avaliação e nas reflexões e conclusões temporais destes fenómenos.

Não se esgotará necessariamente aqui a nossa intervenção. Digamos que este trabalho pretende marcar uma etapa.

Esperamos que o nosso objectivo seja alcançado neste propósito, sendo uma coisa certa: o que impera neste trabalho é o espírito crítico e a análise objectiva, racional, logo, desapaixonada., destas matérias.

### **III - História da ovniologia em Portugal**

O mistério dos “Discos Voadores” chegou ao nosso país através dos órgãos de informação que, em 1946, dão conta de estranhas luzes sobre Portugal: os foguetões fantasmas observados também na Escandinávia?

Quatro anos depois, uma “vaga” de mais luzes estranhas são notícia da imprensa. Esses e outros acontecimentos insólitos aéreos apaixonaram o jornalista Hugo Rocha, que em 1951 publica o primeiro livro sobre a matéria, intitulado “O Enigma dos Discos Voadores ou a Maior Interrogação do Nosso Tempo” e mais tarde “Outros Mundos, Outras Humanidades”.

Foi seguramente o primeiro português a interessar-se a fundo pela matéria, o pioneiro dos OVNI's.

Em 1 de Janeiro de 1973 surgiria no Porto o embrião de uma iniciativa inédita – a criação de um grupo de curiosos investigadores dos “Fenómenos Aéreos

Não Identificados”. O nome desse projecto era e foi C.E.A.F.I. (Centro de Estudos Astronómicos e de Fenómenos Insólitos).

Manuel Barrote Dias, Mário Rui Ferreira, José Manuel Garrido, entre outros, foram os iniciadores da ideia.

Em outros pontos do país, nomeadamente em Ermesinde e Lisboa, pessoas singulares partilhavam, sem o saber, de ideias semelhantes.

O regime apertado do “antes de 25 de Abril de 1974”, não favorecia iniciativas desse género nem permitia a criação de associações que não fossem aceites pelo “status quo” vigente. As actividades singulares ou colectivas eram rigorosamente controladas e sujeitas a severas restrições e punições. Os indivíduos ou grupos que se interessavam pelo fenómeno OVNI teriam que trabalhar na “clandestinidade”. Assim, alguns “pré-ovnilogistas” exerciam as suas actividades quase restritas ao silêncio das suas casas ou em reuniões “secretas” nos cafés das cidades.

A “Revolução dos Cravos” abriu as portas à liberdade de reunião e associação e o grupo CEAFI “clandestino” passou à legalidade possível.

Em Março de 1974 a ideia ganhou corpo e oficialmente apareceu a público.

Por essa altura o grupo de pioneiros já contava com Joaquim Fernandes e Fina D’Armada.

Nos inícios de 1975 podia-se ler nos estatutos desta organização que o CEAFI era um “agrupamento sem fins lucrativos, desligado de toda a opção confessional ou partidária, tendo como finalidade o estudo objectivo dos fenómenos espaciais, problemas conexos e divulgação dos mesmos. A sede do CEAFI, durante muitos anos, seria nacionalmente conhecida: Rua Sá da Bandeira, 331 – 3.º, Salas 31 e 32 – Porto; telefones: 487379 (Porto), 9893973 (Gondomar); apartados: 290 Porto Codex, mais tarde 5379.

Desde logo, o CEAFI teve a consciência plena de que a sua progressão seria muito difícil se não possuísse um rigoroso esquema de trabalho, se não o fizesse desapaixonadamente, desobedecendo à lógica e aos saberes da Ciência.

O percurso investigativo teria também que passar por um intercâmbio rigoroso com outras individualidades ou associações estrangeiras congéneres.

Neste meio tempo, alguns “solitários” tentavam o mesmo, sem que existisse entre eles qualquer ligação directa ou indirecta. Cada qual tentava progredir seguindo o caminho que julgava melhor, que se ajustava aos seus critérios de rigor.

Sanchez Bueno, José Sottomayor, Mário Neves Silva e alguns outros,

naturalmente.

Em 1975 ainda, o CEAFI era a única estrutura organizada e não perdeu tempo. Promoveu protocolos de cooperação estreita com organizações estrangeiras de elevado nível e experiência. Foi membro da U.G.E.P.I. (Union des Groupments D'Études sur les Phénomènes Insolites), da Bélgica e de outros como: G.E.P.A.N. (Groupment D'Études des Phénomènes Aériens non Identifiés), França ; B.U.F.O.R.A. (British Unidentified Objects Research Association), Grã-Bretanha; A.I.F.S.R. (Australian International Flying Saucer Research), Austrália; M.U.F.O.N. (Mutual Unidentified Flying Objects Network), EUA; C.U.F.O.S.

Diversos privados estrangeiros constavam da longa lista de cooperantes e interlocutores.

Iniciou-se a criação de dois grandes projectos:

- a) Criação e efectivação de métodos de pesquisa e trabalho, base de dados, estudos multidisciplinares, informações internas, formação de quadros.
- b) Divulgação pública de trabalhos, ideias, conclusões. Temas “tabu” em discussão, despertar de consciências, interrogações e dúvidas em aberto, etc. Meios: publicações e palestras.

Nos primeiros anos de vida o CEAFI ultrapassou o previsível, devido à forte dinâmica de grupo.

Como investigador “solitário”, José Sottomayor tinha em mente algo similar, mas continuava apenas como “líder” de um grupo de tertúlia sem dinâmica. A tantos anos de distância, pensamos que esse drama foi vivido por outros: uns com êxito (Sanchez Bueno), outros que ficariam por fugazes experiências ou cilindrados pelo caminho.

Alguém tem que ser o primeiro em qualquer coisa e se o consegue por mérito, deve merecer a consideração de terceiros ou ser apagado da história. Não foi o caso do CEAFI!

Trabalhar solitariamente não leva a lado nenhum. Em todas as áreas do conhecimento só é possível atingirem-se níveis elevados se houver cooperação e espírito de equipa ... Duas ou três cabeças pensam mais e melhor do que uma (princípio lógico). Assim, nos anos de 1974 a 1978, o CEAFI consolidou a sua estrutura interna e externa. Foram definidos novos planos de actuação e leitura:

- a) Os métodos rigorosos do trabalho investigativo, viviam normalmente de experiência de terceiros, os observadores, as testemunhas, os que contavam as histórias vividas.

Era urgente criar inquéritos específicos para todas as situações e métodos de análise rigorosos, traçar o perfil da testemunha, sujeitando-a ao resultado dos testes psíquicos e classificá-la como elemento credível ou não credível, de acordo com os resultados obtidos.

De acordo com cada situação, foram criados inúmeros inquéritos:

- Observação de luzes nocturnas / diurnas
- Observação de fenómenos aéreos próximos (até 1000 metros)
- Observação de fenómenos muito próximos (menos de 1000 metros)
- Observação de fenómenos quase directos (EI-1)
- Observação de fenómenos directos (EI-2)
- Observação de fenómenos directos com acção (EI-3)
- Observação de fenómenos tipo mariano
- Observação de fenómenos ao radar
- Observação de fenómenos multidiversos
- Inquéritos específicos para utilização da GNR
- Inquéritos específicos para pilotos civis e militares
- Inquéritos diversos de acordo com situações pontuais

Foi criada ainda uma rede de inquiridores que se orientava de acordo com as suas próprias potencialidades, respeitando, no entanto, as normas do chamado “Guia do Inquiridor”. Um elemento básico de trabalho.

Ao longo do tempo, e à medida que se avançava na investigação, foram criados vários manuais e cadernos científicos, para uso quase exclusivo dos membros activos.

Noções teóricas e práticas sobre várias disciplinas do conhecimento humano: Meteorologia, Geologia, Astronomia, Óptica, Psicologia, ...

Informações sobre os artefactos aéreos convencionais, aeródromos, aeroportos e bases aéreas, “corredores aéreos” territoriais, “aero-faróis” e sua localização, etc. etc. A cooperação com os operadores de tráfego aéreo civil, dos principais aeroportos, mantinha-se com essa preciosa ajuda.

Protocolos com a Força Aérea Portuguesa (FAP) foram estabelecidos e dessa cooperação nasceriam laços muito fortes nas pessoas dos Generais Lemos Ferreira e Conceição e Silva, ambos a seu tempo Chefes do Estado-maior deste ramo.

O mesmo se passaria em relação à Guarda Nacional Republicana, que sempre se dispôs a colaborar no apoio logístico e na acção interventiva junto das populações.

b) Todos os resultados obtidos, resultantes das observações de terceiros, seriam objecto de uma classificação e transferidos para uma base de dados, sujeita a apreciações futuras.

c) Para que o processo estrutural funcionasse em perfeito equilíbrio, era necessário criar um boletim de informação interna onde se informavam os investigadores e o pessoal em geral, dos resultados, dos planos, das dúvidas, dos aperfeiçoamentos, etc., etc.

Esses boletins corriam no interior da organização como meio disciplinar de actuação.

d) Em Junho de 1975, o CEAFI lançou o primeiro número de uma revista mensal destinada ao público em geral. Essa publicação chamou-se “Insólito” e foi reconhecida como uma das melhores no género, na época.

No editorial desse primeiro número podemos observar:

“O Insólito começa assim: Voluntarioso, humilde, mas capacitado da dúvida que assiste, apto a desafiar o cartesianismo estéril ... trilhar o caminho da suspeita ... da questão dos OVNI’s à problemática da Parapsicologia ... levantamento e evocação da Primi-história e pela recolocação do Homem no lugar que lhe compete em relação ao Universo ... Avançar propostas, enunciar teses, mas nunca interromper a marcha por urgências demagógicas de uma verdade de ocasião ... (assinado – Joaquim Fernandes).

Deve-se aqui destacar a presença da revista “Insólito” pela sua importância no panorama nacional, ao apresentar, não só uma nova visão da realidade, mas também opiniões e trabalhos de valor formativo, dentro da temática Ovni e outros assuntos considerados tabu.

O “Insólito” tinha periodicidade mensal e chegou ao número 41 (Jan/Fev/Mar 1981), possuindo ainda uma delegação no Brasil (S. Paulo), orientada por Júlio Nunes.

É importante salientar o sucesso deste órgão informativo, que chegou a atingir cerca de mil assinantes e editar 10000 exemplares.

É ainda de toda a justiça referir alguns dos nomes que deram vida a essa publicação informativa/formativa, ao longo de seis anos (ainda que nem sempre regular nos últimos números). Para além de Joaquim Fernandes (o director), os que mais tempo se mantiveram foram: Fina D’Armada, Manuel Barrote Dias, Raul Berenguel, Paulo Campos, Victor Santos, Augusto de Castro e José Figueiredo. Naturalmente que muitos outros nomes poderiam ser referidos, mas não é este o nosso objectivo principal.

Durante a vida do “Insólito” muitos outros nomes existiam, contudo com funções não redactoriais. Curiosamente, a maioria desses ainda hoje funcionam,

investigam e produzem reflexões.

Entretanto, prosseguiram intervenções literárias da autoria de muitos membros do CEAFI (futura CNIFO – Comissão Nacional de Investigação do Fenómeno Ovni, de que falaremos mais adiante), a título individual ou colectivo: o “Notícias CNIFO”, dos editores, Fernando Ribeiro (n.ºs 1 a 8 Janeiro/Fevereiro de 1983 a Março/Abril de 1984 e n.º 11/12 Setembro/Outubro/Novembro/Dezembro de 1984) e Vítor Moreira (n.ºs 9 e 10 – Maio/Junho e Julho/Agosto de 1984), assim como o “LusÓvni” (também com 12 números publicados

– Janeiro/Fevereiro de 1983 a Setembro/Outubro de 1984), cujo editor foi José Sottomayor, circulavam dentro e fora da organização, artigos como “OvniPorto” (destacável do JN/1976), da autoria de Joaquim Fernandes, “Pesquisa CNIFO”, do editor José Leote Paixão (Algarve) e os “Cadernos Científicos”, para uso exclusivo do pessoal interno (CEAFI/CNIFO).

O ano de 1975 viu surgir o programa radiofónico “2005”, na então Emissora Nacional (quinzenalmente, às 4.as feiras, pelas 11,15 horas).

A decisiva dinâmica implementada pelo CEAFI foi imediatamente compreendida por alguns dos investigadores independentes, dispersos pelo país, nomeadamente, pelo José Sottomayor e o seu “núcleo” de confrades, com sede em Lisboa.

A presença na “EXPOVNI”, que se realizou em Bruxelas, Bélgica, de 5 a 15 de Janeiro de 1976 (conferências diárias e projecção de filmes e diapositivos sobre o Fenómeno Ovni), marca a afirmação da sua “internacionalização”.

Em 27 de Março, no colóquio realizado na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, estiveram presentes mais de mil pessoas.

Também em 1976, entre 19 de Novembro e 5 de Dezembro, o CEAFI realizava a primeira exposição pública documental e fotográfica de OVNI’s (internacionais), designada por “OVNIPORTO 76” (Galeria do Jornal de Notícias). Palestras e diálogos com o público (sedento de tudo o que era “novidade”), discutindo o fenómeno, tiveram um sucesso sem precedentes.

Ainda em fins desse ano aparecia no Programa 3 da RDP, a rubrica “Ovnis na Festa” (semanalmente, às 3.as feiras, pelas 19,30 horas).

Milhares de pessoas aderiram à informação. O evento prolongou-se até à “OVNIPORTO 77” (em Lisboa, decorreu de 29 de Junho a 12 de Julho, no

Palácio Foz). A “alfabetização”, no que respeita ao fenómeno OVNI, estava em curso e em grande força.

Já no início do ano (de 28 a 31 de Janeiro), o CEAFI tinha realizado o seu “1.º Encontro Nacional”, na sala do anfiteatro do então Liceu Rodrigues de Freitas, no Porto, reunindo tantos interessados na matéria, que o espaço disponível não foi suficiente.

Também a sua presença na I Exposição Internacional de Astronáutica, realizada no Pavilhão de Cristal, no Porto, entre 2 e 17 de Julho, foi um marco determinante na vida desta associação.

Aos poucos, o CEAFI ia espalhando a sua influência por todo o território nacional, granjeando a adesão de alguns investigadores privados.

Por esse tempo existiriam cerca de 25 núcleos e Sub-Núcleos, distribuídos pelo Continente e Ilhas (Açores e Madeira) e mais de 2000 associados.

Um desses Sub-Núcleos surgiu em Ermesinde, decorria o ano de 1977, por iniciativa de um jovem entusiasta das questões do espaço e dos relatos sobre fenómenos estranhos – o Mário Neves.

Contudo, a sua génese reporta-se ao ano anterior, a partir da realização da Exposição OvniPorto-76, na Galeria do Jornal de Notícias.

O contacto com o conteúdo da referida exposição, bem como com alguns dos elementos da direcção do Ceafi-Porto, despertaram o interesse naquele que seria o primeiro impulsor do futuro Sub-Núcleo, ao qual se juntariam mais meia dúzia de amigos. E era apenas “Sub-Núcleo”, devido à sua grande proximidade ao CEAFI-Sede.

As actividades do Sub-Núcleo de Ermesinde, que existiu apenas até 1978, seriam apoiadas directamente por dois elementos do CEAFI-Porto, que também viviam em Ermesinde na época, o Fernando Ribeiro e o Mário Rocha.

Das iniciativas levadas a cabo, destacam-se aquelas desenvolvidas ao longo de 1977, nas instalações do Clube de Propaganda de Natação (CPN), mais especificamente, um ciclo de 3 palestras sobre Ovnilogia, Astronomia e Primi-história. Foi, precisamente com um trabalho sobre esta temática, que esteve representado no Encontro Nacional do CEAFI, no Liceu Nacional Rodrigues de Freitas, no Porto.

Também a investigação de um ou outro relato, ocorrido na área geográfica de Ermesinde, permitiu a tomada de contacto, no terreno, com um assunto que era “moda” na época.

No ano de 1979, com a chamada ao serviço militar obrigatório do fundador do Sub-Núcleo, bem como de outros elementos, a sua estrutura, já de si pouco consistente, desmoronou-se. Os materiais que o Sub-Núcleo possuía – alguns

números da revista “Insólito” e pouco mais – ficaram em poder do Mário Neves, que, entretanto, seria convidado a integrar a estrutura do CEAFI, sediado na cidade do Porto.

No caso particular de Lisboa, esses acontecimentos iam sendo acompanhados a par e passo, com alguma surpresa, expectativa e talvez por uma excessiva dose de desconfiança.

Alguns dos seus membros, principalmente o José Sottomayor, preferiram esperar para ver, entre o aderir ou o continuar só.

Entre fins de 1976 e ao longo de todo o ano de 1977, o panorama nacional no que se referia ao fenómeno “OVNI” havia passado dos oito aos oitenta.

Depois do exemplo do CEAFI, tal como cogumelos, apareceram dezenas de investigadores e grupos ou organizações, que se auto-intitulavam de investigadores do fenómeno OVNI.

A inércia cautelosa do “pessoal” de Lisboa, aparentemente ultrapassada pelos acontecimentos em catadupa, teve uma razão consciente. Embora o CEAFI se mostrasse diferente, havia que equacionar todas as “correntes”.

As propostas aliciantes (?) variavam entre o grupo pioneiro e outros que apareceram depois:

Em 1975, surgia em Leiria as “Sentinelas do Desconhecido”;

Em Coimbra, pela mesma altura, aparece o grupo CIDOVNI (Centro de Investigação e Documentação OVNI);

O GEOFI (Grupo de Estudos de Ovnilogia e Fenómenos Insólitos), fundado em 20 de Dezembro de 1975, por Rui Albuquerque e José Lima, edita um número da revista “Extraterrestre” (Março de 1977) e um número do jornal “Cosmos”, em Outubro do mesmo ano;

O CLUB LUNAR, edita em 1976, até Novembro de 1978, 5 números de uma revista designada por “Selenita”;

O GIOFI (Grupo de Investigação de Ovnilogia e Fenómenos Insólitos), edita, entre Abril e Junho de 1977, 3 números de um pequeno policopiado designado por “Misterioso”;

O grupo GCEO (Grupo Cultural de Estudos Ovnilógicos – Porto), publica, entre Março/Abril e Novembro/Dezembro de 1977, 5 números da revista “Dimensão 4”;

O CEPA (Centro de Estudos de Pesquisas Astronómicas – Porto), efectuou uma exposição fotográfica na Galeria do Jornal “O Primeiro de Janeiro”;

O GIEFI (Grupo de Investigação Espacial e de Fenómenos Inéditos – Benavente);

O CLAP (Centro Latino-Americano de Parapsicologia – Braga);  
A AEI (Associação de Estudos Científicos e Insólitos - Almada);  
O GEFP (Grupo de Estudos de Fenómenos Paranormais – Amora);  
O GEICE (Grupo de Estudos e Investigação das Ciências Experimentais – Ponte de Lima);  
O GIAOA (Grupo de Investigação de Astronomia e Ovnilogia de Almada – Almada);  
O GIFE (Centro de Investigação de Fenómenos Espaciais – Lisboa);  
O GIFL (Grupo de Investigação de Fenómenos Insólitos – Moita do Ribatejo);  
O GIOVNI (Grupo de Investigação Ovni – Lisboa), que edita a revista “OVNI Magazine”, que se ficou por 4 números (entre Abril de 1977 e Janeiro de 1978);  
O GEO (Grupo de Estudos de Ovnilogia), fundado em 10 de Junho de 1974 por A. Vaz Teodósio e A. Ernesto de Oliveira. Entre Dezembro de 1975 e Março/Abril de 1976, editou a revista “Enigma” (apenas 4 números). Destaca-se ainda o facto de ter sido o segundo grupo nacional a ser formado, embora a sua actividade não tenha durado muito.  
E a imensa lista continua com outros grupos, mais ou menos relevantes:  
O GEOP (Grupo de Estudos Ovnilógicos e Parapsicológicos), no Porto;  
O CEIFI (Centro de Estudos e Investigação de Fenómenos Insólitos), Lisboa;  
O CECOP (Centro de Estudos Cosmológicos e Parapsicológicos), em Lisboa, e o “OVNIGRUP07” (Centro de Estudos de Ovnilogia), também de Lisboa.

Este último Grupo, liderado por Heitor Pato, edita (de Dezembro de 1977, a Maio de 1979), a “Revista OVNI”, que atingiu 12 números. Era uma publicação profissionalizada, de interesse relativo, interessante mas pouco científica.

Quanto ao CECOP, a sua natureza foi completamente diferente. Esta associação foi fundada, legalmente, em 16 de Maio de 1977, por duas personalidades de credibilidade insuspeita: O Dr. Ferdinand Mori e o Eng. Sanchez Bueno.

Publicou 5 números de um boletim anuário, designado por “Boletim do CECOP”.

Entre Maio de 1978 e Setembro/Outubro do mesmo ano, esta organização editou também 5 números de uma outra interessante revista, que tratava de temáticas diversas. Foi a “Galáxia 2000”.

Para além dos fundadores, já referidos, é importante destacar também outros dois investigadores do CECOP: Seomara da Veiga Ferreira e António

Rodrigues, pelo seu contributo aberto e livre perante a temática abraçada.

Algumas obras literárias importantes surgiram dessa equipa: “Ovnis e a Vida no Universo” (1978), “Os Ovni no Passado Remoto” (1985), “Vinte Séculos de História dos Ovni” (1990) e “Os Ovni na Época Contemporânea” (1992), de Sanchez Bueno, e “As Aparições em Portugal dos Séculos XIV a XX” (1987), de Seomara da Veiga Ferreira.

Também em 1978, Joaquim Fernandes edita a obra “Ovnis em Portugal” e Raul Berenguel “Ovnis: Portas para o Ano Zero”, ambos elementos do CEAFL.

Aqui, gostaríamos de destacar a investigação sobre os fenómenos de Fátima, que continua actual.

Este tema, pela complexidade dos fenómenos, que se podem inserir na esfera dos “Não Identificados”, foi alvo de atenção redobrada, por parte de alguns investigadores portugueses.

Em Setembro de 1980, Fina D’Armada editava a primeira abordagem esclarecedora sobre o tema, com o livro “Fátima, o que se passou em 1917”.

Em Novembro de 1981, acabava de imprimir-se aquilo que pode considerar-se a continuidade deste trabalho. Desta vez, o livro foi lançado em 1982, da autoria de Joaquim Fernandes e Fina D’Armada, com o título “Intervenção Extraterrestre em Fátima – As Aparições e o Fenómeno Ovni”. Em 1995, os mesmos autores lançam o livro “As Aparições de Fátima e o Fenómeno Ovni”.

A mesma parceria, em 2002, fazia sair o livro “Fátima – Nos Bastidores do Segredo”, mas o trabalho não estava concluído e ao fim de 22 anos visíveis as opiniões dos autores seguiram caminhos diversos.

Em 2003, Joaquim Fernandes, Fernando Fernandes e Raul Berenguel (investigadores do CTEC – Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência, da Universidade Fernando Pessoa), organizaram uma antologia denominada “Fátima e a Ciência”. Cerca de um ano mais tarde, Fina D’Armada decide terminar o ciclo (pelo menos assim parece!), publicando “O Segredo de Fátima e Nostradamus”.

Contudo, como já foi afirmado, não se esgotou, longe disso, a investigação sobre os “mistérios” de Fátima.

Inúmeras têm sido as intervenções na televisão, as palestras, mesas redondas, debates e artigos sobre o assunto.

Na página da Internet da PUFOI (Portuguese Unidentified Flying Objects

Investigation) – <http://www.pufoi.com> - grupo de reflexão formado por antigos elementos da CNIFO, já referida, e SPEC – Sociedade Portuguesa de Exploração Científica), também existe um artigo sobre Fátima e uma entrevista aos investigadores Fina D’Armada e Joaquim Fernandes.

Voltando aos grupos, referidos anteriormente, constata-se que, em meados dos anos de 1980, a sua grande maioria havia desaparecido, de forma idêntica ao colapso de uma estrela que nasce, brilha, aquece temporalmente e se apaga por falta de combustível. A sua vida efêmera fez a diferença. Somente o CEAFI e o CECOP haviam sobrevivido, mas continuavam as experiências de ocasião.

Fora do âmbito investigativo, de forte cariz académico, longe de grupos ou organizações com estruturas de trabalho científico, apareceram o que se poderá designar por dois projectos editoriais de sucesso; duas publicações periódicas, viradas para o sensacionalismo e para o lucro das vendas, que duraram até onde podiam. Os temas, diversos, focavam também, em destaque, a Ovnilogia.

A primeira publicação, luso-espanhola, intitulava-se “Alpha” e o primeiro número (22 de Dezembro de 1976) conseguiu ganhar a atenção dos leitores, pela diversidade dos temas, mas pecou pela tentativa de propagandear ideias anti-cristo e outras. Não ultrapassou o n.º 26 (15 de Novembro de 1979).

De facto não seriam três anos de publicações regulares: de semanário passou a quinzenário, mensal, etc....

O segundo projecto foi uma informação do imaginário franco-luso, hispânico-latino, com raízes (?) não identificadas com a espiritualidade indo-oriental. Um misto de todas as crenças, de todas as ilusões e filosofias consideradas matrizes.

A sede dessa editora fixou-se no coração do Bairro de Benfica, em Lisboa, na Rua Ernesto da Silva, 30 – Lisboa 4. O editor foi Luís Faria, sob a direcção de António José Maya.

Publicou uma réplica de um jornal francês, de igual temática – “Nostradamus” – mas mais simplificado. A edição portuguesa (1º número lançado em 9 de Dezembro de 1977), chamava-se apenas “Nostra” e saía quinzenalmente. Era um jornal de “actualidade misteriosa”, que acabou no número 43, de 15 a 31 de Outubro de 1980.

Recuemos novamente a 1978, agora para falar do surgimento, nessa época, do Núcleo de Lisboa do CEAFI.

Fazemos este destaque por uma única razão: ainda hoje (2006) podemos

encontrar em actividade, no domínio do estudo da problemática dos “não identificados”, três dos seus fundadores, que haviam de passar por vários projectos e que acabariam, também, por constituir a recente PUFOI, atrás já referenciada.

Vamos então a um pouco de história:

Ao ser-se ultrapassado pelos acontecimentos, algo teria que ser feito com extrema urgência. A decisão de abandonar a condição de “independentes” e aderir a um grupo não foi bem aceite pelo “staff” lisboeta, mas o futuro desenhava outras opções.

O elemento privado, José Sottomayor, concluiu que não podia continuar a alimentar utopias regionalistas, sob o lema “orgulhosamente sós”, a divisa reaccionária do ditador português, Oliveira Salazar. Trabalhar sozinho não fazia sentido, sendo uma atitude contrária ao destino humano. O ser humano só consegue sobreviver em grupo e cooperação.

Não foi difícil escolher a organização mais credível, no meio de tantas outras.

Assim, em Maio de 1978, José Sottomayor, dirigiu-se ao CEAFI – Porto, para falar com o seu director Joaquim Fernandes (à época, jornalista do Jornal de Notícias), tendo ficado deveras agradado com o rigor dos métodos de trabalho que encontrou, o que o levou a aderir, sem a mínima dúvida (foi, segundo as suas próprias palavras, “a decisão mais certa e gratificante de toda a minha vida”).

Em Junho de 1978, seria o n.º 200 dos operacionais do CEAFI. Nesse mesmo ano, foi, enfim, criado o Núcleo do CEAFI em Lisboa (sede na Rua do Passadiço, 30), que haveria de funcionar e criar novas dinâmicas de investigação e trabalho até 1980.

Também não podemos deixar de referir um dos raros elementos “independentes”, em matéria de Ovnilogia - Joaquim Andrade - que chegou a ser correspondente do CEAFI em Inglaterra, também na década de 1970.

Nos anos de 1980 regressa a Portugal e envereda pelo jornalismo, nomeadamente na imprensa do Algarve. Aí escreve em diversos jornais, mantendo rubricas sobre o Paranormal, Ovnilogia, Paraciências e o Insólito. Nestes domínios, o seu curriculum é vasto. Membro de várias organizações estrangeiras (BUFORA, BUFOS, etc.), foi fundador da CNIFO-SUL.

Actualmente, colabora com as revistas espanholas, “AÑO CERO”, “MAS ALLA”, “PROXIMO MILENIO” E “ENIGMAS”. Trabalhou na Rádio Alvor (Portimão), mantendo, no início dos anos de 1990, um programa intitulado “Crónicas do Passado Actual”.

Entretanto, o CEAFI progredia como a única associação credível, no panorama nacional, respeitando outra associação congénere de muito mérito – o CECOP.

Em 7 e 8 de Outubro de 1978, o CEAFI realizava o 1.º Congresso Ibérico de Ovnilogia, nas instalações da Faculdade de Economia do Porto, momento marcante na aproximação dos investigadores portugueses, espanhóis e alguns franceses. Os principais oradores foram: Joaquim Fernandes e Raul Berenguel (CEAFI), Pierre Delval, director da “Uranos” e investigador francês, Sanchez Bueno, director do CECOP e François Louange, investigador da UGEPI (de que o CEAFI era membro associado).

Entretanto, os colaboradores iam aderindo neste meio tempo e muitos continuam a sua participação. Outros, infelizmente, já não estão entre nós. Assim, vejamos alguns deles:

- Dr. Carlos Fiolhais (Faculdade de Ciências da Univ. de Coimbra)
  - Dr. Costa Alves (Instituto Nacional de Meteorologia)
  - Dr. Agostinho de Almeida (ISMAI)
  - Dr. José Ferreira da Silva (Faculdade de Ciências da Univ. do Porto)
  - Dr. José Fernando Monteiro (Astrogeólogo – UTAD)
  - Dr. Luís Bernardo (Dep. Física da Faculdade de Ciências da Univ. do Porto)
- E naturalmente a Dr.ª Fina D’Armada.

Centenas de colóquios, palestras de norte a sul do país, desde o Minho ao Algarve, do litoral ao interior, desde as grandes às pequenas cidades, sempre com o intuito de desfazer mitos e fazer Ciência. Um dos últimos colóquios (14/02/1998), realizado no Auditório Municipal de Vila Nova de Gaia. Intervenções de Joaquim Fernandes e José Sottomayor, abordando, respectivamente, os temas, “A Fenomenologia das Aparições de Fátima” e “Novas de Planetas Extra-solares”.

Todas as publicações internacionais sobre a matéria, desde os anos de 1980, faziam (fazem) referência ao trabalho dos investigadores que começaram no CEAFI. Desde a mexicana “Perspectivas Ufológicas”, passando por “Anomalies” (França), “Inforespace” (Bélgica), “Mufon Books” (EUA), “Ovni Presence”, “Ednex”, “Phénomena”, “Lumières dans la Nuit”, etc. etc.

Ainda no que diz respeito a iniciativas, é importante referir as seguintes:

- 1.<sup>a</sup> Jornada de Informação OVNI (CEAFI) – Faculdade de Economia da Universidade do Porto, em 12/13 de Janeiro de 1980 (“O Fenómeno e os Acontecimentos em Informação”). – Conferencistas: Joaquim Fernandes, José Sottomayor, Paulo Campos, Raul Berenguel e Santos Sousa. Informações sobre eventos Ovni e conclusões preliminares. Discussão científica do fenómeno.

- Conferência sobre o Fenómeno Ovni – Auditório do Jornal de Notícias, Porto, em 30 de Janeiro de 1983 (Debate sobre os documentos oficiais dos Estados Unidos da América). – Participantes: Cunha e Sá, Dr. Augusto de Castro, Prof. Ferreira da Silva (Física), Joaquim Fernandes, Dr. Jorge Pina (Meteorologia) e Raul Berenguel.

- Conferência sobre o Caso da OTA (1982), envolvendo três pilotos da FAP – Casa das Artes, Porto (delegação do Ministério da Cultura – Zona Norte), em 2 de Junho de 1984. – Participantes: António Rodrigues, Joaquim Fernandes, José Sottomayor e como convidados, dois dos pilotos, Tenente Guerra e Alferes Garcês.

- Em 26 de Julho de 1984, efectua-se a escritura pública da CNIFO (Comissão Nacional de Investigação do Fenómeno OVNI), herdeira natural do anterior CEAFI. Mantêm-se os mesmos elementos e a mesma sede: Rua Sá da Bandeira, 331 – 3.º (salas 31/32 – Apartado 5379 – 4023 / 5379 – 4023 PORTO, ao invés do anterior apartado (280). A escritura foi publicada no DR n.º 205, III Série, de 4 de Setembro do mesmo ano. É dado um grande incremento ao tratamento da casuística OVNI portuguesa, consubstanciado numa primeira conclusão. É também criada uma equipa de campo que, durante cinco anos, se deslocou, com propósito investigativo, aos seguintes locais:

- Barragem de Odeáxere (Algarve) – 1981

- Serra da Gardunha (Guarda) – 1981 a 1984

- Telhal e Serra da Carregueira – 1983 a 1986

- Luisianes Gare (Alentejo) – 1986

- Serra da Gardunha – 1995 - (Reconhecimento)

- Castelo de Paiva (1999 a 2003) – (Observações solitárias)

A equipa permanecia entre dois a oito dias nos locais, equipada com todo o material de detecção e registo, executando um minucioso e rigoroso levantamento desses lugares, sob variados pontos de vista: histórico/crenças e mitos, recursos materiais e humanos, geológicos, meteorológicos, ovnilógicos, etc..

- Em 23 de Outubro de 1993, a CNIFO realiza um colóquio na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), sob o título: “Fenómenos Aéreos Não Identificados – Mito, História e Ciência”. Participantes:

- Joaquim Fernandes (CNIFO)
- Armindo Sousa (FLUP) – História Medieval
- José Fernando Monteiro (UTAD) – Geologia/Astronomia
- José Ferreira da Silva (FCUP) – Física
- Luís Bernardo (FCUP) – Física
- Carlos Fiolhais (FCUC) – Física
- Costa Alves (INMG) – Meteorologia
- General Conceição e Silva (FAP)

No ano seguinte, em 23 de Fevereiro, é publicado o primeiro volume do anuário “Anomalia”. A sua apresentação ocorre no auditório do Jornal de Notícias, no Porto. Estão presentes: António Ribeiro, Augusto de Castro, Cassiano Monteiro, Joaquim Fernandes, José Sottomayor e Mário Neves.

Em 20/3/1997 é efectuada a escritura pública da Sociedade Portuguesa de Exploração Científica (SPEC), publicada no DR, III Série, n.º 125, de 31 de Maio, do mesmo ano. O n.º de identificação de pessoa colectiva é o :

973839333 / 973839333 (provisório)

e depois o:

503921432 / 503921432 (definitivo).

A primeira sede situava-se na Travessa de Cedofeita, 72 – 2.º traseiras – 4050 PORTO. Algum tempo depois, as instalações passariam para a Rua Gonçalo Cristóvão, 196 – 1.º D.to F.te – 4000 PORTO. O apartado continuaria a ser o 5379.

Em 4 de Maio de 1997, efectua-se, na Universidade Moderna (pólo do Porto), um debate promovido pela SPEC, na apresentação do Vol. 4 da “Anomalia”, último da responsabilidade editorial da CNIFO. Estiveram presentes, entre outros: Dr. Luís Miguel Bernardo, especialista em Óptica e Lasers, da Faculdade de Ciências do Porto, Drs. Paulo Castro Seixas e Joaquim Fernandes, docentes da Universidade Fernando Pessoa, nas áreas da Antropologia e Ciências da Comunicação e o Dr. Agostinho de Almeida, psicólogo social e docente da Universidade Portucalense, que foi o moderador do debate.

Em 25 e 26 de Outubro de 1997, a SPEC organiza o seu primeiro grande evento – o Simpósio Internacional “Fronteiras da Ciência”, que se realizou na Universidade Fernando Pessoa, no Porto. Os participantes podem ser conhecidos através da cópia do cartaz a seguir apresentado.

No ano seguinte, em 5 de Dezembro, verifica-se o fim físico da SPEC, criando um vazio na já debilitada área dos “não identificados”.

Uma ruptura aproveitada por alguns “Ovnilogistas sem escola”, que ainda hoje andam por aí.

Mas felizmente que nem tudo foi mau!

Assim, em 30 de Outubro de 1999, é criada a PUFOI – Portuguese UFO Investigation – congregando o último grupo de investigadores “OVNI”, oriundos dos antigos CEAFI/CNIFO e SPEC.

A crise instalada com a controversa dissolução da SPEC foi o motor de arranque deste projecto, como forma de dar continuidade a uma acção iniciada nos princípios dos anos 70, do séc. XX, e de lhe conferir a importância de credibilidade que se impunha.

José Sottomayor teve a iniciativa e conseguiu agrupar a “nata” da ovnilogia nacional “excluída”.

António Durval, Fernando Jorge Torres, José Sottomayor, Luís Alberto e Mário Neves Silva, decidiram então formar uma tertúlia aberta ao público em geral, oferecendo-lhes a oportunidade de ultrapassar o vazio instalado com o diferendo.

Havia que fazer um balanço muito rigoroso entre aqueles que se mantinham mais ou menos activos e os que resultavam de grupos isolados e pouco credíveis.

O divórcio que se seguiu, depois de 1997, afastou alguns nomes da antiga “escola”, como Cassiano Monteiro, Augusto de Castro, Fernando Ribeiro e outros. No panorama nacional, a Ovnilogia resumia-se aos veteranos já citados e a dois grupos, cuja história não anunciava nada de muito positivo: a APPO (Associação Portuguesa de Pesquisa Ovni) e a PUFORA (Portuguese UFO Research Association); a primeira, criada por um elemento expulso da CNIFO e a segunda fruto do sonho de um antigo investigador particular e jornalista amante dos assuntos da paranormalidade. Os critérios rigorosos afastavam definitivamente o primeiro grupo da escolha.

Iniciou-se então um processo de aproximação com o segundo grupo e nele se apostou um trabalho de instrução, com a doação de muito material de formação e a presença física de alguns elementos da PUFOI, numa tentativa directa de avaliar pessoas, vontades, conhecimentos, procedimentos, meios, etc.

Após alguns meses, verificou-se não ser possível apostar nesse projecto mais alargado, por não existirem as mínimas condições de um trabalho coerente.

Assim, os cinco membros da PUFOI, em finais de 2001, concluíam não existirem condições minimamente razoáveis para a existência de quaisquer protocolos de cooperação com outros.

Verificou-se que, individualmente ou em grupo, não existiam personalidades credíveis capazes de mobilizarem as nossas atenções.

Neste meio tempo, a PUFOI, consciente da necessidade de informar com o máximo de rigor, todos os interessados, sobre a temática dos “Não identificados”, nas mãos de uma informação avulsa e pouco credível, projectou um meio de contacto, de informação, formação, divulgação, utilizando a área das comunicações multimédia.

No início do ano 2000 já se encontrava disponível uma homepage na Internet (<http://pufoi.home.sapo.pt>), tendo evoluído e mudado posteriormente para um domínio exclusivo ou seja: [www.pufoi.com](http://www.pufoi.com). O trabalho de Web Design (webmaster) deve-se à colaboração voluntária de António Durval. Neste site foram introduzidos todos os temas que se julgaram oportunos e necessários para fornecer elementos credíveis de opinião e consulta.

Entre muitos outros temas é mostrado o resultado da estatística “OVNI” nacional, onde a percentagem de casos insuspeitos ronda apenas 1% do total. Destacaremos de seguida os eventos considerados de excepção:

- Caso n.º 005 (1917) – Cova da Iria / Fátima
- Caso n.º 050 (1957) – Comandante Lemos Ferreira – FAP (OTA – voo nocturno)
- Caso n.º 134 (1959) – Évora – Objecto diurno / Queda de Fibravina
- Caso n.º 355 (1976) – Observação Radar – Tripulação de voo da TAP
- Caso n.º 432 (1977) – Barragem de Castelo do Bode – Tripulação FAP (objecto diurno)
- Caso n.º 619 (1979) – Objectos / Luzes em todo o país (15 de Julho) – OTA (clarão)
- Caso n.º 673 (1982) – Caso da OTA (2 aviões + 3 pilotos militares) – Observação incomum
- Caso n.º 687 (1990) – Alfena – Valongo (Objecto diurno estruturado + fotos)

Ao fim de 5 anos e alguns meses, a página da PUFOI já tinha sido visitada por cerca de dezoito mil pessoas, merecendo os maiores elogios, oriundos de várias

origens: Das mais diversas organizações congêneres estrangeiras, como dos mais diversos públicos, dentro e fora da temática dos “Não Identificados”; desde os curiosos, aos que se assumem como cientistas. Público muito variado desde o académico, o intelectual, o “ovnilogista”, o simples “simpatizante”, o acérrimo “anti-qualquer coisa”, até ao “crente nos ET” ... Do consciente, ao inconsciente, do culto, ao completamente idiota!

A todos é dada a respectiva resposta e a todos se sugerem caminhos de reflexão, de análise e acção.

Em termos gerais, a PUFOI tem levado a cabo um trabalho único de consciencialização, respeitando sempre os métodos rigorosos da (insiste-se!) “velha escola de formação”.

Será por isso que, no panorama nacional, a PUFOI, “marginalizada” por alguns, continua a ser um ponto de referência em Portugal e no estrangeiro.

Possuidores de um vastíssimo património documental e das bases científicas de procedimento, a investigação OVNI continua a ser tratada com toda a racionalidade, seriedade e de uma forma desapaixonada, aberta a todas as iniciativas e discussões creíveis e a todas as pessoas, excluindo rigorosamente tudo o que se revele inaproveitável. Uma reacção natural, face aos cenários criados pelo vazio já citado.

Paralelamente à criação da PUFOI, surgiu, pela primeira vez ao nível académico, o CTEC (Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência), com sede na Universidade Fernando Pessoa, no Porto.

Os seus principais impulsionadores foram dois antigos elementos da SPEC – o Prof. Dr. Joaquim Fernandes e o Mestre Nelson Lima Santos.

Em termos de iniciativas, a sua primeira actividade, com grande impacto mediático, foi o 2.º Simpósio Internacional “Fronteiras da Ciência”, que se realizou no Porto, entre 26 e 28 de Outubro de 2001. Depois, de 23 a 25 de Outubro de 2003, também na UFP, realizou o Fórum Internacional “Ciência, Religião e Consciência”. De ambas as iniciativas, foram publicadas as respectivas actas.

Em 2004, no dia 28 de Abril, através do seu investigador-associado, Raul Berenguel, realizou a Palestra-Demonstração, inédita em Portugal, sobre o “Efeito Brown: Uma Nova Propulsão para o Futuro”.

No dia 1 de Junho de 2006, realizou a Conferência “O Imaginário Extraterrestre em Portugal no Séc. XX “(1908-2000), estudo exploratório de representações e estereótipos, tendo como suporte o “corpus” documental recolhido por várias das entidades já referidas anteriormente, ao longo de cerca

de trinta anos. Finalmente, ao longo de 2008, participou, em conjunto com investigadores de várias origens, na elaboração do programa televisivo “Encontros Imediatos”, no total de 13 episódios, apresentados na RTP.

O tempo dos “Discos-Voadores” já passou, assim como o tempo dos crentes e das notícias bombásticas, que faziam noticiários e programinhas televisivos desinformadores. Programinhas para aumentar vendas de periódicos ou audiências.

O tema dos “Não Identificados” não pode ser escamoteado ou servir interesses inconfessáveis. A investigação dos Fenómenos Aeroespaciais incomuns deve ser tratada com todo o respeito, sabendo distinguir quem é quem. Sabendo entender todas as realidades de um percurso iniciado nos princípios dos anos de 1970, até aos nossos dias, em pleno séc. XXI. Com respeito pelos “verdadeiros” investigadores e para com o público em geral.

A investigação “ovnilógica” criteriosa tem, assim, mais de trinta anos de história. Não nasceu pela mão de curiosos, há meia dúzia de meses.

É bom que todos possam conhecer esta realidade, a fim de que possam separar, definitivamente, o trigo do joio.

Esta informação não é apenas o sentimento de repúdio ou revolta face à ignorância dos órgãos de informação, que informam mal o seu público. Não é também um “puxar de galões” face aos disparates de boa vontade dos “colunáveis ovnilógicos”. É, antes de tudo, um direito inabalável que assiste a todos os que, ontem ou hoje, continuam a lutar por um projecto credível e científico de pesquisa.

## **NOTA FINAL**

Os jovens que há mais de trinta anos se dispuseram, contra tudo e contra todos, a tentar descobrir os mistérios dos chamados “Ovnis”, se instruíram sobre essa matéria, se equiparam com o material possível, estudaram arduamente o fenómeno, durante todo esse tempo (metade das suas vidas), concluíram já alguma coisa, mas hoje já são “velhotes”; todos os que ainda se mantêm activos têm mais de meio século de vida ou estão muito próximos de o atingir. De uma vida dedicada à procura de respostas plausíveis, científicas. Tantas palestras, tantos colóquios, tantas obras literárias e artigos, tantas publicações históricas, tanto palmilhar de lugares, serras, vales e montes.

Tanto trabalho, tantas dádivas ignoradas, tanto suor e trabalho.

Teria valido a pena?...

Sem qualquer sombra de dúvida!

A única dúvida, o único desalento é apenas a noção clara de que não existem sucessores credíveis para a continuação de um trabalho, longe de ter terminado.

Quem levará avante este propósito?

Quem irá continuar esta pesquisa? A quem legar todo o património existente?

Quem irá seguir os métodos rigorosos e desapaixonados que fazem a diferença entre o racional e a ilusão, a crença ou o mito?

Será que a Ciência ortodoxa, só por si, será capaz de pegar num assunto tão multifacetado?

Um assunto que não pode ser delimitado por barreiras extremistas, mas que também não pode cair no surrealismo.

Haverá alguém nas áreas da Ciência com o espírito “elástico”, capaz de olhar para o fenómeno “bifocalmente”... “nem tanto ao mar nem tanto à terra”?

O nosso tempo esgota-se rapidamente e ao que assistimos, não são bons agoiros. No panorama nacional os “Ovnis” continuam modernamente nas mãos de curiosos sem qualquer formação, mas também dos que lutam pelo rigor e pela verdade, seja ela qual for.

## **IV - Vizinhos cósmicos**

A problemática dos “Objectos Voadores Não Identificados”, vulgo “OVNI”, não é apenas uma preocupação dos nossos dias. Pensamos que, desde os tempos mais remotos, o Homem foi confrontado com fenómenos celestes, para os quais não encontrou, seguramente, resposta imediata, mas que, ao longo dos tempos e à medida que ia compreendendo a natureza das coisas, pôde decifrar alguns deles. Outros, naturalmente, continuaram sem resposta, até hoje. Desses, alguns, provavelmente, poderiam ser classificados como os “OVNI” de hoje.

A observação desses fenómenos continua a perturbar, não só aqueles que os vêem (ou pelo menos assim o afirmam), como aqueles que, continuamente, teimam em desvendar esse “mistério”.

Principalmente a partir de meados do século XX, esta problemática tem merecido a atenção, tanto de governos, como de instituições científicas ligadas à defesa nacional, como ainda de associações estatais e privadas. Um pouco por todo o mundo, secretamente ou às “claras”, esta matéria tem sido alvo das mais diversas reacções. Tem gerado opiniões sensacionalistas, especulativas, utópicas, de carácter dogmático, mas também de rigor científico. O próprio “fenómeno”, por apresentar uma característica multifacetada, constitui matéria de difícil análise, mas nem por isso impossível de se poder determinar as suas “margens de manobra”.

Conhecedores do terreno “pantanososo” que têm percorrido, e em posse de vasto material informativo/documental, adquirido ao longo de vários anos de estudo, um conjunto de investigadores, que constituem a PUFOI (Portuguese UFO

Investigation), oriundos da CNIFO (Comissão Nacional de Investigação do Fenómeno Ovni), decidiram, em jeito de balanço, reflectir sobre as hipóteses e perspectivas que esta matéria levanta, e apresentar as suas conclusões, ao público em geral. Embora conscientes de que as suas opiniões expressas, representam uma opinião circunstancial, e de pragmatismo temporal, e por esse facto sujeitas, naturalmente, a repetidas reanálises, acharam oportuna esta reflexão, consubstanciada num conjunto de dez pontos, no final da primeira década do séc. XXI.

1. Aquele que, eventualmente, observa algo fora do comum, no espaço aéreo, mais ou menos próximo, pode não ter dúvidas sobre as características daquilo que observa (forma, comportamento, aspecto e demais pormenores), mas, naturalmente, tem dúvidas sobre aquilo que observou. Essas dúvidas aumentam em proporção ao seu desconhecimento das diversas matérias que possam estar em causa (conhecimentos aeronáuticos, meteorológicos, astronómicos, etc.). Por isso, incapaz de identificar a sua natureza e/ou origem, transmite o resultado final da sua percepção, que se irá resumir num “objecto voador não identificado”, só porque lhe foi impossível determinar o aspecto principal da questão.

2. As siglas OVNI/UFO, têm sido utilizadas essencialmente por quem se tem dedicado a trabalhar sobre esta matéria. O seu verdadeiro significado nem sempre tem sido utilizado da melhor forma. A generalidade das pessoas associa de imediato estas siglas, a algo relacionado com o extraterrestre. Definitivamente, estas siglas deverão ser entendidas, rigorosamente, como aquilo que efectivamente significam: Objecto Voador (porque se manifesta no espaço aéreo) Não Identificado (porque, numa primeira análise, não é possível enquadrá-lo em algo conhecido).

3. Todas as observações aéreas que afectem os nossos sentidos e para as quais, após uma análise exaustiva, não seja possível encontrar enquadramento em tudo aquilo que é conhecido, pode deduzir-se que se trata de um “não identificado”, dependendo do grau de invulgaridade e estranheza, o seu ingresso na categoria dos “Fenómenos Aéreos Não Identificados”.

4. O número de observações de fenómenos aéreos/celestes desconhecidos, ou não identificados, registados em todo o mundo, deverá ascender a largas centenas de milhar, senão mais. Uma percentagem elevadíssima dessas observações é

efectuada por pessoas, sem o mínimo de conhecimentos relativos a fenómenos atmosféricos, astronomia, aeronáutica, etc.

5. A opinião dos investigadores é que a esmagadora maioria dos relatos que se referem a esses fenómenos, têm uma explicação racional: confusões com fenómenos naturais ou artificiais, como planetas ou estrelas demasiado brilhantes, meteoritos, nuvens com formas bizarras, ionizações localizadas, fenómenos eléctricos, raios globulares, aeronaves, balões-sonda, satélites, bandos de aves, ou de insectos, etc., etc. Por outro lado, existem também os casos de fraude, mistificações, alucinações e desequilíbrios mentais, etc.

6. Das manifestações “anómalas” (realmente não identificadas), que representam uma pequena parcela de toda a panóplia de observações, existe, contudo, um número significativo de relatos, que, pelas suas características e elevado índice de estranheza, se torna impossível explicar, à luz dos nossos padrões científicos. Contudo, a aparente analogia do fenómeno com uma origem extraterrestre, parece-nos francamente remota.

7. Os efeitos físicos associados a algumas dessas manifestações, relatadas por testemunhas idóneas, mormente pilotos da aviação civil e militar, entre outros, permitem estabelecer estudos comparativos, em laboratório, sendo portanto possível a intervenção das ciências, na fenomenologia aqui considerada. Crê-se estar, em certos casos, perante um fenómeno físico desconhecido.

8. Está teoricamente aceite pela comunidade científica, a possibilidade de existência de vida, em larga escala, por todo o Universo. A descoberta de exoplanetas levou a que, Astrónomos, Astrofísicos, Biólogos, Bioquímicos, Cosmólogos, etc., vêm tentando detectar possíveis sinais de vida superior inteligente, sem que contudo, até este momento, o seu esforço tenha sido recompensado. Os sinais de vida que se procuram, correspondem a um determinado grau evolutivo, que naturalmente seja compatível com tecnologias capazes de nos igualar ou ultrapassar. A existência teórica de vida, só por si, não responde às questões desta equação. Pode em determinado lugar existir vida em forma primária, mas o que se procura é vida com elevado grau de desenvolvimento tecnológico. Pela lei das probabilidades, ela pode e deve existir, mas numa pequena franja do Cosmos.

9. A hipótese extraterrestre, como única e possível explicação para o fenómeno dos “Não Identificados”, terá por isso que ser analisada sob vários constrangimentos:

- a) Existência de mundos habitados por seres possuidores de alta tecnologia.
- b) Possibilidade de ultrapassar a barreira da luz.
- c) Missões que pressupõem objectivos concretos e propósitos definidos.

Assim, analisando o problema dentro desta vertente e à luz dos actuais conhecimentos científicos, poder-se-á concluir o seguinte:

a) Como já foi exposto, admitir a existência de vida em diversos lugares espalhados pelo Cosmos, é uma certeza indiscutível, embora ainda não confirmada. Outra coisa é equacionar o problema sobre a existência de criaturas dotadas de inteligência e raciocínio, que tenham desenvolvido uma filosofia e uma tecnologia que lhes permita viajar no espaço e percorrer, em tempo útil de vida, distâncias fabulosas. Probabilisticamente, o número de “lugares” albergando esse tipo de civilização, será na proporção de 5 para 1, o que poderá significar um reduzido índice nas áreas próximas à Terra.

b) Barreira que, para a nossa civilização, tem condicionado a nossa própria “aventura” espacial, o limite da velocidade da luz, ditado por Albert Einstein, na sua Teoria da Relatividade, inviabiliza a nossa presença em mundos afastados do nosso. Não tendo sido, até hoje, contrariada, esta teoria define que esta velocidade é, teoricamente, a máxima a que um corpo pode estar sujeito.

c) Tendo em linha de conta os relatos das testemunhas, dificilmente se consegue discernir quais os objectivos concretos dessas hipotéticas “incursões” ao nosso planeta, partindo do princípio lógico que terão que obedecer a projectos extremamente bem elaborados e concretos, que naturalmente envolvem perigos vários e diferentes acções, dentro de um programa pré-estabelecido, do qual haverá que fornecer resultados, quando a “realidade” nos dá conta de permanências esporádicas e curtas, cujos resultados parecem não justificar os meios.

10. Pensamos que a investigação deverá orientar a sua pesquisa tendo em atenção outras vertentes possíveis, sem contudo esquecer a possibilidade

extraterrestre. Indícios culturais, históricos e outros, existentes no nosso mundo, levam-nos a concluir que não é lícito excluir essa hipótese, enquanto existirem tantas dúvidas, quanto à nossa história passada e também presente. As outras hipóteses, a merecerem a máxima atenção, serão aquelas que incidem em relatos de fenómenos aparentemente adjacentes ou satélites:

- Casos de contactos com entidades antropomórficas, vulgarmente descritas como personagens religiosas ou míticas;
- Casos de contactos mediúnicos ou do foro parapsicológico;
- Estados alterados de consciência, de índole patológica.

Ter em conta tudo o que, aparentemente, possa parecer marginal:

- Novas teorias, utopias lógicas, histórias fantásticas e, em resumo, a marginalidade do pensamento humano. Sobretudo, tentar analisar o problema “do lado de fora”, e equacionar a nossa própria realidade, enquanto seres vivos e humanos deste planeta. A nossa forma e função física, a nossa psique, o nosso nível intelectual médio, a nossa postura social, a nossa história e filosofia.

## **OS “NÃO IDENTIFICADOS” E A HIPÓTESE EXTRATERRESTRE**

É impossível fazer omeletas sem ovos!

Aceitar passivamente a presença no nosso espaço aéreo de artefactos alienígenas, continua a ser uma das leituras preferenciais quando alguém observa algo incomum nos céus.

Foram os “discos voadores” e agora os “OVNIS”, que embora signifiquem isso mesmo – Objectos Voadores Não Identificados – comutam-se, de imediato, com o imaginário ET.

Aceitar essa situação é admitir a possibilidade de existência de criaturas extraterrestres altamente evoluídas, não só capazes de construir aparelhos, como de viajar graças a eles, desde os seus mundos, atravessando o cosmos até nós, ultrapassando as barreiras físicas que a todos condiciona.

Terá que ser esta a leitura objectiva e temporal que nós devemos fazer, antes de enveredar por hipóteses de trabalho ainda no campo da especulação.

É óbvio que já se conseguiram contabilizar efectivamente mais de 400 planetas extra solares, mas continuamos sem argumentos plausíveis que nos indiquem que nesses mundos exista vida, embora teoricamente se aceite, hoje, que o Universo deve estar cheio dela! De facto, a ciência admite que o Universo pulsa de vida.

Contudo, a existência de vida não significa que essa tenha atingido níveis culturais e tecnológicos capazes de estabelecer contactos com vizinhos cósmicos!

Surge por isso a interrogação: Será que alguma civilização cósmica conseguiu vencer todos os obstáculos, para nós actualmente inultrapassáveis, e aqui tenha chegado?

Com a prudência devida e todas as reticências inerentes, vários investigadores, incluindo alguns na área dos “não identificados”, pensam que sim.

Esta conclusão não é gratuita nem divorciada de consciência científica. Ela surge fruto de longos trabalhos imparciais, não só na área específica dos “não identificados”, como em outras disciplinas do conhecimento, nomeadamente naquelas que se preocupam com a Astronomia, Astrofísica, etc.

Evidências incontestáveis no sector da ovniologia, um entendimento lógico das equações que apontam para essa possibilidade (mesmo longínqua), as perspectivas que se desenham e se adivinham, o nosso próprio progresso cósmico, e a reequação de muitas das leis físicas que nos condicionam, são o bastante para que existam condições mínimas para continuar as investigações. Se assim não fosse, não faria sentido prosseguir, mergulhados no pântano controverso da investigação OVNI, sempre vítima de uma arma de dois afiados gumes: os que fazem do tema

uma questão de fé e os que ridicularizam propositadamente essa procura. Uns e outros iguais na diferença, que é mais igual que diferente ... infelizmente!

É no fio desta navalha que muita gente, indiferente ao ladrar dos cachorros, continua apostada em continuar.

Desta consciência são exemplo vários colegas da PUFOI, mas também tantos outros amigos portugueses, cujo passado investigativo contribuiu para tanto, sempre se interrogando na procura desapaixonada de respostas plausíveis para este autêntico quebra-cabeças.

Nesta medida austera, os ovniologistas – como são conhecidos – não são sonhadores, não pertencem a seitas esquisitas, não trabalham por questões de fé ou compromisso; fazem-no com consciência e racionalidade, que é a única forma de entendimento possível face ao fenómeno. É a única maneira de separar o trigo do joio, como diz o povo, caso contrário, nunca iremos conseguir escapar do limbo que limita e contraria a subida ao patamar superior.

## **O OVNILOGISTA**

Esta palavra surge da anexação de uma sigla e do prefixo que designa a intenção da pesquisa, entendimento, divulgação, etc. O tema e aquele que o estuda.

Ser-se ovniologista é ser-se independente das correntes pró ou contra, que normalmente são o exercício dos curiosos e especuladores.

Ser-se ovniologista é ser-se sério, isento, conhecedor.

Esta regra de ouro obriga o investigador a um constante aperfeiçoamento dos seus métodos de trabalho e a conhecer, em profundidade, os diversos cenários onde ocorrem esses fenómenos. Mas não apenas isso! Ele deve igualmente saber muito mais coisas, que na maioria não passa pela cabeça do vulgar cidadão: psicologia

humana, em todas as suas generalidades, história geral, regional e local (crenças, lendas, mitos e imaginários), biologia (desde formas unicelulares até às estruturas mais complexas, como a humana), mineralogia, botânica, meteorologia, sismologia, cartografia, fotografia/cinema/vídeo, electrónica, robótica, cosmologia, astronáutica, entre tantas outras vastas e variadas matérias, porque todas elas são necessárias ao estudo dos “não identificados”.

Naturalmente que todo este conhecimento advém, na maior parte das situações, do auto-didactismo e de uma boa documentação, relacionamentos com peritos em diversas áreas e uma biblioteca bem fornecida.

Ser astrónomo, mesmo amador (na teoria e na prática), significa também uma óptima ferramenta de ajuda, assim como é imprescindível conhecer todos os artefactos aéreos que a humanidade tem inventado e usa, seja um simples aeromodelo, um balão, um míssil – existem muitos - até ao Boeing 767 ou o Caça F117 Stealth (Furtivo)!

Resumidamente, estas e outras áreas do conhecimento devem fazer parte do currículo de quem deseja enveredar pelo estudo deste apaixonante mistério.

Assim, minimamente equipado e simultaneamente de espírito aberto e muito crítico, é possível chegar-se a alguns resultados interessantes ou a algumas verdades relativas.

## **VIDA**

A Vida acontece onde haja as mínimas condições para que ela se adapte, se fixe, se reproduza e evolua, sabendo-se hoje que o leque de possibilidades é superior àquele que se imaginava, mas mesmo assim, sujeita a um equilíbrio minimamente razoável.

A razoabilidade desse equilíbrio surge de um padrão feito a partir da nossa própria experiência, tendo naturalmente como modelo a nossa própria Terra, um astro cheio de vida, graças ao tal equilíbrio perfeito resultante das singularidades do Sistema Solar em que se integra, onde a estrela central – o Sol – desempenha um importante papel. Um planeta com massa e gravidade capaz de o manter nem muito perto, nem muito longe da sua estrela, nem demasiado quente nem o oposto, capaz de reter uma atmosfera, água em estado líquido, em abundância, e todos os nutrientes necessários ao aparecimento de formas diversas de vida. Um conjunto harmonioso de elementos químicos, num lugar harmonioso do Universo.

Será que este equilíbrio harmonioso apenas se verifica na nossa Terra? Existirão outros planetas em condições idênticas? Será que o nosso modelo é a fronteira entre possibilidades de vida e a ausência dela? Quais serão os limites até onde será possível a existência de vida, que ela se fixe e se torne superior?

Em Outubro de 2010, foi possível responder a algumas destas questões, pois um grupo de astrónomos norte-americanos descobriu um novo exoplaneta (planeta existente fora do nosso sistema solar), catalogado como Gliese 581g e situado na órbita de uma estrela anã vermelha, com a mesma referência, a 20 anos-luz de distância da Terra.

Aparentemente, este planeta possui atmosfera e gravidade semelhantes às da Terra, e como a sua órbita se situa numa zona fértil, ou seja, nem muito quente nem muito gelada – portanto, capaz de sustentar vida – a possibilidade de existir água na sua superfície é muito provável, como já foi avançado pelos cientistas da Universidade de Santa Cruz, na Califórnia, e corroborado pelo Instituto Carnegie, em Washington, o que é mais uma prova da importância desta descoberta.

Por outro lado, o astrónomo Geoff Marcy, da mesma universidade, refere que na nossa galáxia, constituída por 200 mil milhões de estrelas, deverão existir cerca de 46 mil milhões de planetas. “Os planetas estão por todo o lado”, refere este astrónomo.

A resposta também se encontra aqui no nosso lar, onde existem criaturas que vivem e se reproduzem em condições extremamente desiguais às do Homem.

São os “bichinhos” que encontramos nos fundos marinhos, onde a pressão é gigantesca, são os organismos que proliferam em ambientes normais para os humanos; para as bactérias anaeróbicas, respirar oxigénio revela-se mortal, para os grilos dos fornos a vida faz-se a mais de 600 graus centígrados, e para muitos outros animais, o facto de suportarem temperaturas de 50 graus negativos, não os condiciona. Apenas estes exemplos serão suficientes para que se entenda que o leque de possibilidades de vida é enorme.

Naturalmente que estas conclusões não significam que a vida exista à sorte e aos “pontapés”. Apenas nos diz que o padrão é flexível e que o “milagre” da vida não aconteceu na Terra por vontade de ninguém, sendo no entanto lógico e racional pensar que a vida, na generalidade, prolifera pelo Universo, sem sombra de dúvida, o que não significa um argumento sustentado para advogar, sem mais reservas, a ideia dos Discos Voadores ou dos OVNI’s, como coisa banal.

Acontece porém que desde tempos remotos nos surgem referências a fenómenos celestes designando-os como um qualquer artefacto: círculos de fogo, carros e cavalos de fogo, moradas de deuses, etc. Que pensar destes relatos ou de outros tantos factos estranhos?

Para o passado podemos incluir fenómenos astronómicos, decerto na origem de confusões: carros de fogo também podem ser cometas, mas não podemos ser tão extremistas, tendo em consideração alguns textos ainda “misteriosos”, como é o caso de algumas passagens bíblicas.

No decorrer dos séculos, especialmente no Ocidente, outros fenómenos, por vezes associados a artefactos estranhos, ganharam alguma credibilidade.

As coisas complicaram-se, a partir de meados do século XX, onde um pouco por todo o mundo se somam visões ET!

Nos últimos 60 anos, segundo cálculos “por baixo”, ter-se-iam detectado cerca de um milhão de OVNI’s. Grosso modo, isto a ser verdade, resultaria em 45,6 aparições por dia! Um tráfego de hora de ponta! Ninguém com bom senso poderá aceitar uma leitura deste género. Como diria o povo: nem tanto ao mar, nem tanto à terra; sendo as “vagas” devidas a fraudes, confusões e por aí fora, é pouco credível que tal seja possível!

Se a nossa Terra já foi alguma vez palco do interesse de vizinhos cósmicos? Direi que sim, muito provavelmente! Mas, com o mesmo cuidado de sempre, apenas são apelativos alguns casos. Iremos vê-los mais à frente.

Embora sem absolutas certezas, devemos equacionar seriamente essa hipótese, mas não fazer dela um “cavalo de batalha”.

A célebre equação de Drake poderá não responder concretamente à questão dos OVNI’s, mas fornece os ingredientes necessários para pensarmos na possibilidade de existirem vizinhos na nossa Galáxia, capazes de comunicarem.

Eis a equação:  $N = R^* \times fp \times ne \times fe \times fi \times fc \times L$ , em que,

$R^*$  - significa a velocidade média de formação de estrelas

$fp$  – número de planetas por cada estrela

$ne$  – número de planetas com condições para a evolução de vida

$fe$  – número de planetas em que a vida efectivamente existe

$fi$  – fracção de planetas com vida inteligente

$fc$  – número de sociedades comunicativas (tecnicamente avançadas)

$L$  – tempo de existência de uma sociedade técnica

Frank Drake trabalhou no Projecto SETI (Search for Extraterrestrial Intelligence), procurando sinais de comunicação com possíveis vizinhos cósmicos. Sinais rádio e não as suas naves! Nós próprios conseguimos enviar sinais rádio através do espaço, mas não somos capazes de viajar nele.

O cálculo final – controverso – da sua equação foi o valor N. Tem-se concluído que esse valor pode rondar entre 1 (a nossa) e vários milhões (1 a 3).

Parece, pois, que ficamos na mesma. Três milhões de hipóteses em aberto, para 100.000 milhões de estrelas, são animadoras, mas apenas especulação.

Antes de Frank Drake, o genial Albert Einstein, eminente físico, criou a Teoria da Relatividade, até hoje aceite pela Ciência. Segundo ela, é impossível ultrapassar a velocidade da luz (300.000 km/s), sem que se possam evitar fenómenos “radicais”. Nenhum ser biológico seria capaz de sobreviver a essa experiência, mas se isso fosse possível, confrontar-se-ia com as teorias do espaço e do tempo. Segundo essa teoria “universal”, viagens cósmicas de anos-luz são impossíveis para criaturas biologicamente semelhantes a nós. Essa gigantesca barreira é válida para todos os seres vivos do Universo! Isso inclui-nos a nós próprios, uma civilização com capacidade para a tentativa de comunicar via rádio com alienígenas, mas incapaz de efectuar viagens interplanetárias, tal como as imaginamos para os nossos desejados vizinhos. O Homem foi à Lua, numa viagem planeada durante anos, que demorou vários dias, para cobrir apenas pouco mais de 300.000 Kms (1 segundo-luz!).

O Homem ainda não conseguiu pisar o solo de Marte, a apenas 4 minutos-luz (72.000.000 kms) e tão cedo não chegará à estrela mais próxima a seguir ao Sol, que dista 4,2 anos anos-luz, qualquer coisa como 37.420.800.000 kms! Para isso, teria que ultrapassar a velocidade da luz, muitas vezes, o que, como vimos, segundo Einstein, é impossível. É, até hoje, uma lei incontornável, embora se especule à sua volta.

Segundo a Teoria Relativista, não é possível ultrapassar a barreira da luz sem que se possam evitar consequências desastrosas. Nenhum ser biológico seria capaz de

sobreviver a uma aceleração desse tipo, fosse qual fosse a criatura, mas mesmo que isso fosse possível, confrontar-se-iam com as condicionantes do espaço-tempo. A Teoria de Albert Einstein é universal, aplica-se a qualquer lugar do Universo, a qualquer criatura. Se assim fosse, a história acabaria por aqui, e não haveria suspeitas fundadas para duvidar. Certezas absolutas não existem. Se existissem, ainda hoje pensaríamos ser impossível que um corpo mais pesado que a água nela pudesse flutuar. Contudo, sem o auxílio das nossas leis físicas, só nos é possível especular.

Uma coisa parece certa; existem períodos de “acalmia”, que funcionam como o intervalo necessário para que as criaturas que se distinguem do resto dos animais tenham tempo para atingirem elevados níveis tecnológicos e progredirem até aos limites das suas capacidades. São períodos entre extremos, calculados em cerca de 200.000 anos; extremos em que as criaturas superiores não conseguem sobreviver.

A nossa Terra encontra-se, neste momento, em situação de “calma” aparente, o que já dura há cerca de 150.000 anos. Isto significa que ainda nos resta o tempo suficiente para talvez nos tornarmos exploradores cósmicos, antes que a Terra nos “sacuda”.

Tal significa pois, que as possíveis grandes civilizações cósmicas têm os dias contados ... Nada é imortal e infinito.

Será que, no nosso Universo, algumas das civilizações comunicantes, como definido na equação de Drake em  $f_c$ , conseguiram ultrapassar o ponto L?

Teoricamente, a hipótese de vida inteligente e tecnologicamente superior aumenta à medida que nos afastamos do nosso planeta, mergulhando sucessivamente em zonas cada vez mais povoadas de estrelas; mas isso, segundo - e sempre - as nossas leis, inviabiliza as capacidades de vencer distâncias colossais, em tempo (sem falar de espaço) útil para a vida dos possíveis cosmonautas, exploradores – os tais vizinhos.

Esqueçamos, por momentos, as teorias que inviabilizam essas incursões e tentemos entender um pouco o Universo, para que consigamos raciocinar com clareza.

## **O NOSSO COSMOS**

Tudo aquilo que os nossos olhos possam vislumbrar numa noite escura e serena, longe dos grandes aglomerados urbanos, esses imensos pontinhos luminosos são apenas 0,001% da globalidade que constitui a nossa Galáxia – a Via Láctea, também conhecida por Estrada de Santiago.

A nossa galáxia é, pois, um corpo constituído por muitos milhões de sóis (estrelas), cujo número está calculado em cerca de 10 mil milhões; mas esse corpo galáctico não se resume somente a isso. Outros corpos menores existem na proporção de 1 estrela para 2.500 a 10.000 outros objectos sólidos – planetas maiores e menores e fragmentos com dimensões razoáveis, talvez biliões de outro tipo de matéria, detritos, poeiras, etc.

Cálculos aproximados estimam que, por cada pontinho luminoso que observamos, poderão existir milhares ou milhões de outros fragmentos – uns tão grandes que poderão ser planetas, outros tão pequenos que poderão ser somente poeiras. Algo de tão extraordinário e imprevisível que ainda hoje suscita grandes interrogações.

Seja como for, de acordo com os mais recentes conhecimentos científicos, a nossa galáxia, com uma envergadura superior a 150.000 anos-luz, é um “pequeno” corpo perdido no Universo. Ela é de facto uma pequena ilha solitária, de um arquipélago secundário, num vastíssimo oceano.

A nossa galáxia e mais 25, fazem parte do chamado Grupo Local Galáctico – o tal arquipélago a que fizemos referência. Estas galáxias, constituídas pelas “ilhas” já referidas, estão afastadas entre si, em média, cerca de 150.000 anos-luz. O nosso Grupo Local, de onde se destaca a nossa companheira mais próxima, Andrómeda, ocupa um espaço cósmico equivalente a 5 milhões de anos-luz de envergadura – um conjunto gigantesco à nossa medida, mas irrisório se o compararmos com o todo conhecido.

Depois, à medida que nos formos afastando do centro da nossa existência, mergulhando no espaço profundo, iremos encontrar mais “ilhas” de galáxias, “arquipélagos” delas ... Até onde a tecnologia humana nos pode conduzir temporalmente, são detectáveis milhares e milhares de galáxias idênticas à nossa própria.

Tentemos então perceber a gigantesca dimensão do Universo conhecido, para avaliarmos a situação.

Tomemos então como padrão a Via Láctea, comparando-a com um pequeno prato, um pires normal, cujo diâmetro é de aproximadamente 14 cm. A galáxia mais próxima é, como já referimos, Andrómeda; outro pires situado a 3 metros de nós, contendo milhões de corpos, tal como aqui. Vinte e seis pires afastados 3 metros entre si, em situação tridimensional, equivale, aproximadamente, a uma esfera de 12 a 20 metros de envergadura – o tal arquipélago mencionado – um território tão vasto que é impossível não aceitar a existência de vida biológica, mas um pequenino grão de areia universal. Os catálogos não param de acrescentar mais e mais galáxias quase “todos os dias”. O número destes objectos já se leva a muitas dezenas de milhares.

Mas regressemos a nossa “casa”, para entendermos o problema numa possível origem mais lógica e racional.

Se entendermos que não é fácil viajar entre “alvos” distanciados alguns anos-luz, não faz sentido imaginar viagens intergalácticas – não sejamos mais papistas do que o papa – viagens de muitos milhões de milénios-luz.

O nosso sistema solar situa-se na periferia da galáxia, numa zona pouco habitada de estrelas. Se tomarmos o nosso Sol como ponto de referência, encontramos cerca de 350 estrelas, num raio de 300 anos-luz, onde as mais próximas se situam a aproximadamente 4 anos-luz e as mais afastadas à distância referida. Uma percentagem ridícula de estrelas, se comparada com as restantes. Se fosse possível igualar a velocidade da luz, uma nave levaria mais de 4 anos a chegar ao alvo mais

próximo do Sol (Proxima Centauro), e outros tantos no regresso – 8 anos no espaço, não contabilizando o tempo dedicado à investigação.

Suponhamos alvos mais distantes – 15, 20, 35, 50, 100, 300 anos-luz – abrangendo, mesmo assim, poucos objectivos. Uma tripulação gastaria todo esse tempo de vida e não seria suficiente, mesmo que vivesse o dobro dos humanos. Para que as viagens cósmicas fossem biologicamente viáveis, essas possíveis civilizações não só conseguiriam atingir a velocidade da luz, como a ultrapassariam várias vezes ... Centenas de vezes!

Entramos assim na pura especulação.

Será que alguma civilização galáctica conseguiu ultrapassar todas as barreiras (luz incluída)?

Tudo parece indicar que algumas civilizações o conseguiram, mas escassíssimas excepções à regra. Quem seriam e de onde teriam vindo?

Ninguém poderá afirmar seja o que for, apenas verificar a inviabilidade do cenário que nos chega de todo o lado, exceptuando os “grandes inéditos”.

Os media conhecem todos os gigantescos avanços científicos da civilização humana e todos os dias surgem “maravilhas”, mas a área espacial ainda se encontra muito longe dessas aventuras, só possíveis nos filmes de ficção científica.

Até aos dias de hoje a criatura humana só conseguiu pisar o solo de um lugar extraterrestre – a Lua – depois de muitos anos de trabalhos e ensaios, algumas mortes e biliões de dólares. Naves robotizadas são outra coisa, não envolvem as fragilidades da criatura humana, só necessitam de energia eléctrica e depósitos de combustível (não muito volumosos). Assim, podem, a velocidades lentas, viajar até aos confins do nosso Sistema Solar, sem problemas, levando anos na execução das suas missões, algo que seria muito problemático se a missão fosse tripulada. Uma tripulação exige outros recursos: espaços maiores e complexos sistemas de sobrevivência, para além das capacidades físicas e psicológicas dessa equipa. Ar, água e alimentos são aspectos que têm de ser considerados quando existem

peças e, mesmo reduzindo e aproveitando ao máximo esses consumíveis, uma nave com um destino mais distante do que a Lua, seria como um grande submarino onde tudo deverá funcionar a 100%.

Há anos que o Homem deseja pisar o solo de Marte e ainda não o conseguiu – uma viagem de apenas 4 minutos-luz, não 4, 25, 50 ou 300 anos! Essa desejada viagem começou a ser prevista ainda nos anos 60 do século XX. Já decorreram mais de 40 anos e pensa-se que essa missão tripulada só será realizada lá para 2030/2035! Isso se por esse tempo não nos tenhamos auto-destruído, se não colidirmos com a Terra um super-meteorito, ou se um super-vulcão não despertar do seu sono milenar.

Quão frágeis são estas super-civilizações!

Daqui a quanto tempo nos será possível viajar até à Próxima Centauro?

Se reflectirmos sobre tudo isto, concluiremos que os OVNI's (no conceito de naves extraterrestres!), são coisa invulgar mas teoricamente possível, como referido, e prováveis evidências, se considerarmos extraterrestres os tais eventos que superaram, até hoje, todos os filtros científicos possíveis. São essas poucas evidências que nos dizem haver raras excepções à regra. Raras ou raríssimas excepções!

## **A POSIÇÃO DA PUFOI**

Esta reflexão, aqui apresentada, foi largamente discutida no seio da PUFOI. Na mesa, explicaram-se teorias, discutiram-se hipóteses, analisaram-se os casos OVNI mais relevantes, com especial ênfase nos ocorridos em Portugal, ou com observadores portugueses (referidos no final do texto), falou-se da História humana, de crenças e evidências. De muito se falou e algo se concluiu, após longo tempo, de uma forma consciente, científica, livre e democrática.

Os dados foram lançados e o resultado foi consensual:

- Alguém de fora (não terrestre), vindo de algures, criaturas vivas e mortais, aqui teriam chegado.

- De que forma e como?

Provavelmente, utilizaram dois processos distintos:

- 1) Intervenções directas, sem contactos físicos;
  - 2) Contactos indirectos (sondas telecomandadas, por exemplo).
- Finalmente, apresentam-se então os casos que consideramos de excepção, testemunhados por observadores portugueses, de vários estratos sociais e diferentes habilitações académicas. É de referir ainda que os elevados índices de estranheza dos vários eventos ocorridos, um pouco por toda a parte, levou-nos a considerar, como muito possível, uma intervenção indirecta de entidades alienígenas, ao nível do nosso planeta, sobretudo no que diz respeito ao caso mais intrigante de todos, que se refere aos acontecimentos ocorridos na Cova da Iria, Fátima – entre 1915 e 1917: Seis observações de uma entidade antropomórfica, de aspecto feminino, a datas e horas coincidentes, que foram precedidas pelo aparecimento de “anjos”. A última visão foi em 13 de Outubro de 1917, onde estiveram presentes cerca de 60.000 pessoas. Aí, entre outros fenómenos físicos, foi observado um objecto luminoso circular, ou esférico, que, mais tarde, foi designado como o “milagre do sol”.

- Aeroporto de Santa Maria, Açores – 20 de Setembro de 1954: Um guarda do aeroporto, observou um objecto luminoso, que aterrou na vertical, a curta distância. Desse aparelho voador, viu sair um tripulante que se aproximou dele, lhe apertou a mão vigorosamente e lhe dirigiu algumas palavras imperceptíveis. Depois, deu-lhe palmadas amigáveis nas costas e regressou para junto do aparelho. Seguidamente, retomou o seu lugar no objecto voador, o qual, imediatamente e com grande velocidade, voltou a subir no ar, quase sem produzir ruído. O guarda apenas sentiu uma leve vibração.

- Entre Córdoba e Cáceres (Espanha) – 4 de Setembro de 1957: Quatro pilotos da Força Aérea Portuguesa (FAP), tendo como chefe de fila o capitão Lemos Ferreira (que viria a ser, mais tarde, Chefe do Estado Maior da Força Aérea), faziam um voo de rotina, de navegação nocturna, quando se depararam com um conjunto de fenómenos aéreos luminosos, com características completamente anómalas, e que, em determinado momento, se colocaram em rota de colisão com os aviões. Só a grande perícia dos pilotos impediu qualquer situação grave.

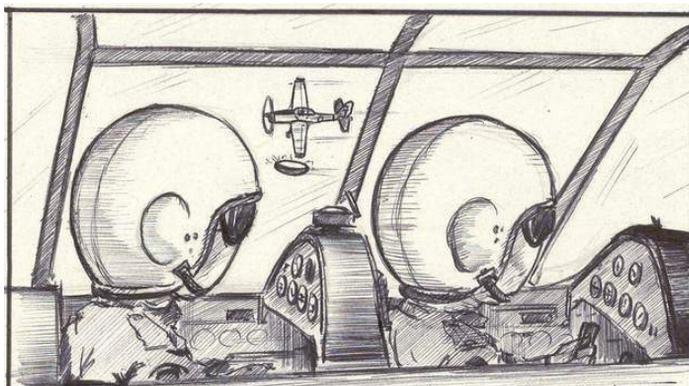
- Ilha Terceira, Açores – 31 de Janeiro de 1968: O guarda das instalações militares “Azores Air Station”, Serafim Sebastião, observou quatro ocupantes de um objecto voador não identificado, que, a baixa altitude, sobrevoou o seu posto de vigilância. O objecto era de forma oval, com brilho metálico, e culminava numa espécie de torre de vidro, com pequena balastrada. Devia ter cerca de 6 metros de comprimento e 3 de altura. Ao apontar o foco luminoso da sua lanterna na direcção do artefacto voador, foi envolvido por uma espécie de nuvem de poeira, tendo o objecto desaparecido, enquanto ele perdia os sentidos.

- Barragem do Castelo do Bode, Tomar – 1977: Ao sobrevoar a barragem de Castelo do Bode, o furriel da FAP, José Francisco Rodrigues, da Base Aérea de Tancos, ao efectuar um voo de treino diurno, avistou algo muito misterioso. Quando atravessava uma nuvem, deparou com uma forma bizarra, escura, semi-circular, de 12 a 15 metros de comprimento, com algumas saliências semelhantes a janelas, de cor branca amarelada, na sua parte inferior. Ao desaparecer, com uma forte aceleração, o objecto parece ter provocado uma forte vibração no avião, que entrou em voo descontrolado, em direcção ao solo. Foi com enorme dificuldade que o piloto conseguiu evitar chocar com a copa de algumas árvores. Verificou depois que havia alterações ao nível de alguns instrumentos do painel de bordo.

- OTA – 2 de Novembro de 1982: O tenente piloto-aviador, Júlio Guerra, da Base Aérea da Ota, que se encontrava a efectuar um voo de treino diurno, observou, a uma altitude de cerca de 1500 metros, um objecto brilhante, estranho, que se deslocava de Norte para Sul, a cerca de 100 metros do solo. Aproximando-se do referido objecto, o piloto pôde constatar que o mesmo parecia uma enorme “bolha de mercúrio”. Os alferes, Garcês e Gomes, que seguiam noutra avião, puderam corroborar esta observação.

- Alfena, Valongo – 10 de Setembro de 1990: Um grupo de crianças alertou para uma espécie de “balão”, que se deslocava no céu. Segundo uma das testemunhas, o objecto parecia uma “tartaruga com pernas”. Um morador no local, fotógrafo profissional, fez uma preciosa sequência de 4 fotos do artefacto voador, que foram analisadas cientificamente na França, Alemanha, Estados Unidos, para além do nosso próprio país. Apesar disso, não foi possível, até hoje, identificar positivamente o referido objecto. Este caso é, até agora, o melhor documentado e estudado em Portugal.

Outras observações existiram, principalmente ao longo das últimas décadas do séc. XX, mas estas são efectivamente aquelas mais significativas, no âmbito da fenomenologia OVNI portuguesa.



Caso da Ota, 1982



Caso de Alfena, Valongo, 1990

## V - Casuística nacional

Contabilizar todos os casos de fenómenos aéreos ou a eles associados, registados em território nacional em particular e inseri-los no contexto planetário, tornar-se-ia numa necessidade imperativa para os que pretendiam, como nós, estudar a fundo essas anomalias.

Quem via o quê, em que circunstâncias, onde, como, quando.

O resumo que se segue e que se refere ao período entre 1910 e 2010 (precisamente um século), foi elaborado graças ao espólio existente desde a primeira organização nacional (CEAFI), até às notícias da imprensa.

A esmagadora maioria das observações insólitas vinham parar directamente às mãos dos investigadores e por estes tratadas devidamente, assim como as notícias jornalísticas, quando os graus de estranheza e credibilidade se revelavam à partida suficientes para justificar interesse.

O património documental que originou este trabalho, contou, para além das centenas de inquéritos feitos às potenciais testemunhas dos chamados casos “ovni”, com as obras literárias de Joaquim Fernandes e de Sanchez Bueno, onde apresentavam alguns casos contemporâneos.

### OBJECTOS VOADORES NÃO IDENTIFICADOS

<b>Número total de casos investigados (1910-2010)</b>	<b>717</b>	<b>100%</b>
---	------------	-------------

<b>Casos negativos</b>	<b>230</b>	<b>32%</b>
<b>Casos duvidosos</b>	<b>359</b>	<b>50%</b>
<b>Casos com escassa informação</b>	<b>107</b>	<b>5%</b>
<b>Casos credíveis</b>	<b>21</b>	<b>3%</b>
<b>Observações nocturnas</b>	<b>580</b>	<b>81%</b>
<b>Observações diurnas</b>	<b>137</b>	<b>19%</b>
<b>Encontros aproximados dos graus 1 a 4</b>	<b>179</b>	<b>25%</b>

#### **FORMAS MAIS OBSERVADAS**

<b>Esférica</b>	<b>150</b>	<b>21%</b>
<b>Cilíndrica</b>	<b>78</b>	<b>11%</b>
<b>Discoidal</b>	<b>64</b>	<b>9%</b>
<b>Ovóide</b>	<b>61</b>	<b>8,5%</b>
<b>Disco voador</b>	<b>43</b>	<b>6%</b>
<b>Observações efectuadas por pilotos de aviões civis e militares (TAP e FAP)</b>	<b>11</b>	<b>1,5 %</b>
<b>Observação de entidades antropomórficas</b>	<b>29</b>	<b>4%</b>
<b>Meses de maior incidência</b>	<b>JAN – FEV – JUL – AGO – SET</b>	

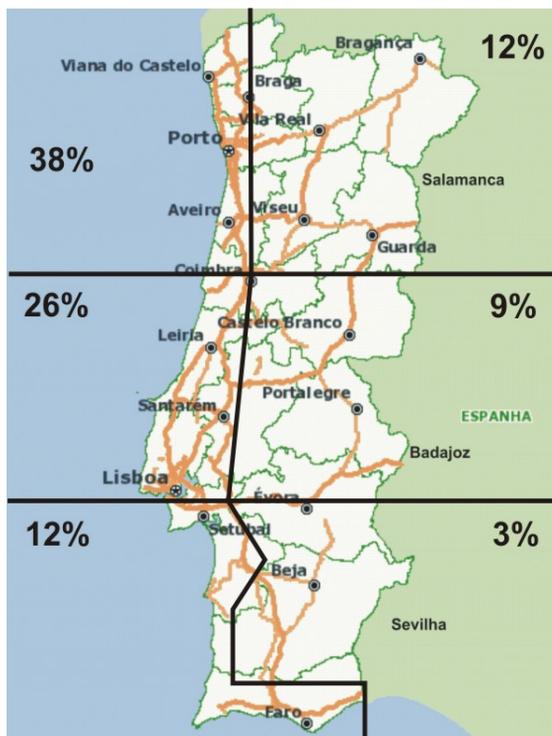
Vagas registadas (anos)  
2004

1975 – 1979 – 1980 – 1983 – 1993 -

A mais importante e credível

15 de Julho de 1979

### Distribuição Nacional



## OBJECTOS VOADORES NÃO IDENTIFICADOS



Classificação segundo

Hynek (\*)

**a) Luzes Nocturnas (LN) :** - São os acontecimentos mais frequentes e com menor índice de estranheza, ou seja, o conjunto de elementos que nos permitem excluir, com certa probabilidade, os referidos eventos, das categorias de fenómenos astronómicos, naturais ou artificiais luminosos. Em suma, nesta categoria integram-se as luzes vistas à noite no céu.

**b) Discos Diurnos (DD) :** - Entram nesta categoria de acontecimentos os objectos voadores não identificados vistos em pleno dia. As formas mais frequentemente citadas são as discoidais ou ovóides. As observações diurnas são menos numerosas que as nocturnas.

**c) Observações Radar-Visual (RV) :** - Integram-se nesta categoria as captações conjuntas por radar e por constatação directa e visual do fenómeno Ovni. Trata-se de uma categoria potencialmente abundante, mas a ausência de notificações oficiais prejudica, de certo modo, a avaliação da sua importância no conjunto das categorias. Contudo, a detecção pelo radar, complementada pela observação directa, não pode ser ignorada como um protótipo onde se alia a experiência instrumental (radar) e a experiência humana (testemunha).

**d) Encontros Imediatos do 1.º Grau (EI/1) :** - Nesta grande categoria denominada "encontros imediatos", entram todos os relatos de observação de "Ovnis", dando conta de objectos ou luzes vistos de bastante perto - geralmente

a menos de 200 metros. Por seu turno, e dada a variedade de estímulos que suscitam, os relatos são feitos a uma distância menor do que nas categorias precedentes. No primeiro sub-grupo, que se designa por EI/1, integram-se aqueles onde não foi registada nenhuma interacção entre o Ovni e a testemunha ou o ambiente, resultando apenas dessa observação, a curta distância, uma emoção bem nítida nos seres vivos.

**e) Encontros Imediatos do 2.º Grau (EI/2) :** - A partir do momento em que um "Ovni" deixa qualquer traço visível da sua passagem, provocando efeitos nos observadores ou no ambiente, estamos perante um caso do 2.º Grau. Estes efeitos concretizam-se de diversas formas: marcas no solo, que perduram durante tempo variável, calcinações ou desidratações das plantas ou dos solos, comportamento anormal dos animais, sensações de calor, paralisia temporária, asfixia, aumento de peso, etc., entre um sem número de alterações psico-fisiológicas nas testemunhas, cortes de energia ou abaixamentos de tensão nas redes de distribuição, apagamento dos faróis dos automóveis e paragem dos motores, interferências do campo gravítico/magnético local, com sensações de falta de peso e efeitos de inércia, como se a respectiva lei fosse temporariamente anulada, etc.

**f) Encontros Imediatos do 3.º Grau (EI/3) :** - É aqui que se integram todas as notificações de seres ou criaturas aos quais genericamente se atribuem as designações de "ocupantes", "humanóides" ou "ufonautas". Dos vários géneros ou tipos, assinalados por centenas de pessoas, alguns pretendem dizer que se trata de seres vivos respirando a nossa atmosfera, enquanto que outros se apresentam dotados de artefactos diversos, indicando um complemento ou adaptação tanto ao gás respirável como da pressão atmosférica e da gravidade. Talvez outros apontem para um género de "robot" ou mesmo "andróide", especialmente preparado para missões cujas finalidades nos escapam. Uma coisa é certa: de um vasto conjunto de testemunhos, oriundos das mais diferentes latitudes, nações, culturas ou classes sociais, extrai-se a presença "alienígena" como complemento da actividade dos Ovni's, o que não quer dizer que uma ou outra classe de seres observados não seja independente da ideia de veículo que a presença dos Ovni implica. Haverá entidades autónomas extra-Ovni ou todas elas serão reflexos múltiplos de existências exteriores à Humanidade ? Que responda quem souber !

\* **Hynek, J. Allen** - Astrónomo, já desaparecido, do Lindheimer Astromical Research Center da Universidade de Northwestern. Colaborador da USAF. Consultor científico do filme "Encontros Imediatos do 3º Grau", de Steven Spielberg.

## Zonas de Incidência



## VI - Regras do observador

Somos, na esmagadora maioria, potenciais maus observadores. Uma das razões principais é a de não termos por hábito a observação do detalhe. Se a observação for dirigida para o espaço aéreo, tanto pior. Olhamos, mas pouco vemos! Essa desabilitação poderá ser negativamente decisiva, quando confrontados com algo fora do comum, que se passe nesse cenário maravilhoso mas ainda pouco conhecido.

Uma percentagem elevadíssima dos relatos que descrevem a presença de objectos aéreos desconhecidos ou não identificados, acabam por se revelarem deficientes observações. Se quisermos ser minimamente rigorosos, devemos obedecer a algumas regras simples, mas fundamentais. Nada existe de pior do que nos "enganarmos" a nós próprios!... Podemos efectuar uma observação ocasionalmente, sendo "apanhados" de surpresa, mas também podemos pré-programar sessões de observação com a finalidade de "apanhar" algo de insólito. Em qualquer dos casos, devemos ter em atenção o seguinte:

1 - Só as observações que não deixarem margem para dúvidas, deverão ser consideradas. Devemos apenas dar particular atenção a tudo o que se passe até aos 4.000 metros, se existirem boas condições de visibilidade (a essa distância uma aeronave comercial de envergadura média representa metade da espessura do nosso dedo mínimo, à distância de um braço estendido). Que o seu aspecto,

forma, luminosidade, ruído, cor, plano de voo etc., suscite sérias suspeitas de que se está em presença de algo cuja natureza seja verdadeiramente incomum.

**2** - A distância do observador ao objecto observado, as condições meteorológicas, o campo de visão e o tempo de observação, são naturalmente de extrema importância para o resultado final, mas o seu conhecimento sobre a variedade, características e comportamentos dos artefactos convencionais, assim como o de outros "fenómenos" conhecidos e de um pouco de conhecimentos astronómicos, poderão ajudar a efectuar um bom depoimento e resultar numa informação importante.

**3** - Na maioria dos casos, muito do que não passa de vulgar é confundido com um "não identificado".

- Aeronaves civis e militares, especialmente durante o período nocturno.
- Satélites artificiais.
- Estrelas e planetas muito brilhantes.
- Queda de meteoritos.
- Passagem de meteoros (sem rota de colisão).
- Fenómenos de ionização (perto de jazidas minerais, cabos eléctricos de alta voltagem em dias de temporal/humidade etc.).
- Fenómenos eléctricos vários (trovoadas e efeitos colaterais).
- Balões sonda (meteorológicos), publicitários e congéneres.
- Bandos de aves ou insectos (formação compacta/ luminosidade reflexa).
- Reflexos luminosos em postes, placas, cabos etc.
- Focos e outras projecções de luz dirigida, cuja origem se desconheça ou não seja visível.
- Raios laser (discotecas, espectáculos exteriores etc.), cuja origem não seja ..visível.
- Fogos de artifício, quando observados demasiado longe da origem.
- Nuvens compactas de formas bizarras.
- Para-quedistas, sobretudo a grandes distâncias ou com má visibilidade.
- Sinais luminosos de embarcações (very-lights).
- Fogos fatuos ou de santelmo (difícilmente confundíveis).
- Artefactos aéreos experimentais (raros no nosso País).

**4** - O bom senso deverá imperar sempre. Devemos, em qualquer circunstância,

manter a calma a lucidez e o "sangue frio". Devemos ser racionais nas nossas observações, duvidar até ao último momento, mas gravar em memória todos os detalhes do que estamos observando.

Quando não tivermos absoluta certeza do que observamos, o melhor é não nos excitarmos e desconfiar sempre. A "nossa" ignorância pode ser nossa inimiga. O que se passa num cenário que não dominamos inteiramente, deve merecer especial cuidado.

**5** - Em caso de observar um objecto que se enquadre na categoria dos "não identificados" e que se encontre a menos de 1500m, dever-se-á tomar em conta e anotar:

- Local (zona do País, urbana/citadina/outra, características físicas, altitude, coordenadas etc.).
- Data/hora (registar começo e fim da observação).
- Condições meteorológicas (o mais detalhado possível).
- Distância aproximada do observador ao observado.
- Como se iniciou e como terminou a observação (altitude, azimutes etc.).
- Qual o aspecto do objecto observado (forma, luz, cor, ruído, odor, tipo de voo, pormenores de estrutura etc.).
- Efeitos secundários (no ambiente, no solo em objectos, em seres vivos ).
  
- Número de testemunhas (dados pessoais de cada uma).
- Executar um relatório escrito mencionando todos os detalhes da observação incluindo esboços ou desenhos do objecto e demais anotações que ache importantes e que enriqueçam o testemunho.
- Na existência de captação de imagem e som, referir esse material em anexo, tendo em atenção: características dos aparelhos utilizados, tipo de material usado, tempos de gravação ou exposição etc..

**6** - Se lhe acontecer uma observação semelhante, mas muito próxima, acompanhada da visualização ou percepção de entidades antropomórficas (facto raríssimo, mas nem de todo impossível), deverá redobrar os cuidados e estar com o máximo de atenção.

Não entre em excessos. Nem demasiado temerário, nem demasiado temeroso. Mantenha a calma, dominando as suas reacções naturais. Pare e pense. Seja frio e racional. Só assim poderá dominar-se.

Ponha o seu cérebro a trabalhar, não se sinta "inferiorizado" ou "dominado". Actue com prudência e com naturalidade. Não tome iniciativas. Vá actuando de acordo com a situação, tentando sempre jogar à defesa.

Tente recolher mentalmente todos os pormenores desse "encontro".

Evite tocar no que quer que seja.

Se existirem solicitações para alguma acção, certifique-se da sua integridade física.

Não se exponha em demasia.

Cuidado com focos, grelhas, tubos e outros acessórios que desconhece.

Tente contudo tirar o máximo partido da situação.

Não tente "roubar" nada, mas tente uma troca (tudo será inferior ao objecto de troca).

Passado o evento, procure de imediato o seu médico e conte-lhe o a sua experiência.

Procure a ajuda de um especialista nestas matérias (não procure videntes, bruxos etc., perderá o seu tempo).

## **PARA UMA OBSERVAÇÃO PREMEDITADA**

Escolha um bom local, afastado de luminosidades inconvenientes e com um bom campo de visão.

O ideal será um local elevado, no campo, com boas condições meteorológicas e com um campo de visibilidade de 360°.

Previamente deverá fazer um levantamento do local onde irá montar o seu posto de observação.

Localize num mapa da zona o seu posto e os mais importantes pontos de referência: zonas habitacionais, estradas, cursos de água, linhas de alta tensão, elevações etc.. Isso irá ajuda-lo na sua observação.

Deverá possuir elementos astronómicos (carta estelar da época) para que possa identificar os objectos mais proeminentes, de modo a não o confundirem e por outro lado o ajudarem como pontos de referência.

Deverá ter uma noção das rotas aéreas que cruzem esse espaço ( um contacto telefónico para o controle aéreo do aeroporto mais próximo, resolverá a questão).

Material mínimo necessário; bússola, máquina fotográfica equipada com

película sensível para o respectivo período do dia, ou câmara video ou similar, binóculos prismáticos (preferência 7x50), gravador de audio, relógio, lanterna, bloco de notas, carta topográfica da região e carta estelar (se a observação for nocturna).

Como material auxiliar; uma boa camisola de lã, um termos com café e muita paciência.

## TER EM ATENÇÃO

Ao que não devemos dar demasiada importância:

- Pontos luminosos longínquos aparentemente estáticos.
- Pontos luminosos com trajectórias de aparência orbital.
- Formas nublosas compactas, solitárias, que se desloquem no sentido das massas de ar.
- Refracções de luz nas altas camadas atmosféricas.
- "Fenómenos" inconsistentes, pouco nítidos, difusos e espontâneos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Muitos "OVNIS" aparecem nas fotografias, sem que o autor das mesmas os tenha visto. Cuidado. Certamente trata-se de um reflexo luminoso de cuja origem não deu conta ou sujidade na óptica da sua máquina.

Aconselhamos que exclua do seu equipamento, qualquer aparelho óptico destinado a observações astronómicas. Não servirão de todo para efectuarem observações de objectos em movimento. Será praticamente impossível enquadrá-los e focá-los.

## CONCLUINDO

A identificação dos numerosos fenómenos naturais e outros só poderá levantar dúvidas em situações de observação difícil ou desfavorável.

A pouca atenção ou, simplesmente, a falta de uma elementar informação, só originam um fenómeno chamado "EQUÍVOCO".

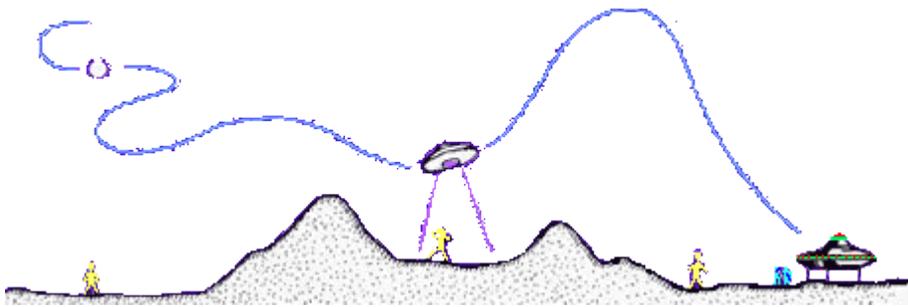
Não procuremos "Ovnis" onde eles não estão.

Este tipo de fenômeno é extremamente raro e exige, uma paciência astronômica a quem o procura. Quando surge, normalmente, o seu peculiar comportamento "inteligente" marca bem a diferença em relação a qualquer outro evento de origem terrena.

Não descartamos, porém, a possibilidade de ocorrências onde o incrível e o maravilhoso possam acontecer

### **Observações de tipo "Ovni" mais correntes**

Veja a classificação geral segundo Hynek



Luz noturna

EI-2

EI-3

Muitas observações, perfeitamente explicáveis, são confundidas com "Ovni's", por exemplo:

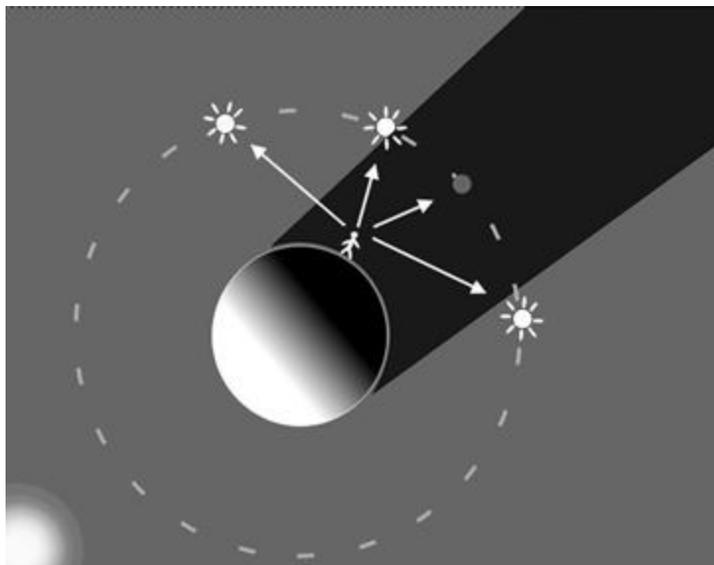
- Aeronaves civis e militares, especialmente durante o período noturno.

No período diurno são difíceis de confundir. Além disso o nosso país, tanto quanto sabemos, não costuma a ser o local de ensaio de protótipos de aeronaves cuja forma, fora do comum, pudesse originar alguma confusão com "Ovnis".

No período noturno será mais fácil a ocorrência de situações de dúvida. No

entanto, a maioria esmagadora de certos efeitos luminosos são originados pelo ângulo de visão das vulgares luzes de presença e de aproximação dos aviões.

- **Satélites artificiais.**



Por sua vez os satélites geo-estacionários são muito difíceis de identificar já que não passam de pequenos pontos fixos raramente visíveis.

- **Estrelas e planetas muito brilhantes.** Luzes pontuais, aparentemente fixas e mais ou menos proeminentes. O seu movimento só é percebido ao fim de uns minutos de observação e deve-se ao movimento da Terra.

- **Queda de meteoritos.**

- **Passagem de meteoros (sem rota de colisão).**

Um meteorito é uma massa de origem natural, rochosa, metálica ou de gelo cometário (material aquífero, muito poroso, principalmente metano, amônia e água). No seu núcleo, partículas de ferro, níquel, cálcio, magnésio, silício, sódio e outros elementos).

Associada à "exploração do espacial" pelo homem, surgem, também, agora os

meteoritos artificiais. produto de inúmeros fragmentos de satélites e outros corpos. Em qualquer dos casos, o comportamento destes objectos em rota de colisão com o solo do nosso planeta é semelhante aos meteoritos naturais. Para que o termo meteorito seja aplicado, estes objectos terão de sobreviver no seu percurso através da atmosfera e que caiam no solo ou que se desintegrem perto deste. A queda é frequentemente acompanhada por chispas de luz, por silvos ou sons explosivos, mais ou menos profundos. Acontecem, por vezes, pequenas ou grandes vibrações e até tremores no solo e nos edifícios. O relato destes efeitos normalmente é empolado pelos eventuais observadores pouco habituados a tais eventos.

A maioria dos meteoritos são encontrados no solo ou enterrados a pequenas profundidades. Alguns, muito raros, produzem crateras de impacto cujas dimensões poderão atingir proporções gigantescas. Outros explodem ou desintegram-se antes de atingir o solo. (ver "Caso de Amares" e "Tunguska")

O rasto deixado por estes corpos deve-se à onda de choque que acontece durante o seu percurso pela atmosfera. O calor provocado por esta onda e a deslocação do ar provoca a sua desagregação e a libertação de energia em forma de luz e calor. e do quadrado da sua velocidade. O brilho também depende da densidade do ar e naturalmente da sua natureza. Os de origem cometária, são extremamente porosos e frágeis; estes se forem de pequenas dimensões, ao serem fraccionados durante o seu percurso através da atmosfera, desaparecem com um aumento súbito de brilho, explodem perto do solo e raramente colidem com o terreno. O número de meteoritos que anualmente cai na Terra e cujo peso é superior às 100gr., é de cerca de 3 0.000. Destes cerca de 100, pesam 10kg. ou mais. Uma percentagem mínima ( cerca de 1% ) pesará mais de 100kg.. Com o peso inferior a 100gr., caem milhões deles. De todos, cerca de 75% cai no mar.

**- Fenómenos de ionização (perto de jazidas minerais, cabos eléctricos de alta voltagem em dias de temporal/humidade etc.).**

São fenómenos circunscritos, de reduzida dimensão, efémeros, inconsistentes e facilmente identificáveis.

**- Fenómenos eléctricos vários (trovoadas e efeitos colaterais).**

São fenómenos bem conhecidos (e com alguma afinidade com as trovoadas) que somente em condições muito especiais poderão ser confundidos.



Raramente poderão produzir efeitos estranhos como por exemplo, raios bola ou globulares, mas mesmo assim fenómenos perfeitamente identificados e naturais apesar da ciência ainda não os explicar cabalmente

**- Balões sonda (meteorológicos), publicitários e congêneres.**

Este tipo de artefacto confunde muitas vezes o observador menos perspicaz ou atento

Os balões sonda ou meteorológicos, constituídos por material bastante leve e elástico, têm uma forma arredondada e o seu diâmetro raramente atinge os três metros. Após cheio de hélio, é lançado na atmosfera e movem-se ao sabor das correntes de ar. As suas cores são claras (branco, creme etc.) e reflectem naturalmente a luz solar. Pendurada ao balão, alguns metros abaixo, existe uma pequena caixa onde se encontra o transmissor de dados. Essa caixa ao mover-se aleatoriamente, “lança” reflexos solares em todas as direcções.

Os balões estratosféricos, são de grandes dimensões, podendo atingir algumas dezenas de metros de envergadura. Este tipo de aparelho, raramente é utilizado, sobretudo no nosso País.

Na generalidade, são objectos facilmente identificáveis.

**- Bandos de aves ou insectos (formação compacta/ luminosidade reflexa).**

Bandos de aves ou nuvens de insectos (ou uma ave solitária de envergadura média: gaivota p.ex.), podem reflectir, durante a noite, a luz envolvente de um aglomerado populacional (aldeia, vila ou cidade), e dar a sensação de um corpo luminoso, embora muito ténue.

Só uma observação repentina e em condições muito adversas, poderá induzir o observador em erro.

- Reflexos luminosos em postes, placas, cabos etc.
- Focos e outras projecções de luz dirigida, cuja origem se desconheça ou não seja visível.
- Raios laser (discotecas, espectáculos exteriores etc.), cuja origem não seja visível.
- Fogos de artifício, quando observados demasiado longe da origem.



- **Nuvens compactas de formas bizarras**

- **Pára-quedistas, sobretudo a grandes distâncias ou com má visibilidade.**  
Só possível confundir em condições de observação muito particulares. Longa

distância, obstáculos em interposição, observação fugaz.

**- Sinais luminosos de embarcações (very-lights).**

Os sinais luminosos, porventura efectuados de embarcações em perigo, não são vulgares.

Mesmo assim, só observadores que se encontrem na costa marítima, os poderão detectar.

Os “very lights”, como são designados, são pequenos cartuchos de foguete, disparados por uma pistola própria, ou mais recentemente, dispendo de um dispositivo de disparo anexo.

Comportam-se como fogo de artifício. Sobem no céu, deixando um pequeno rasto, incendeiam-se, produzindo uma forte luminosidade, que poderá ser de cor branco, vermelho, verde e pouco mais. Caiem lentamente até se consumirem. São facilmente detectáveis.

**- Fogos fatuos ou de santelmo (dificilmente confundíveis).**

O fogo fátuo é um fenómeno proveniente da inflamação do fosforeto de hidrogénio que se liberta dos corpos orgânicos em decomposição, em forma de gás luminoso, muito comum em cemitérios e em pântanos ou charcos de águas paradas.

O fogo-de-santelmo, é uma chama azulada que, especialmente durante as tempestades, aparece nas extremidades dos mastros das embarcações ou em outros objectos semelhantes, por efeito da electricidade.

Sendo fenómenos luminosos distintos, ambos se circunscrevem a zonas muito restritas ou limitadas. Os primeiros, rente ao solo e os segundos nas extremidades dos objectos referenciados.

**- Artefactos aéreos experimentais (raros no nosso País).**

Existem modelos experimentais quer militares quer civis, de diversas envergaduras. A grande maioria destes aparelhos destina-se à utilização militar.

A sua forma poderá ser mais ou menos estranha, mas terá sempre que obedecer às leis da sustentação. Existem aparelhos de pequena envergadura, normalmente telecomandados. Os fins a que se destinam estes objectos voadores são os mais diversos, desde a exploração científica, a espionagem e a missão militar. Regra geral, não são observados no território nacional.

Os telecomandados têm uma envergadura pequena, são geralmente hélios, cujo raio de acção não excede os 20km e cuja altitude de voo não ultrapassa os 3.000 metros.

exemplo de um "ovni" bem terreno



## VII – Investigação de campo

A PUFOI decidiu, depois de mais de um quarto de século, abrir a todos os leitores alguns dos projectos passados que se encontravam arquivados como é o caso de experiências inéditas, que por esses tempos não se achava conveniente divulgar pelas razões que esse trabalho impunha e da subsequente leitura e análise esperadas. Assim se mantiveram algumas acções em estado hibernante, nomeadamente os trabalhos da equipa de campo.

Passados todos estes anos e conhecidos os resultados dessas experiências, por se achar que é chegada a altura de a todos ser mostrada a longa caminhada e as diversas fases ou etapas na pesquisa dos “não identificados”, do trabalho feito,

dos ensaios, dos inquéritos, dos levantamentos no terreno, das inúmeras palestras, conferências, mesas redondas, mas, sobretudo, da reflexão, e do muito que foi necessário estudar, nas mais diversas áreas do conhecimento, se apresenta uma das mais espectaculares e ainda hoje controversas tarefas executadas por uma equipa portuguesa.

O dossier que iremos abrir, pertence a uma época e a uma estratégia julgada pertinente, assim como um conjunto de factores de ordem experimental considerados fundamentais.

Tratou-se do projecto da equipa de campo do ex-CEAFI (Centro de Estudos Astronómicos e de Fenómenos Insólitos) ao qual, alguns dos membros da actual PUFOI pertenceram.

Confrontados com a crescente onda de relatos, porventura fantasiosos ou exagerados, de testemunhos de observações de objectos insólitos no espaço aéreo do nosso país, tornou-se patente a necessidade de se criar uma equipa multidisciplinar, que pudesse verificar o que realmente podia estar a acontecer no terreno. Assim, procurou-se constituir um grupo de investigadores que possuísse simultaneamente elevada experiência de gabinete e ao mesmo tempo os conhecimentos necessários e capacidade de intervenção no terreno.

Foi assim que nasceu em 1980 a ideia de formar essa equipa especial.

Depois de uma reflexão profunda sobre o assunto dos “não identificados” (ovni), concluiu-se ser necessário e oportuno observar, in-loco, o que de facto se estava a passar longe das secretárias desses investigadores, dos montes de arquivos, inquéritos, mapas, fotos, filmes, etc., relatando centenas de experiências alheias e até certo ponto, a maioria delas, muito duvidosas.

A estratégia de investigação que se utilizou, foi incidir a atenção nas zonas do nosso País onde os índices de observações desse tipo eram mais frequentes e importantes.

## Locais de intervenção da equipa de campo



- 1 - Gardunha
- 2 - Telhal
- 3 - Odiáxere
- 4 - Borralheira
- 5 - Castelo de Paiva

Não foi tarefa fácil criar uma tal equipa. Era uma experiência inteiramente nova. Uma acção pioneira, nessa época, em Portugal, embora mais tarde surgissem experiências semelhantes em outros pontos do Mundo. De facto, em 3 de Janeiro de 1983, um ano depois da primeira acção portuguesa em terras do Algarve, nascia uma ideia liderada pelo investigador Dr. J. Allen Hynek, que se havia celebrizado na participação do controverso “Blue Book Project”, como consultor da Força Aérea Americana na área dos UFO’s (unidentified flying objects). Um livro polémico que parecia provar que os ovni’s não podiam invadir espaço aéreo americano.

Por essa altura, o governo Norte Americano, depositava nele grande confiança e esse estado de graça, projectou-o mundo fora, como um dos mais importantes investigadores desses fenómenos aéreos e por isso, a sua ideia em criar uma equipa de campo, foi acarinhada sem reservas.

Deste modo, deu-se início ao “Hessdalen Project”, que foi de imediato apoiado por alguns investigadores Suecos e Noruegueses; Leif Harvik, Odd Gunnar Roed, Erling Strand, Håkan Ekstrand, Jan Fjellander, entre outros.

A 27 de Agosto de 1983, o projecto foi apresentado no 3º Congresso Internacional da “BUFORA” (British Ufo Research Association, England) e desde logo com o apoio incondicional da “Norwegian Defense Research Establishment” (orgão oficial) e também das universidades de Oslo e Bergen que contribuíram com todo o apoio e com a construção do equipamento exigido.

A ideia de Hynek era a mesma da equipa portuguesa e resumia-se a isto:

“Até agora não se tem estudado os ovni’s, mas sim quem os diz ter visto. A proposta visa o contrário. Ver para crer”.

Enquanto que de um lado existia todo o apoio, por estas bandas, só a carolice e as críticas mordazes de alguns colegas de “profissão”, que além de nunca terem encorajado a ideia, apelidavam os pioneiros de atrazadinhos mentais.

Perante todas as adversidades, o projecto não foi abandonado.

Para continuar com esse projecto, eram requeridas aptidões especiais a todos os elementos desse grupo. Abria-se um horizonte novo recheado de situações para as quais se deveria ter uma acção, concertada, imediata e com um razoável suporte científico.

Novos conceitos tiveram que ser adoptados, assim como propostas diferentes de pesquisa tiveram, igualmente de ser projectadas, ensaiadas e executadas. Avançou-se entre a realidade e a quase ficção; um mundo de experiências jamais imaginadas.

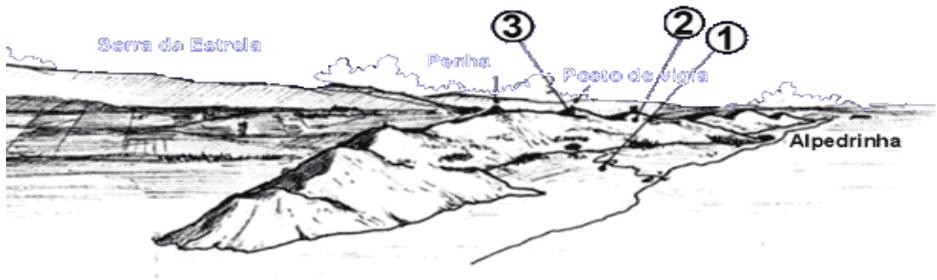
Conscientemente, todos os elementos da equipa sabiam que iriam enfrentar bastantes dificuldades. Ter-se-ia que “penetrar num território” extremamente

controverso. Todos sabiam que iriam mover-se entre as fronteiras do racional e do irracional, entre o verdadeiro e o falso, o possível e o impossível, entre o real e o imaginário.

Contra alguns, e até contra a lógica. Essa equipa começou em Fevereiro de 1980.

Durante seis anos, a equipa de campo efectuou cerca de cinquenta deslocações, desde o Algarve até à Beira interior.

Um dos locais que, durante quatro anos consecutivos, funcionou como “base de ensaio” foi a serra da Gardunha.



### Serra da Gardunha - Vista geral esquemática

**Datas das intervenções : - 1 - 1981 2 - 1982 3 - 1983 e 1984**

Não obstante todo esse enorme esforço, nada foi registado ou observado que pudesse constituir matéria de interesse, e de algum modo contribuir para um parcial esclarecimento do mistério.



### Equipa de campo (1)

O saldo final, porém, pode considerar-se positivo, na medida em que, todas as experiências ensaiadas na íntegra foram perfeitamente executadas. A equipa esteve sempre à altura de encarar todo o tipo de situações. Todos os aparelhos detectores “inventados” e construídos pelos elementos da equipa, sem quaisquer apoios técnicos e monetários, foram testados e melhorados e mantidos sempre em excelente estado de operacionalidade.



### Equipa de campo (2)

Por outro lado, obteve-se um excelente treino na acção de observação. Praticou-se e melhorou-se substancialmente os conhecimentos de astronomia, mas principalmente a grata oportunidade de contactar com centenas de pessoas dos mais diversos lugares do País, dos mais diversos estratos sociais, credos e culturas.

O levantamento de vastas áreas de território, num bom trabalho de antropologia.

Tudo acabou por fornecer material extremamente interessante à problemática dos “discos voadores”, e a toda uma outra vasta gama de mistérios, onde a moldura humana ajudou a entender melhor todo o fenómeno.

Resta, neste momento, o conhecimento ímpar das gentes, dos lugares, e do que parece ser a verdade concreta do país real.

Hoje, quando recordamos aquela fase, sorrimos com nostalgia e comentamos:

"- Não vimos "Ovni's" é certo, mas enriquecemos o nosso conhecimento sobre o ser humano.

Não teria sido, mesmo essa, a intenção de "alguém" que, porventura, acompanha a nossa evolução desde que caminhamos erectos? Vale a pena meditar nisto!"



O Dr. Hynek e o Projecto Hessdalen

## VIII – Fenómenos “bem identificados”

A esmagadora maioria dos “não identificados” ou dos OVNI, como é vulgar dizer-se, ocorre no espaço aéreo mais ou menos próximo e surge da observação normalmente fortuita de uma qualquer testemunha, apanhada de surpresa. Regra quase geral, esses eventos acontecem no período nocturno e enquadrados num cenário vastíssimo, o céu. Um cenário “habitado” por muitas coisas normais, como se irá verificar.

Contudo, nem sempre o “não identificado” (OVNI) ocupa esse espaço e muitas vezes ocorre rente ao solo, em circunstâncias particulares e aparentemente misteriosas.

Fenómenos diversos, desconhecidos do observador incauto, poderão levá-lo a julgar estar em presença de um artefacto alienígena quando tudo isso não passa, em regra, de ilusão ou deficiente interpretação do que realmente observa.

Ao longo da experiência investigativa levada a cabo por aqueles que se dedicam a esta temática, concluiu-se que a esmagadora maioria dos eventos vividos pelas testemunhas, possuem uma leitura diferente da que é proposta, tratando-se, depois de devidamente analisada, de casualidades passíveis de uma resposta racional e científica.

O comum cidadão desconhece praticamente quase tudo o que se passa no grandioso cenário celeste e não faz ideia de outros fenómenos mais próximos, mais “terrestres”. Iremos por isso analisar em pormenor tudo aquilo que possa

ser confundido com supostas naves alienígenas e com acções ET próximas do solo ou até com manifestações do imaginário.

Seguir-se-á uma listagem de circunstâncias susceptíveis de falsas interpretações. Este material irá ajudar o futuro observador de um encontro insólito possibilitando-o de classificar melhor aquilo que observa. Deseja-se que o seu juízo seja mais positivo de forma a reduzir o número de falsas ou deficientes informações para os investigadores que se vêem a braços com relatos complicadíssimos de coisas vulgares.

## LISTAGEM

- 1- Objectos celestes proeminentes
- 2- Fenómenos astronómicos
- 3- Satélites artificiais
- 4- Aeronaves convencionais (civis e militares)
- 5- Balões meteorológicos e outros
- 6- Protótipos aéreos (militares e civis)
- 7- Fenómenos meteorológicos
- 8- Mini modelos de controlo remoto
- 9- Efeitos pirotécnicos e outros (foguetes festivos, balões, very light's, raios laser, focos, etc)
- 10- Pára-quedistas
- 11- Projécteis de artilharia
- 12- Aves solitárias ou em bando
- 13- Fenómenos telúricos/geológicos
- 14- Nuvens de insectos
- 15- Fogo-fátuo / gases do pântano
- 16- Árvores luminosas
- 17- Diversos

Tenta-se aqui dividir em apenas 17 itens quase tudo o que pode ser confundido com um ovni / nave, etc., mas, mesmo assim, ficarão por mencionar muitas outras situações, como é natural.

O observador fortuito, mesmo sabendo destas realidades, no momento da sua observação é levado por instinto primário a classificar o que vê sob o ponto de vista do seu imaginário e dos seus desejos mais íntimos. Os investigadores “OVNI” já se habituaram a isso. A irracionalidade e o sonho sobrepõem-se muitas das vezes à crua realidade. Muitos dos eventos que nos chegam às mãos possuem essa carga incompreensível.

Desejamos acabar com esta situação que não contribui para a resolução do problema. Só o complica. Sejam racionais e não mintamos a nós próprios. Só assim chegaremos a conclusões interessantes.

### **1- Objectos celestes proeminentes**

O céu nocturno, ciclicamente e consoante a época do ano, apresenta-se com o aspecto estelar, com proeminências constantes dos mesmos objectos. Estrelas muito brilhantes como Sírius, Arcturo, Regulo, etc e com aglomerados estelares mais ou menos visíveis a olho nu como o enxame das Plêiades e das Híades. Todo o firmamento, devido ao movimento diurno, roda aparentemente de este para oeste, fazendo com que as estrelas, ao longo da noite mudem a sua posição relativamente a um referencial terrestre fixo. Naturalmente, as suas posições relativas mantêm-se.

Quanto aos planetas, nossos vizinhos do Sistema Solar, apenas conseguimos vislumbrar de forma evidente quatro: Vénus, Marte, Júpiter e Saturno. São as “estrelas errantes” da antiguidade. O seu posicionamento e brilho nem sempre são regulares, variando ao longo do ano a sua posição aparente na esfera celeste. Júpiter e Saturno aparecem muitas vezes como pontos luminosos de tamanho invulgar, mas é sobretudo o planeta Vénus que mais confunde as pessoas. Este astro é conhecido como “estrela d’alva”, “estrela matutina” ou “estrela vespertina”. Consoante a época do ano, Vénus surge ao amanhecer ou ao pôr-do-sol, relativamente próximo do horizonte e sempre muito brilhante e cintilante. Por se encontrar pouco elevado relativamente ao observador, num ângulo baixo, Vénus está na maior zona de turbulência atmosférica,

necessitando os seus raios luminosos de atravessar uma maior espessura de atmosfera terrestre, sendo a luz refractada e reflectida dando a sensação de cintilação e até de movimento. Por vezes, toma colorações mais amareladas devido também à poluição atmosférica e/ou a nuvens escuras. Pode ser observado ainda de dia, o que confunde as pessoas.

O planeta Vénus tem sido confundido com “OVNI”, inúmeras vezes, devido a estas características, desconhecidas da maioria.

A estrela Sírius é visível no hemisfério Norte, durante grande parte do ano – do Outono à Primavera, apresentando-se extremamente luminosa, cintilante e com ligeiros tons coloridos como azul, violeta, laranja, branco alvo! Também esta estrela tem sido confundida com “OVNI”. Depois da Lua, é o astro mais brilhante do firmamento, só ultrapassado por Vénus e por Júpiter quando este se encontra bem posicionado. Sírius, por vezes, parece um farol em movimento, daí as confusões que provoca no observador menos atento.

A própria Lua, em condições particulares de visibilidade, reduzida ou condicionada por obstáculos no terreno (topografia, árvores ou até nuvens) ou outras circunstâncias naturais, já tem sido confundida também dentro do contexto “OVNI”.

Outras potenciais situações confundíveis são as conjunções de astros no firmamento, nomeadamente Vénus e Júpiter, Vénus e Lua, Júpiter e Lua, etc. De notar também que num céu parcialmente nublado, as estrelas parecem deslocar-se, mais não sendo do que uma ilusão devido ao verdadeiro movimento das nuvens.

## **2 – Fenómenos astronómicos**

A diversidade de fenómenos de origem astronómica não se pode considerar muito vasta mas é algumas vezes confundida com algo anormal. Nesta categoria poderemos englobar os cometas (visivelmente raros ao grande público), as várias formas de meteoros e seu comportamento na atmosfera. Depois destes aparecerão as auroras boreais e austrais (raríssimas nas nossas

latitudes) que, embora espectaculares, pensamos serem rapidamente entendidas como fenómenos naturais, sem relação directa com a problemática “OVNI”.

Os meteoróides, que são atraídos pela força gravitacional da Terra, e penetram na atmosfera emitindo luminosidade tomam a designação de meteoros – a popular estrela cadente. O seu comportamento e brilho podem variar em função da sua composição físico-química, da sua massa e até ao seu ângulo de incidência. Se este corpo atingir a superfície terrestre passa a designar-se de meteorito. Um meteorito é pois um pedaço de matéria que pode ter várias origens, desde o desperdício de material no desgaste de um cometa sob o efeito solar como resíduos de poeiras e/ou gelo até ao resultado de colisões entre asteróides ou outros corpos. Estipulou-se que os meteoróides têm dimensões menores do que os asteróides e maiores de que uma molécula, sendo a sua constituição rochosa, ferrosa ou ambas.

Sem querermos entrar em detalhes demasiadamente técnicos, poderemos resumir que os meteoritos que diariamente bombardeiam a Terra são geralmente menores do que uma bola de futebol, e a esmagadora maioria é menor do que uma ponta de cigarro, mas podem produzir efeitos visuais espectaculares. Calcula-se que a Terra é diariamente bombardeada por estas migalhas à razão de cerca de 5000 pedacinhos. Devido ao desgaste provocado pela travessia na nossa atmosfera, cerca de 95% não chega ao solo. Os corpos de composição mole (rocha, poeiras, gelo, etc.) desfazem-se antes de atingirem o solo. Os de constituição metálica ou mista pela sua pequena envergadura também raramente se esmagam no solo. Assim, só alguns acabam o seu percurso em situação de impacto efectivo.

Recapitulando: resíduos meteóricos de origem cometária poderão ter na sua constituição oxigénio, carbono (isótopos de carbono), metano, amoníaco, açúcares, aminoácidos, etc. Raramente a constituição da sua massa chega inteira ao solo terrestre após a travessia da atmosfera. Casos esporádicos existem numa percentagem de 1/10000.

No entanto, a espectacularidade da sua passagem pela nossa atmosfera, antes da sua desintegração total, pode induzir em alguns erros. É sempre um espectáculo grandioso e “carregado” de mistério. Relativamente aos pedaços de matéria rochosa ou metálica, o resultado da sua passagem pelo escudo protector da Terra resulta num espectáculo ainda mais grandioso... dependendo, como já foi referido, da sua constituição física e do seu volume.

Rastos luminosos multicolores (azuis, verdes, laranja ou vermelhos), seguidos de poeiras brilhantes, como se fossem inúmeras estrelinhas partindo de um núcleo também colorido e brilhante... uma pequena bola de fogo.

Estes fenómenos naturais são sempre espectaculares e podem surpreender o observador mas não passam disso mesmo, um fenómeno comum.

Dependendo da sua natureza e da trajectória relativa ao escudo atmosférico do nosso planeta, alguns desses pedaços de matéria não chegam a penetrar na nossa atmosfera. Aproximam-se, ricocheteiam no “escudo” e continuam a sua rota até se afastarem no espaço. Para um observador terrestre, este comportamento pode sugerir uma atitude inteligente. Nada disso. Este é o resultado natural de todas as forças em jogo no exercício dos “mistérios” das realidades cósmicas.

O binómio Terra-Lua possui neste processo um papel muito importante, para além dos complexos mais exteriores ao nosso “mundo” como Saturno, Júpiter e Marte, em que os processos balísticos dos corpos errantes se comportam de acordo com as forças em jogo.

A Lua não possui atmosfera sendo-lhe por isso impossível travar o percurso de um corpo em rota de colisão. Ao entrar no seu campo de atracção, qualquer que seja o “projectil” chegará inteirinho até se esmagar no solo selenita, seja um simples grão de areia ou um gigantesco corpo de rocha e/ou metal.

O nosso satélite natural, depois dos outros nossos companheiros solares já referidos, funciona também como um outro escudo protector da Terra. A

dimensão da Lua, relativamente à Terra, é 3,6 vezes menor. No entanto, relativamente ao planeta principal é o maior dos satélites do Sistema Solar.

Assim, as manifestações meteóricas observadas na Terra e que possam confundir um observador prendem-se com meteoros lentos e rícochetes na atmosfera mas mesmo assim reconhecíveis pelas suas características já mencionadas. A infinidade de situações leva, muitas vezes, o eventual observador, a concluir erradamente... nomeadamente a aproximação e aterragem forçada de uma nave E.T. por despenhamento...

A gigantesca explosão verificada na Sibéria no início do século XX é o exemplo, hoje praticamente confirmado, do impacto de um corpo de origem meteórica muito pouco denso (cometário) que se verificou felizmente nesse local desértico, a alguns metros acima do solo. Durante dezenas de anos especulou-se sobre esse fenómeno. Numa altura em que pouco se sabia das características de pedaços cometários em rota de colisão com a Terra, entre outras teorias, sugeriu-se a queda de uma nave extraterrestre. Uma nave gigante que teria explodido antes de poder aterrar normalmente!

Pode-se concluir que, neste caso particular, o corpo cometário seria de grandes dimensões mas que acabou por se desintegrar antes do impacto real. Se fosse um corpo rochoso, metálico ou misto provavelmente teria colidido com o solo e o resultado final teria sido incalculavelmente mais desastroso.

Para terminar e como curiosidade, existe uma zona densa de atmosfera com cerca de 14 km de espessura em redor do nosso planeta. Esta zona situa-se a 70 Km de altitude e funciona como um escudo protector contra objectos vindos de fora. O ângulo e a velocidade do objecto em rota de possível colisão influenciam o resultado: a entrada de impacto destrutivo, o seu rícochete ou uma “suave” e controlada penetração até ao solo. Esta última situação, caso da reentrada de naves espaciais (Space Shuttle, por exemplo) só é conseguida por rigorosos processos prévios de cálculo.

### **3 – Satélites artificiais**

Desde o famoso Sputnik (1957), aquela pequena esfera metálica que emitia um sinal radioelétrico de “bip-bip”, que o Mundo se haveria de tornar diferente. Coube à ex-União Soviética esse êxito. O princípio de uma louca corrida a um outro “continente” até aí desconhecido: o espaço próximo. Um terreno fértil para serem colocados aparelhos destinados a inúmeros fins, não só civis como militares. Os satélites artificiais estavam na ordem do dia e nunca mais se parou até hoje. Já se passou meio século desde o inocente Sputnik, 50 anos de uso e abuso, milhares e milhares de objectos em órbita terrestre.

Com eles apareceu o “lixo espacial” composto pelos detritos originários pelo desgaste desses aparelhos, ou pelo bombardeamento e impacto de micro meteoritos naturais (ver item anterior). O resultado é assustador: biliões de pedaços metálicos e até de outros materiais (tinta inclusive). Destroços de várias dimensões e constituições, rebites e parafusos, fios, placas, vigas, motores, escapes, depósitos vazios, antenas, redes metálicas, etc. etc. Milhões e milhões de pequenos e grandes satélites, pedaços de instrumentos e muitos aparelhos que ultrapassaram o seu prazo de validade.

Todos estes detritos e ainda alguns complexos operacionais situam-se numa zona designada de órbita baixa, entre os 180 a 200 km até aos 900 km de altitude. Esta será a zona de tráfego regular. O poder do nosso Mundo reconheceu que a zona mais sensível se situa muito mais acima, naquilo que se designou pelo sector geostacionário, entre os 35000 a 40000 km acima das nossas cabeças.

Façamos um esforço para entender este espaço de modo a visualizar o que de facto se passa. Vamos supor que por cima das nossas cabeças existe uma esfera concêntrica com a Terra, uma espécie de manto que começa aos 180 km e termina perto dos 40000 km de altitude. Este manto é colossal pois tem cerca de 35000 km de espessura; uma área tão gigantesca como cerca de 6000 vezes maior que a superfície terrestre e milhares de vezes maior que a superfície lunar. Para um observador na Terra, os satélites de maiores dimensões aparentes, situam-se numa órbita baixa, como é o caso da Estação Espacial Internacional, que visualmente podemos observar como um ponto luminoso em

movimento com trajectória rectilínea com a magnitude da estrela Sírius (por exemplo).

Os satélites geostacionários, porque se apresentam visualmente imóveis não são fáceis de identificar. Quanto aos outros, apresentam características diferentes. Parecem voar no céu nocturno, porque na realidade se deslocam. Apresentam luminosidade branca, como uma estrela, sem alterações significativas no brilho, deslocando-se a uma velocidade aparente quase igual à dos aviões comuns e com trajectória rectilínea. A luminosidade que apresentam deve-se ao reflexo da luz solar e nada mais do que isso. No entanto, por vezes, dão-se com eles “fenómenos” estranhos, que para um observador pouco treinado ou desconhecedor os pode confundir com algo anómalo. Flashes de luz ou “piscas” são o resultado da maior ou menor incidência da luz solar na estrutura do aparelho que rodopia sobre um seu eixo. Aparecimentos e desaparecimentos devidos à entrada no cone de sombra da Terra. Os satélites geostacionários não se deslocam e estão aparentemente imóveis no céu. Foram concebidos para missões diferentes dos anteriores. Situam-se a cerca de 35 000 km de altitude no plano equatorial, o local certo para que a sua deslocação coincida com a velocidade de rotação da Terra, ficando sempre à vertical de um lugar. Grosso modo, é este o mistério. Naturalmente que estes satélites não se situam todos no mesmo “corredor” e à mesma altitude. Tudo depende da sua função específica, sendo que a maioria se destina a telecomunicações; os sinais da televisão, internet, rádio, mas também espionagem e outras acções, como por exemplo, a G.P.S. e levantamentos topográficos/geológicos, que podem situar-se em órbitas mais baixas, na ordem dos 21 000 km de altitude. Os satélites artificiais são objectos pequenos cujas dimensões podem ir desde o tamanho de um barril até ao de uma carrinha comercial.

Os satélites artificiais são aparelhos que consomem energia e actualmente só existem dois processos para a conseguir: por meio de baterias e / ou por painéis solares. Neste último caso, o reflexo solar nestas estruturas altamente reflectoras provocam efeitos luminosos muito intensos. Um dos efeitos são os chamados “piscas”, que ocorrem quando o aparelho roda sobre o seu eixo.

Existe, porém, uma gama de satélites que têm provocado alguns fenómenos que espantam o comum cidadão... É o caso da gama de satélites Iridium que orbitam a Terra a uma distância próxima dos 800 km de altitude ( média de 780 km). Nesse posicionamento, eles não estão fixos relativamente a um ponto específico da Terra. Circulam lentamente, recebendo e enviando sinais de rádio. Estes satélites são utilizados nas telecomunicações mais comuns, como por exemplo nos telemóveis. O aparelho, com cerca de 4,50 metros de envergadura possui dois painéis solares e uma espécie de espelhado rectangular que serve de receptor e transmissor. É aí que reside o seu m"mistério". Em condições particulares mas que são perfeitamente previsíveis, esse painel pode reflectir os raios solares e projectá-lo em direcção à Terra. Quando isto acontece um observador no solo verá um intenso mas breve clarão de luz branca. A intensidade de brilho é variável mas pode atingir uma magnitude de -8 (muito superior ao do planeta Vénus). Os flashes originados pelo satélite Iridium têm estado na origem de algumas confusões, uma vez que, por noite e por localidade, se podem observar dois ou mais. De todos os flashes provocados pelos Iridium, 60% são diurnos e como tal dificilmente observáveis, sendo que apenas 20% são observáveis em noites límpidas.

Por último, nenhum satélite pode ser detectado nos radares convencionais.

#### **4 - Aeronaves convencionais (civis e militares)**

A nossa civilização tem desde os anos 50 aumentado desmesuradamente o tráfego aéreo. Neste início de século é quase impossível calcular o seu número já que existem diversos meios aéreos militares e essencialmente civis mas estes últimos abrangem uma faixa diversificada de modelos: comerciais de passageiros ou carga, turismo, busca e salvamento, etc. São aeronaves convencionais de aspecto fusiforme, helicópteros, ultra-leves, asa delta, dirigíveis, balões de ar quente...

Um avião sugere imediatamente uma forma cilíndrica alongada com duas grandes asas laterais, um leme vertical na cauda juntamente com mais duas pequenas asas, mas nem sempre assim acontece. O seu aspecto característico,

as luzes e o som que provoca (jacto/turbo-hélice/combustão), é normalmente reconhecível em muitas situações.

Os helicópteros possuem uma “fisionomia” diferente, mas característica, dentro da sua espécie. O ruído identifica-o antes de ser visto, assim como luzes de presença e focos, exclusão feita apenas para os aparelhos militares, que possuem sistemas de anulação de ruídos, mas raramente o conseguem na totalidade. Essa característica não é rigorosamente eficaz, mas também não os devemos considerar, pois esses modelos não operam em território nacional português. Os “nossos” helicópteros militares e civis provocam um ruído característico, detectável a quilómetros.

Os restantes artefactos suscitam dúvidas, se forem observados a grandes distância, mas as suas performances de voo podem ser reconhecidas.

Com o cair da noite, as muitas aeronaves referidas, tal como os pássaros de que iremos falar, recolhem às suas bases. Voos nocturnos só são permitidos às aeronaves militares e comerciais de passageiros, socorro ou carga. Só numa situação extrema poderá ser possível observar qualquer outra. Isto reduz substancialmente as formas e as características, mas é realmente á noite que tudo pode mudar de figura, e são as luzes dessas aeronaves que normalmente as suscitam, principalmente se o observador se situar próximo de um aeroporto ou base aérea.

Depois do cair da noite, o tráfego aéreo normal é civil e destina-se a aeroportos; aqui, ali, acolá!

As bases militares da Força Aérea raramente operam de noite. Isto acontece em situações de treino nocturno, ou em transportes de pessoal ou material, utilizando aeronaves de “tipo convencional” e bases especiais, como é o caso de “Figo Maduro”, anexo ao aeroporto internacional de Lisboa. O ritmo de operações nocturnas, deste tipo, é pouco frequente. De qualquer modo, obedecendo a regras internacionais, sem estar num cenário de guerra, as aeronaves possuem o mesmo tipo de luzes identificativas ou de apoio.

Observemos, por exemplo, uma aeronave comercial comum, à noite. Na parte superior e inferior da fuselagem, assim como no ponto mais elevado do leme de direcção da cauda (por vezes na estrutura mais anterior da fuselagem – o “rabo” do avião), possui projectores de alta luminosidade (“piscas”), de cor branca. Nas pontas das asas, possui “piscas” de menor intensidade (por vezes fixas), de cores vermelha e verde, respectivamente à esquerda e à direita. O leme da cauda é muitas vezes iluminado, por projectores direccionais, de modo a ser visível o logótipo da companhia aérea. Ainda nas asas (mais ou menos a 3/4 da distância da sua ponta), perto da fuselagem, situam-se os projectores de aproximação à aterragem (dois ou mais focos), que servem como os faróis de um automóvel. Por vezes, esses faróis podem estar incorporados no trem frontal de aterragem.

Como podem verificar, 95% das aeronaves que observamos abaixo dos 2500 metros, estão cobertas de luzes, antes do seu ruído característico chegar até nós. Aeronaves de longo curso, que passam a grande altitude, formam um conjunto luminoso diverso, onde se destacam os “piscas de grande alcance”. É quase impossível existirem confusões, quando se somar, a tudo isto, a sua trajectória, quase rectilínea.

Mais uma vez surge a dúvida quando, por acaso, na foto de família, lá no cantinho superior (esquerdo ou direito), aparece uma “coisa escura”, se for uma foto diurna, ou uma ténue luminosidade, se for de noite. Curiosamente, poucas pessoas tiram fotografias de exterior a paisagens nocturnas. Assim, poupamos muito trabalho!

Nos tempos que correm (de 2002, até hoje), particularmente em Portugal, alguns vôos regionais sofreram algumas mudanças, relativas a cenários de maior rigidez, assim não é de estranhar que, especialmente nos meses de verão, observemos aeronaves civis cruzando os céus nocturnos, não mais do que as 00,00 horas: são helicópteros e momo ou bimotores, cumprindo tarefas de observação, filmagens, ou reconhecimento e socorro. Quem já se habituou a esta nova faceta, não estranha a sua presença, aliás, rapidamente identificável.

De salientar ainda que, à margem das convenções internacionais, se têm detectado voos “secretos”, desobedecendo, propositadamente, a essas mesmas regras. Maioritariamente, são voos nocturnos, em rotas de cruzeiro acima dos 8000 metros, rumos intercontinentais atlânticos, aparelhos turbo-hélice militares sem luzes de presença, mas identificáveis pela silhueta e ruído. Estes são casos esporádicos que, embora invulgares, não possuem características relevantes para darem azo a confusões. Nós próprios já observamos quatro destes aparelhos “mistério”, sobrevoando o território nacional. O último (fins de Novembro de 2006, 22,40h.), cruzou o céu de Matosinhos, a uns 2500 metros, rumo ao continente americano (eixo, atlântico – Nordeste/Sudoeste). Nada que pudesse ser confundível com outra coisa que não fosse uma aeronave convencional, de “comportamento” invulgar, sem luzes de presença (o que não é o caso dos já célebres F-117, da Força Aérea dos Estados Unidos, invisíveis ao radar, cujo comportamento geral é muito diferente de tudo quanto dissemos anteriormente). Esta sim, uma aeronave, decididamente, com tecnologia de ponta, dirigida ao esforço bélico (e que até já utilizou o espaço aéreo dos Açores, com esse propósito).

## **5 – Balões meteorológicos e outros**

As rádio-sondas, também conhecidas por balões-sonda, são utilizadas pelos serviços de meteorologia, em estações dispersas por vários pontos do país e normalmente nos aeroportos e aeródromos importantes. Têm vindo progressivamente a ser substituídos por meios mais precisos e sofisticados; os satélites meteorológicos quase os fizeram desaparecer dos céus. Os modelos mais vulgares são os “rádio-sondas”, mas existem outros mais rudimentares, utilizados somente em casos de avaria do sistema operativo. Os primeiros são balões feitos de uma matéria sintética (borracha, poliéster, etc.), cheios de hidrogénio, ao qual é suspenso, por meio de um fio, o laboratório e o sistema rádio de transmissão de dados. Esse fio ou cabo mede cerca de 4 metros, possuindo, um pouco acima da “caixa de instrumentos”, um pequeno pára-quedas para posterior recolha do material. As cores do balão podem variar entre o bege, branco ou azul muito claro. À partida, o seu diâmetro varia entre 1,80m

e os 2,00 metros. O seu volume inicial é de cerca de 3,00 m<sup>3</sup> e, como se sabe, é arrastado pelas correntes de ar, à medida que vai subindo lentamente no céu. Ao atingir os 25.000m de altitude, o seu diâmetro atinge 8 metros ou mais, vindo a rebentar. Antes dessa situação e depois de terem sido enviados os sinais rádio para a estação, a caixa desprende-se e cai com a ajuda do pára-quedas. O rebentamento acontece por efeitos de pressão e pode verificar-se raramente acima do normal – 35.000 a 40.000 metros. A distância máxima atingida é da ordem dos 100 km, com ventos favoráveis.

Nos finais dos anos 1970, até meados dos anos 90, só existia no nosso país uma estação que cumpria rigorosamente o lançamento destas rádio-sondas: Lisboa/zona do aeroporto, com horários rígidos – 06,00 h, 12,00 h, 18,00 h e 24,00 h; quatro lançamentos diários, cuja duração útil se calculava entre uma hora e hora e meia.

Ao invés, raramente na cidade do Porto se procedia a esta prática. Muito mais raro em Faro.

Os segundos balões, bem menores, serviam para calcular a velocidade e direcção dos ventos. Feitos do mesmo material, possuíam um diâmetro de 70 cm e eram seguidos através de um teodolito, ou seja, quase visualmente.

Se o lançamento fosse diurno, a sua cor era vermelho vivo, à noite era branco e para melhor visibilidade era-lhe pendurada uma lanterna semelhante às das festas populares: um “balão” de papel com um coto de vela acesa no seu interior.

É óbvio que qualquer destes “dispositivos” poderia ser confundido, o que de facto aconteceu algumas vezes, mas somente para quem estiver muito distraído.

Os balões estratosféricos de meteorologia, ou pesquisa diversa, são gigantescos (cerca de 1.500 vezes maiores do que os descritos anteriormente) e atingem altitudes espantosas. São de cores claras e reflectoras mas, tal como todos, voam ao sabor da natureza. É de referir que em Portugal jamais foi lançado um objecto deste tipo.

Incluo nesta categoria os balões desportivos e os dirigíveis ou “zeplins”. Os primeiros podem ter as formas mais bizarras, mas o modelo tradicional tem o aspecto de uma pêra invertida, na base da qual existe suspensa, mais abaixo, a cesta para os tripulantes. Enchem-se de ar quente e as suas dimensões são quase gigantescas. Não possuem motor e deslocam-se por meio de uma espécie de leme. São lentos e silenciosos.

Os dirigíveis são aparelhos a motor que se elevam graças a um balão com forma acharutada, que é cheio de hidrogénio. As suas dimensões podem atingir, em alguns casos, mais de 70 metros de comprimento. Estes modelos possuem, no bojo inferior, um habitáculo para tripulantes e passageiros. Modelos mais pequenos são muitas vezes utilizados para publicidade e fixos ao solo. Neste caso, não são tripulados e ficam ao sabor do vento. À noite são iluminados por focos próprios e por projectores colocados no solo.

Um observador poderá ver que esse objecto evolui, rodopia, avança, recua, sobe, desce, sem sair muito do lugar.

Dependendo da distância, altitude e outros factores, como reflexos solares, luminosidade, etc., poderão, eventualmente, ser confundidos com artefactos inexplicáveis...

## **6 – Protótipos Aéreos (militares e civis)**

Fala-se muito em modelos esquisitos de protótipos militares, muitas vezes mirabolantes.

Os ensaios desses protótipos acontecem longe do nosso espaço aéreo e destinam-se a operações de guerra (cerca de 99%), pois são muito poucos os que têm carácter científico. Por este facto, em princípio, só nos países que fabricam este tipo de aparelhos é possível observá-los. Mesmo assim, por serem material altamente secreto, são testados em perímetros militares secretos e restritos (como a célebre Área 51, no deserto do Nevada, nos Estados Unidos

da América). Testada a sua operacionalidade, só nos cenários de guerra poderão ser visíveis.

De acordo com as várias missões militares, o seu aspecto é variadíssimo, podendo apresentar uma forma de “insecto” (hélio-controle), até à aeronave de espionagem ou combate.

As micro-máquinas militares já existem desde os anos de 1980, talvez mesmo antes dessa data. São normalmente teleguiados de uma base terrestre (posto militar avançado), ou via satélite, mas a base de lançamento está quase sempre muito próxima. São aparelhos que podem caber na palma da mão até à dimensão de uma máquina de lavar, mas o seu raio de acção é curto, a sua velocidade lenta e a altitude possível é pequena: dos 150 aos 1.500 metros.

As condições meteorológicas condicionam fortemente a sua operacionalidade: chuva, nevoeiro cerrado, ventos fortes e trovoadas, por exemplo, inviabilizam qualquer tentativa de os lançar sobre o cenário das operações.

Poderemos afirmar, com um grau de certeza de 99% (muito provavelmente estamos a ser cautelosos e prudentes em demasia), que esses aparelhos nunca passaram por este país. No entanto, não se deve descurar a hipótese de estes pequenos aparelhos nos aparecerem de surpresa (lembremo-nos que Portugal é um país da OTAN). Contudo, uma coisa é certa: eles obedecem à aerodinâmica convencional e por isso não se apresentam como objectos incomuns... Possuem asas ou outros mecanismos de voo normais: hélices, escapes turbo, ou algo parecido.

Impossíveis confusões, somente em imaginários muito férteis.

## **7 – Fenómenos Meteorológicos**

“Fenómenos aéreos” provocados pela natureza, que possam ser confundidos com “OVNIS”, são pouquíssimos e raros. Referimo-nos à classe dos fenómenos meteorológicos, que muitas vezes nos podem confundir.

Nuvens discoidais, compactas e solitárias, despertam sempre a atenção de um eventual observador, pela sua singularidade e estranheza, pelo seu aspecto majestoso e pelo “mistério” que encerram. Esses “objectos aéreos”, que podem atingir dimensões gigantescas, situam-se normalmente a 1.500 metros de altitude, ou um pouco acima dessa cota. Normalmente solitárias, poderão possuir companheiras, formando verdadeiras esquadrilhas.

Os pilotos militares e civis não gostam muito de visualizar um destes fenómenos, mesmo que se desloquem ao sabor do vento.

Numa situação destas não devemos pensar em mais nada do que numa nuvem bizarra, o que fica mais ou menos demonstrado, mas não podemos, nem devemos, avançar mais do que isto.

Em matéria de nuvens bizarras recordemos que, nos eventos de Fátima, objectos estruturados e “inteligentes” se faziam acompanhar dessa camuflagem, mas não podemos medir tudo pela mesma bitola!

Em várias conversas efectuadas com pilotos militares e civis, sempre lhes foi apresentado o seguinte dilema: - Nuvens lenticulares serão sempre um fenómeno da natureza; raciocinando deste modo, não hesitaria em se dirigir a ela e atravessá-la, faria isso? Nunca foi possível obter uma resposta concludente, por parte de pessoas de excepção, no que respeita a conhecimentos académicos, aos reflexos psicomotores e aos saberes da profissão, altamente qualificados.

Qual o receio de “furar” uma simples nuvem lenticular?

Devemos ter em atenção este fenómeno, aparentemente natural, e reportar estas situações quando se nos apresentam estranhas: uma nuvem vulgar não se desloca contra o vento, não desce a menos de 600 metros, nem possui comportamentos “anormais”. Este tipo de nuvem só aparece raramente, mas sempre em condições meteorológicas estáveis; fora de situações chuvosas ou tempestivas. Em quaisquer outros cenários, há que desconfiar e anotar as características da observação.

Outro fenómeno atmosférico, muitas vezes referido como um “OVNI”, é o raio globular.

A Ciência não sabe ainda muito bem o que isso é. Os raios globulares serão fruto de uma tempestade eléctrica comum, que, devido a um conjunto feliz de anomalias naturais atmosféricas, se transformam numa “bola” carregada de energia, semelhante ao raio comum. Em trajectórias aleatórias, “procura” um ponto qualquer para descarregar essa energia contida. Fenómenos raríssimos, segundo a opinião dos peritos em meteorologia, que apenas referem um comportamento desigual às comuns descargas, provenientes das tempestades eléctricas, mas actuando sob as leis da Física.

As escassas referências apontam para uma “bola” que não excede os 15 a 20 cm, extremamente luminosa, rodopiando entre objectos estruturados, não provocando incêndios mesmo perto de elementos combustíveis, desfazendo-se em mil centelhas ao atingir um contacto de descarga à terra.

Raio globular, enquanto fenómeno natural pouco conhecido, pode, eventualmente, ser interpretado de uma forma errada.

Em termos de análise, este fenómeno aparece, demasiadamente, como justificativo de eventos “OVNI”, mas não parece que haja muita consistência neste facto, para além de uma desculpa tola de quem pretende arranjar argumentos pouco consistentes.

Os relâmpagos de fogo são outros eventos raríssimos, mas possíveis: pequenas esferas de fogo flutuam perto do solo, envoltas num halo azul e explodem. Mais uma vez, um raríssimo fenómeno só demonstrado pela Física, embora existam registos de algo semelhante na Idade Média!?

Solos ricos em sílica, explodem ao contacto de temperaturas acima dos 3.000° ... Será esta a explicação.

As descargas eléctricas que ocorrem nas altas camadas da atmosfera, devidas à instabilidade dos elementos, provocam, de facto, alguns outros fenómenos

raros. São os chamados “Blue Jets”, os “Red Sprites” e um dos mais conhecidos: o “Fogo-de-Santelmo”.

Os primeiros podem ocorrer entre os 25 e os 40 km de altitude, no decorrer de trovoadas; uma espécie de bola azulada é “disparada” para o alto, a uma velocidade estimada em 100 a 150 Km/s, para se desfazer poucos quilómetros acima. É um fenómeno quase instantâneo e de muito difícil detecção.

Os “Red Sprites” ocorrem a altitudes muito maiores (85 a 90 km). Este fenómeno físico baseia-se em flashes avermelhados e podem ser vários em simultâneo. São originados por trovoadas intensas, mas não existem registos de observações em terra.

Numa situação orbital e com aparelhagem adequada é possível detectar este fenómeno. Por razões óbvias, não existem grandes possibilidades para que estes eventos possam atrair as atenções de um possível observador. Eventualmente, podem ser detectados a partir de uma aeronave que esteja próxima da tempestade. Mas, mais uma vez, não temos um feedback positivo por parte dos pilotos com quem fomos falando ao longo dos anos (o que não quer dizer que não haja outros que tenham presenciado este tipo de situações).

Sendo um fenómeno igualmente invulgar, o Fogo-de-santelmo propicia mais confusões. Vejamos: trata-se de um fenómeno de electricidade estática, que se deve ao atrito entre grandes massas de ar, com diferentes temperaturas, que se deslocam na atmosfera. O atrito desprende partículas carregadas positivamente em materiais condutores, normalmente hastes metálicas, como os mastros de um navio, uma cruz no cimo de uma torre de igreja, etc. Qualquer uma destas superfícies, com carga eléctrica próxima de uma nuvem, também carregada, proporcionará uma atracção/repulsão de cargas eléctricas. O fenómeno ocorre então nas pontas dos materiais metálicos, provocando uma espécie de chama azulada. Uma espécie de nuvenzinha luminosa. Este fenómeno só é bem visível após o pôr-do-sol. A chama é demasiado ténue para ser detectada no período diurno. Nas pontas das asas de uma aeronave pode ocorrer também este fenómeno. Curiosamente, este fenómeno raro já foi observado na ponta de uma

cruz metálica, colocada no cimo do campanário de uma igreja e confundida com a aparição da Virgem Maria!

Dois outros fenómenos comuns, que dificilmente poderão ser confundidos, designam-se por Parélio e Parasselénio. São fenómenos atmosféricos, que envolvem o Sol e a Lua.

No primeiro caso, a imagem solar reflectida numa nuvem, ou em cristais de gelo, em suspensão nas camadas elevadas da atmosfera, produz um halo mais ou menos concentrado e colorido, se ocorrer perto do horizonte, mas sempre bonito de ver. Não confundir com o fenómeno do arco-íris, ainda mais conhecido da população, que se deve à decomposição da luz solar branca, nas microgotículas de água em suspensão na atmosfera.

Um círculo luminoso à volta da Lua, frequentemente observado, não é mais do que excessiva humidade e cristais de gelo na atmosfera. Este fenómeno é designado por Parasselénio e normalmente é associado à instabilidade pluviosa. Se algumas nuvens passarem à frente deste fenómeno, ele parece andar ... Pura ilusão de óptica.

Ionizações, fluorescências e luminescências várias são produzidas pela natureza, mas acontecem invariavelmente perto do solo e são demasiado evidentes para causarem confusões com artefactos aéreos.

## **8 – Mini Modelos de Controlo Remoto**

Os mini modelos de controlo remoto destinados ao prazer, quase infantil, de brincar com “coisas” pequenas, iguais às “grandes”, em situações praticamente semelhantes às reais, fazem parte do velho desejo de criar brinquedos perfeitos e é uma actividade criativa, onde o engenho e a invenção são, muitas vezes, aplicados na vida real.

Esta área da criação humana, sendo apenas um passatempo de diversão, tem fornecido aos cientistas aquilo que seria pouco fácil de conseguir. Graças aos “inventores” de mini-modelos (viaturas todo-o-terreno, aeronaves, navios, etc.),

foi possível colocar em Marte uma viatura automóvel, imaginar um pequeno avião para sobrevoar a sua superfície, etc., etc.

Com estes mini-aparelhos teleguiados e equipados com pequenas câmaras de TV, é possível vasculhar os ninhos das aves predadoras, suspensos em penhascos inacessíveis, o voo do ganso, o terreno do inimigo militar (ver ponto 6).

Especificamente na área dos aeromodelos, o seu raio de acção é limitado e o seu aspecto imediatamente reconhecível. Por este facto, a sua operacionalidade restringe-se a zonas restritas, onde essas práticas são autorizadas e praticadas.

A autonomia de cada modelo condiciona-o, não lhe sendo possível ultrapassar o raio de acção do rádio controlo: máximo 200 metros, no plano horizontal e 60780 metros no vertical.

Estas miniaturas não possuem, regra geral, quaisquer dispositivos luminosos e não operam com condições meteorológicas desfavoráveis. Assim, os proprietários dessas miniaturas não arriscam os seus modelos se verificarem que, efectivamente, as condições não são as melhores. Em jogo estão muitas horas de trabalho e custos elevados. Um aeromodelo sofisticado pode custar mais do que um salário médio!

Assim, na nossa opinião, os aeromodelos não estarão na lista das “confusões”.

## **9 – Efeitos Pirotécnicos e Outros**

O nosso país é riquíssimo em manifestações do folclore tradicional. Festas e romarias atingem o seu auge entre meados de Junho e Agosto, prolongando-se até finais de Setembro (princípios de Outubro). São cerca de quatro meses de actividade em quase todos os lugares do território português; desde o mais pobre povoado à grande cidade.

Todos conhecem o silvo do foguete “simples” ou do “morteiro” e todos reconhecem os característicos estoiros, repetidos ou não, desses objectos

pirotécnicos. Não os confundamos com os foguetes de efeitos, pois alguns desses, em situações particularíssimas, sobretudo observados a longas distâncias e com deficientes condições de visibilidade, poderão causar estranheza a um observador menos atento, ou, como sempre acontece, se eventualmente a sua luminosidade sensibilizar um registo Foto/Cine. É conhecido apenas um caso de confusão nesta área, que foi posteriormente identificado pelo local, data e hora. O observador encontrava-se a cerca de 20 km do local onde tinha sido lançado um foguete festivo, daqueles que se dividem em várias “bolas” de cor, tendo-o observado, fortuitamente, pelo espelho retrovisor da sua viatura. Pensou ter visto um “OVNI” e reportou a sua experiência enquanto tal.

Foi fácil descobrir que, naquele dia e àquela hora, ocorria num lugarejo próximo a festa da sua padroeira e que o “OVNI” era, de facto, um foguete festivo (1979 – interior Centro, testemunha anónima – arquivo particular).

Balões são também lançados em algumas festas populares, sobretudo na região do grande Porto. São feitos de papel de seda e a sua configuração é a de uma pêra invertida.

Podem ter uma envergadura de cerca de 80 cm, mas podem chegar (padrões comercializáveis), aos 2,50 m. Sobem por efeito do ar quente, produzido por uma centalha colocada na boca dessa estrutura.

Por experiência, apenas os de maiores dimensões conseguem “voar” com sucesso, em noites mais ou menos calmas (são lançados especialmente à noite, pelo efeito luminoso produzido).

Nesses lugares de lançamento, ninguém estranha ver um objecto destes, nesse dia, mas o caso muda de figura se o mesmo objecto for observado noutra altura. Falamos concretamente deste assunto porque um dos elementos da PUFOI observou um destes balões, fora da sua época. Soubemos mais tarde que um cidadão, que possuía um destes artefactos, não querendo esperar pelo ano seguinte, decidiu lançá-lo numa noite calma de Setembro. Estamos certos que

não houve qualquer “mistério”, mas não ficaríamos surpresos se tal tivesse acontecido! Cremos que dificilmente alguém confundirá este tipo de objectos, mas eles constam da lista, e como tal, deverão ser analisados.

Ligeiramente semelhante, aparece o “very-light”.

Como se trata de um sinal de aviso/socorro, é normalmente utilizado nessas situações, principalmente no mar ou em terrenos a explorar (por montanhistas, por exemplo).

O cartucho com o produto luminoso é lançado por uma pistola, que se aponta para o ar. Uma bola luminosa sobe rapidamente, até cerca de 250 m, para voltar a cair lentamente.

Very-light é isso mesmo: muito luminoso, consoante a mensagem que se pretende transmitir; poderá ser vermelho, verde ou branco.

Naturalmente que a utilização deste engenho não se confina a situações de excepção, ocorridas no mar. Os montanhistas possuem este dispositivo, as tripulações de aeronaves (em situações de despenhamento eminente), também o utilizam e até patrulhas de exploração. O seu aspecto visual e comportamento, não deixam grande margem para dúvidas. Contudo, é sempre bom sabermos estas particularidades, sobretudo nos dias que correm, onde qualquer um pode adquirir um very-light, para o utilizar onde desejar ... Lembremo-nos do que se passa em alguns campos de futebol!

A noite propicia o espectáculo das luzes e das cores, cá em baixo na Terra e lá em cima no céu. No céu, já vimos no item 3, mas aqui, debaixo dos nossos pés, a coisa pode complicar-se, pois “exemplos de leituras deficientes”, reflexos em estruturas polidas, espelhos ou outras superfícies, quer no período nocturno, quer no período diurno, podem confundir e iludir qualquer um, mas os efeitos diversos dos aparelhos utilizados na noite das festas populares, dos centros urbanos, podem, eventualmente, criar situações de dúvida ao comum cidadão.

Projectores de focos de longo alcance, projectores de raios laser, anúncios luminosos, situados a grande altura, sinalizadores colocados em antenas ou edifícios, podem ser, em circunstâncias especiais, confundidos com “outras coisas”.

Diz o povo, com razão, que à noite todos os gatos são pardos e a noite propicia a leitura deficiente do que pode não passar de vulgaridade. Como já referimos, as condições específicas em que são efectuadas as observações, podem condicionar a sua leitura.

## **10 – Pára-quedistas**

Pode parecer incrível que alguém possa confundir um pára-quedista com um “OVNI”, mas esse insólito já aconteceu e mais uma vez essa leitura resultou do somatório de vários factores: testemunha/circunstâncias/objecto observado.

Observados a uma distância de cerca de 6000 m, vários pára-quedistas (3 ou 4), lançaram-se de um avião Cessna, que sobrevoava S. Jacinto (Aveiro), para um espectáculo aeronáutico.

No interior da zona, encontrava-se o Sr. X. Desconhecia o evento e estava a regar a sua horta, como de costume. O dia estava a meio e havia uma neblina local. De repente, viu muito difusamente, uns pontos negros, lá longe, evoluindo no ar... Desciam, andavam para a frente, subiam e desciam...

O reporte transformou-se em observação “OVNI” (1982 – Litoral-Centro – testemunha anónima/arquivo particular).

Fica o registo e a noção de que um ou vários pára-quedistas se podem transformar em “Ovnis”, devido a uma deficiente observação.

## **11 – Projécteis de Artilharia**

Há quem sustente a ideia de que projécteis de artilharia possam ser confundidos com artefactos estranhos.

Não podemos aceitar esta teoria, de modo algum, pois são bem conhecidas as características e comportamento desses engenhos, disparados por morteiros, obuses ou peças de artilharia.

A velocidade, à saída da boca do cano, é espantosa e ninguém consegue observar esse momento, nem o percurso do respectivo projectil até atingir o alvo. Só através de um sofisticado processo fotográfico, será possível captar esses objectos em “andamento”. Assim, esta hipótese parece, desde logo, excluída.

Todos os exercícios militares de fogos reais, se circunscrevem ao perímetro designado, sujeito a fortes medidas de segurança.

No nosso país existem alguns perímetros de treino militar, aéreo e terrestre. Um dos mais importantes (talvez o mais conhecido) é o de Santa Margarida, área restrita, palco de ensaios reais. Todos os exercícios aí efectuados não colidem com a segurança das populações limítrofes – um dado adquirido. Exercícios reais que envolvam a Força Aérea ou a Marinha, são cuidadosamente executados em áreas restritas, longe das populações civis, obedecendo sempre ao anúncio prévio desse evento, junto das áreas populacionais próximas.

Seguem-se, na área da artilharia, os mísseis e os foguetes, terra-terra, terra-ar, ar-terra... São objectos fusiformes de maior ou menor envergadura, impulsionados por sistemas de propulsão. Poderão ser visíveis, embora possam atingir velocidades muito elevadas (500 a 700 km, ou mais). Deixam um rasto à partida e alguns continuam a deixá-lo ao longo do seu percurso, até ao objectivo. Qualquer observador de um destes objectos, aperceber-se-á do que se trata. São disparados por elementos da infantaria, unidades automóveis ou aeronaves.

Por fim, aparecem os mísseis de longo alcance, semelhantes aos anteriores, mas definitivamente diferentes. São foguetes de dimensões consideráveis, movidos a propulsores químicos, semelhantes aos que são utilizados nos arrancadores dos projectos espaciais balísticos. Podem atingir alvos intercontinentais (3.000

a 8.000 km), ou mais do que isso, se o processo incluir posicionamentos orbitais. Estes aparelhos só podem ser observados muito perto do local de lançamento e muito próximo do local de impacto.

Por esta simples razão, não podemos aceitar que alguém possa confundir um objecto deste tipo com um “OVNI”. Por outro lado, e principalmente, estes projecteis só aparecem em verdadeiros cenários de guerra, onde todos os envolvidos não pensam, seguramente, em naves “ET”!

Em tempos de paz procedem-se a ensaios balísticos onde se simulam essas situações, mas nunca como num teatro de guerra e muito menos em Portugal. Contudo, admitindo situações muito particulares, podemos aceitar que tenham havido manobras militares, onde se utilizaram esses meios. Portugal pertence à NATO e por essa razão, não é de todo inviável, contudo, a terem acontecido, terem sido no mar, fora das águas territoriais.

A questão dos mísseis é de facto um assunto controverso, mas nitidamente mais especulativo que real.

Este tipo de armamento pode não passar de um projectil disparado por um simples soldado de infantaria contra um alvo próximo: um blindado em progressão, uma aeronave inimiga próxima, um bunker defensivo, até aos objectivos longínquos terrestres – bases navais ou aéreas, ou simplesmente alvos urbanos.

Um míssil pode ser um artefacto com meia dúzia de centímetros de comprimento, até aos que possuem cerca de 50 m, de comprimento (ou mais!), por 2,50 m a 4,00 m de diâmetro total (por vezes chegam aos 5 m).

Todos os exercícios militares envolvendo estas armas, considerando-os como treino militar, estão sujeitos a perímetros limitados que, previamente, deverão ser identificados como palco de uma experiência. As fortes medidas de segurança, nomeadamente no quadro das potências da NATO, não proporcionam “visões” insólitas às populações. Como dúvida, fica a ressalva, mas não para convencer. Aliás, a nossa opinião é negativa, devido ao facto

destas situações colidirem com as mais elementares regras do pacto de segurança ocidental!

Observar um míssil de envergadura razoável, percorrendo o espaço aéreo territorial, de qualquer país ocidental, ou outro, em tempo de paz, será tão raro, como ver uma verdadeira nave “ET” no nosso quintal!

Pensamos que, a partir deste pressuposto, estará resolvida a questão confusa dos mísseis e dos projecteis de artilharia. No entanto, devemos referir que as convenções dos membros da NATO, sobretudo da França, podem designar um perímetro de manobras, escassas horas antes do exercício, mas não invadindo espaços aéreos territoriais, como seria o caso.

Colocar em perigo populações, navegação aérea ou marítima, seria um preço elevadíssimo a pagar, se algo corresse mal no exercício.

Não é, de modo nenhum, minimamente razoável, admitir experiências deste género.

## **12 – Aves solitárias ou em bando**

Na tentativa de encontrar objectos que possam ser confundidos com anomalias aéreas, alguns investigadores sugerem que as aves podem estar na origem do engano. Contudo, a experiência diz-nos que este argumento falha quase redondamente. Senão vejamos: As aves nativas do continente são residentes particulares de zonas mais ou menos específicas, ou seja, uma toutinegra, milhafre ou águia, não se aproximam demasiado dos grandes centros urbanos, assim como a gaivota não é observada nos campos ou serras do interior.

Especialmente nas zonas rurais interiores e em zonas montanhosas, onde a vida é quase selvagem, as aves executam as suas rotinas diárias ancestrais. Aves de rapina, cuja envergadura poderá atingir os 80/120 cm, recolhem aos ninhos depois do sol-posto, como a esmagadora maioria das outras espécies, mesmo as migratórias sazonais, das quais a maior é, sem dúvida, a cegonha, seguida do flamingo. Só que estas aves não habitam a montanha.

Depois do sol-posto, só existem duas espécies nocturnas, o mocho e a coruja, que não são vistas nos meios urbanos. No período diurno, as aves residentes, no meio rural, não voam em grupo e são imediatamente identificáveis. Outro animal, semi-nocturno, que pode ser observado em voo, quer no campo, ou na cidade (zonas muito específicas), é um mamífero – o morcego. Contudo, este animal, que não excede os 30 cm, só actua no período de uma ou duas horas, após o pôr-do-sol, recolhendo aos seus esconderijos.

Espécies nativas, migratórias; do litoral, do interior, das cidades, das montanhas... Cada uma no seu sítio!

Se repararem, o pardal (cerca de 12 a 15 cm de envergadura) é comum nas cidades e mais raro no campo, quase inexistente na montanha...São como as andorinhas migratórias (que chegam a atingir 20 cm de envergadura). De facto, a andorinha é uma ave muito particular, que se rege por “princípios” comunitários rígidos e interessantes. Desloca-se em grandes grupos, onde o “espírito” familiar, ou de acasalamento, é importante. Dentro do grupo destacam-se os parceiros sexuais (macho/fêmea), ou o terceiro elemento...”namorado” da fêmea ou descendente mais velho. Todos eles procuram, até ao limite das suas possibilidades, o sustento dos jovens, por isso não é de estranhar que, grupos de andorinhas sejam vistos, duas ou mais horas depois do sol-posto, procurando os derradeiros insectos do dia, como dieta alimentar dos seus juvenis. Observações directas mostram que estas aves, por vezes, prolongam a sua caça aos insectos até depois da meia-noite, porque o reflexo das luzes de um grande centro urbano lhes fornece a luminosidade idêntica ao pôr-do-sol. Devido à sua enorme velocidade de voo, ao seu pequeno tamanho e à coloração negra, são muito dificilmente observáveis no escuro. Só é possível identificá-las pelos seus pios muito característicos. Ninguém poderá confundir estas aves com qualquer coisa de insólito!

A única ave que voa a qualquer hora é a gaivota, especialmente no litoral. A gaivota pode atingir uma envergadura apreciável, tão ou maior que a maior ave de rapina, e possui uma particularidade “detectável” em relação a estas. O peito e a parte inferior do seu corpo são de cor branca ou muito clara. Por outro lado,

tanto pode voar em grupos muito numerosos e compactos, como em grupos dispersos, onde os indivíduos se distanciam uns dos outros, mas também pode voar solitária. Os reflexos da claridade urbana iluminam o seu corpo, mas, mesmo assim, a sua forma é inconfundível, até porque não se desloca acima dos 100/150 m de altura, por uma razão simples: ou está de volta ao ninho, ou procura o derradeiro alimento.

Esta ave poderia, juntamente com o mocho e a coruja, constituir uma incógnita para um observador fortuito, mas como já se disse, é substancialmente improvável que alguém fique confundido com estes animais em voo. Em nossa opinião, só se entende que existam dúvidas, se algo impressiona uma película fotográfica, e o objecto, pelo seu deslocamento rápido, superior à velocidade de obtenção da foto, aparece desfocado. Neste caso, pode tratar-se de tudo, inclusive uma ave, mas não necessariamente um “OVNI”!

É possível que bandos compactos de aves sejam captados pelos radares, de forma a confundirem os operadores. No entanto, estando o nosso país na rota migratória de muitas espécies, não existem (ou pelo menos que se conheçam), registos de radar que tenham provocado quaisquer reacções “pró-OVNI”.

### **13 – Fenómenos telúricos/geológicos**

Fenómenos de origem tectónica (geológicos), são descritos e por vezes associados a manifestações “OVNI”. Este tipo de fenómenos tem uma origem física, provocada pela libertação de gases, nas várias fases das manifestações telúricas, mas tal situação não é muito frequente.

O nosso planeta é constituído por 92 elementos naturais: sólidos, líquidos e gasosos. Os processos da sua “junção” ou “repulsão”, são quase infinitos, podendo criar novas substâncias, quando associados, adequadamente, por processos naturais.

Os gases por vezes libertados, em situações tectónicas extremas, não têm forma definida, como é natural, e o seu aspecto não confunde. A questão da

luminosidade pode, eventualmente, ser considerada, mas cinge-se apenas à nuvem desse gás. Este será, porventura, o único fenómeno geológico digno de nota, neste resumo, mas não possui relação alguma com elementos estruturados e de deslocação semelhante a quaisquer artefactos voadores.

#### **14 – Nuvens de insectos**

As nuvens de insectos existem mesmo. Este fenómeno, de natureza animal, é conhecido desde os tempos mais remotos, e sempre foi identificado como isso mesmo: uma nuvem de bicharada, sobretudo de mosquitos ou gafanhotos.

O seu comportamento é semelhante às nuvens de estorninhos (no ar), ou aos cardumes de sardinhas (no mar). São, realmente, “formações” cerradas de criaturas que agem por instinto colectivo, como um todo!

Formam pois um aglomerado concreto, mais ou menos denso, cujas evoluções parecem aleatórias.

O clima específico do nosso país não tem propiciado muito o aparecimento destes fenómenos. No período de um século, os registos deste tipo de comportamento animal, não atingiram a meia dezena, e mesmo assim, nunca foram incontrolláveis. Nada que se compare às zonas florestais húmidas ou áridas de África, América Central e estepes, com charcos e climas extremos da Ásia Central. Assim, não existem em Portugal registos onde este fenómeno possa ter sido identificado como algo “inclassificável”. Existe remotamente uma possibilidade: Alguns insectos voando em grupos compactos, ao atravessarem campos eléctricos criados por uma tempestade, podem ser iluminados pelo processo do Fogo-de-Santelmo (ver item 7). Esta conclusão parte de experiências laboratoriais, não confirmadas na natureza. Embora duvidemos destes resultados, consideramos uma hipótese a ter em linha de conta. Existem insectos luminescentes, como é o caso do conhecido pirilampo, ou “lumi-cu”, tal como é vulgarmente conhecido em algumas zonas do país. Este “animalzinho” não é o único luminoso existente no planeta, mas será o mais vulgar em Portugal. O seu tamanho não excede os 5 mm (por vezes um

pouco mais), mas a luminosidade que “pisca”, irradiada por ele, vê-se a mais de 50 metros. Como qualquer insecto, pode voar em enxame, mais ou menos compacto, mas o seu comportamento de voo é irregular, nunca em nuvens compactas. Entre a Primavera e o Verão é vulgar observar este curioso bichinho, que jamais foi confundido com um “OVNI”, mas já alimentou algumas histórias de fantasia.

Incluiremos aqui, como animais “luminosos”, outras espécies que, por vezes, são observadas à superfície.

O fósforo é um elemento que faz parte integrante dos organismos vivos, numa “situação” directa ou indirecta... Existe na natureza, por exemplo, em forma de fosfato. Encontra-se nos ossos dos animais, no sistema nervoso e na urina. De igual forma se encontra nos órgãos reprodutores dos peixes. É luminoso e extremamente inflamável. Este elemento simples, símbolo químico P e número atómico = 15, é ligeiramente “ambrado” (branco/amarelo). No seu estado natural e nas situações descritas, produz uma luminosidade suave mas nítida, sobretudo no escuro.

Em situações esporádicas, algumas zonas costeiras podem apresentar luminescências estranhas. A maioria das vezes, esse fenómeno deve-se à presença de criaturas marinhas, em quantidades colossais... peixes, medusas e outros, que dão à costa em estado de putrefacção. Essa luminosidade anormal, observada à beira mar ou perto dela, tem provocado algumas interpretações erradas.

As pirrófitas são algas minúsculas e geralmente marinhas. Algumas têm a capacidade de emitir luz. Em noites escuras, poderão ver-se pontinhos luminosos nas ondas do mar, quando biliões destes animaizinhos dão à costa. São as pirrófitas “noctícula”, apresentando um fenómeno conhecido por bioluminescência. Também provocam outro fenómeno, conhecido por maré vermelha, que de dia apenas apresenta essa coloração.

## **15 – Fogo-fátuo / gases do pântano**

O metano produz-se pela decomposição de um corpo orgânico, animal ou vegetal. Em concentrações muito próximas dos 25%, em mistura com o ar, pode inflamar-se instantânea e espontaneamente, formando uma espécie de névoa esverdeada/azulada, principalmente em épocas quentes. O fenómeno não é detectável á luz do dia, mas à noite é frequente observar esse espectáculo, sobretudo nos cemitérios ou nos pântanos, onde a matéria vegetal, em quantidades consideráveis, se decompõe.

O gás metano é muito combustível, podendo originar fogos em matas não cuidadas. Quem, porventura, observar este fenómeno de muito perto, verificará que a nuvem proveniente da combustão, poderá atingirmos 2 a 3 metros de altura, e aperceber-se-á de um leve ruído, semelhante a uma explosão abafada. Encontrando-se no meio dos gases, inevitavelmente será vítima de queimaduras mais ou menos graves. Este é um fenómeno rasteiro, ou seja, muito próximo do solo, pelo que só afectará os místicos e os super-medrosos, que imaginarão fantasmas ou figuras similares, se eventualmente estiverem num cemitério ou perto de detritos orgânicos em decomposição.

## **16 – Árvores luminosas**

A natureza reserva-nos sempre uma surpresa, e esta só deixa de o ser, quando a Ciência decide estudá-la. É assim que alguns fenómenos desconhecidos, do passado, passaram a uma vulgaridade incontornável.

Algumas árvores podem tornar-se luminescentes. É o caso do azevinho (azevinheira ou azinheira), urticáceas (dicotiledónias, camelácias) e a acácia branca (moringa oleífera). Alguns povos chamam-lhes o “fogo da aldeia” ou “fogo da mata”, ou ainda outros adjectivos semelhantes. Esses vegetais, em condições meteorológicas excepcionais e na presença de campos electromagnéticos, tornam-se luminescentes, sem que esse fenómeno as afecte. Parecem arder durante a noite (momento de maior visibilidade). O fenómeno foi já produzido em laboratório e os resultados confirmados. Naturalmente que não produzem imagens de “OVNIS”, mas podem ser confundidos com imaginários.

## **17 – Diversos**

Tudo o que pode ter escapado à tentativa de dividir algumas curiosidades, em argumentos justificativos da presença de “naves extraterrestres”, encontra aqui o seu lugar especial.

Neste derradeiro item, podemos incluir “manifestações” como os fogos-fátuos, descargas de detritos, provenientes de aeronaves convencionais - em voo acima dos corredores aéreos nacionais – “chuvas” de objectos diversos, após o desencadeamento de fenómenos extremos da natureza (tornados e ciclones de elevado grau destrutivo), halos estranhos em volta do sol, secções limitadas de um simples arco-íris, que por efeitos nebulosos se apresentam invulgares, luminosidades raras em vulgares nuvens, etc., etc.

### **Nota Final**

Como pudemos analisar, a esmagadora maioria dos “OVNIS” têm uma explicação lógica e científica. Caberá a cada um de nós o cuidado de observar as coisas “estranhas” com um espírito muito crítico e a vontade de não criar mistérios avulsos, quando eles praticamente não existem.

Sejamos razoáveis, comedidos, desconfiados, realistas. Se formos testemunhas de algo nunca visto em nossas vidas, mantenhamos o “sangue frio”, o discernimento, e registemos todos os detalhes possíveis, sejamos rigorosos e pragmáticos: Data, hora, local, condições meteorológicas, tipo de fenómeno, etc., devidamente descritos. Depois, devidamente encaminhados para as organizações credíveis, as quais ajudarão a decifrar as dúvidas do observador.

Façamos sempre como o “advogado do diabo”. Tentemos encontrar uma explicação para o nosso mistério. Esgotemos todas as possibilidades de resposta para aquilo que desconhecemos e provavelmente iremos concluir que o “nosso mistério” não é conforme inicialmente imaginávamos.

Este resumo ajudará a fazer essa selecção, imprescindível para que não nos iludamos. Procuremos saber o que pode ter sido e não nos preocupemos demasiadamente.

O que pode não ter sido, será o resultado de uma análise minimamente consciente/científica. Para chegarmos a esse ponto, a nossa observação terá que passar por um apertado crivo; aquele que é aqui apresentado e mesmo assim devemos contar com mais de 50% de probabilidades de uma falsa observação.

## **IX – Os X-Files à Americana e o pensamento da PUFOL. Roswell**

Mais de meio século volvido desde o famigerado “incidente em Roswell”, a PUFOL decidiu dar a conhecer a sua opinião sobre o caso.

Antes de apresentar essa reflexão, desejamos que fique bem claro, que não é nossa pretensão demonstrar perante quem nos contacta, sermos detentores da verdade ou da razão. Antes, entendemos, apenas, divulgar a nossa particular opinião.

O acto de acreditar é aceitar sem reservas alguma coisa, sem a submeter a provas. Crer é não duvidar da sua possibilidade.

Se a “verdade” das coisas nos preocupa, não devemos aceitá-las sem discussão, e sem sobre elas reflectir. Devemos sujeitá-las a todas as provas e testes possíveis até, esgotadas as possibilidades, concluirmos, admitirmos, duvidarmos, negarmos ou tecermos considerações temporárias ou definitivas.

Aceitar sem discussão é um acto de fé, nunca uma acção inteligente, verdadeira, científica.

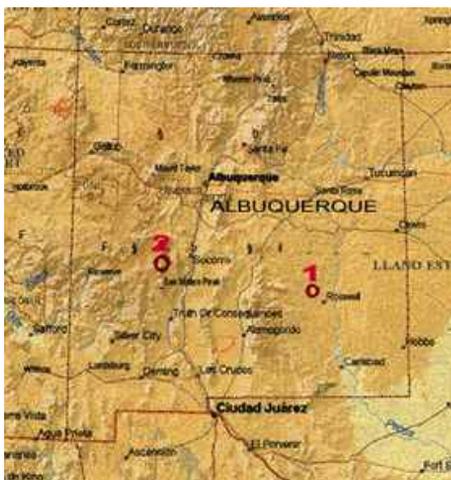
A reflexão que a nosso ver se impõe sobre os acontecimentos de Roswell/1947,

baseia-se nos inúmeros depoimentos das presumíveis testemunhas (directas e indirectas - algumas ainda vivas), nas obras literárias que relatam o evento, nas várias centenas de artigos e notícias publicados em jornais e revistas de todo o mundo, em variadíssimo material publicado em revistas e outras publicações que se dedicam ao problema dos “não identificados”, nas diversas opiniões de investigadores, homens de ciência, analistas etc., na opinião de personalidades da vida pública e política americana, nas várias posições que tanto o governo americano, como outras organizações de Estado têm divulgado, mas sobretudo na história de Roswell, tal como nos é relatada, mas vista à luz da lógica, da racionalidade e na natural leitura do caso pela vertente científica.

## PRELIMINARES

Na história da “ovniologia” mundial, o caso Roswell, ocorrido em 2 (ou 4?) de Julho de 1947, perto da cidade com esse nome, no estado do Novo México, será, porventura, de todos, talvez, o mais mediático, o que maior controvérsia tem gerado, o que tem suscitado as mais diversas opiniões, o que tem criado verdadeiros mitos e “ondas” de paixão incontrolada, o que tem oposto investigadores e serviços governamentais, o que acabou por gerar um culto, uma “dernière philosophie” no espírito humano.

## Local da presumível tragédia alienígena



**1 - Local onde a suposta nave teria colidido de raspão com o solo**

**2 - Local do despenhamento**

Sobre Roswell já correram verdadeiros rios de tinta! Escreveram-se inúmeros artigos editados em todas as revistas que no mundo tratam destes temas. A imprensa mundial tem, ao longo deste meio século, escrito, comentado e especulado sobre Roswell, quase até à exaustão. Sobre Roswell existem livros, documentários, filmes (quer documentais, de ficção e até pretensamente verdadeiros), fotografias, testemunhos e até pretensas provas físicas!

Para nós, contudo, observa-se um caso no mínimo curioso em toda esta história: todos os comentários apontam para uma conspiração “demente”, por parte do governo americano, que a todo o custo, com os mais hábeis argumentos e por todos os meios, tenta esconder a verdade e destruir um evento real.

Nunca nenhuma voz (ao que saibamos), alguma vez duvidou ou pôs em causa os acontecimentos de 2 (ou 4?) de Julho de 1947. Ressalva feita ao governo americano, que sistematicamente o tem desmentido. Não é nosso propósito, parecer, aos olhos de quem nos contacta, sermos do “contra”, ou por mera “birra”, negar os factos. Quem somos nós....

Decidimos sim, reflectir sobre este caso, e friamente analisá-lo, na tentativa de procurar saber efectivamente o que se poderá ter passado nesse dia já longínquo de 1947.

Sobre o caso, o governo Americano, embora ao longo de todos estes anos tenha sempre negado a hipótese extraterrestre para justificar situações semelhantes, parece, relativamente ao caso Roswell, querer continuar a manter um clima de dúvida sobre o assunto. Uma espécie de “dito por não dito”, que acaba naturalmente por fomentar a especulação e uma eterna interrogação.

Estes são ingredientes de tal maneira fortes, que acabam por manter viva a chama de um caso com mais de meio século, tão actual, como se tivesse ocorrido a semana passada!

Para a “grande” América, possuir uma (ou mais) naves extraterrestres, assim como os corpos dos seus tripulantes, significaria possuir um verdadeiro manancial de novos dados científicos e tecnológicos. Significaria um argumento de peso na sua estratégia persuasiva, contra os seus potenciais “rivais”.

Do ponto de vista militar e tecnológico, possuir de facto todo esse “material” seria sem dúvida uma “arma” intimidatória que suscitaria no Mundo a psicose conveniente ou despertaria o velho papão da guerra fria!

A América detentora de uma aeronáutica insuperável! Tendo em sua posse um desses engenhos, teria a supremacia total do Planeta.

Esta é uma situação que, ao governo americano, lhe confere uma certa “tranquilidade”. A dúvida apresenta-se como verdadeira aliada. Verdade, mentira... ..Porventura, talvez, porque não?...

A realidade, porém, volvidos todos estes anos, revela que da América não surgiu nada de verdadeiramente extraordinário que pudesse justificar a posse de tamanho valor científico/tecnológico. Antes pelo contrário. Roswell virou local de culto, de romarias, de promessas e de um comércio aberrante, com toda a carga negativa subjacente.

Roswell passou a “Fátima americana”!

## **ANÁLISE DOS ACONTECIMENTOS DADOS COMPLEMENTARES**

Número de pessoas envolvidas directa ou indirectamente no caso (dados ao início das investigações, finais da década de quarenta = 79 - constantes em toda a documentação)

- 34 elementos civis
- 3 investigadores independentes
- 7 elementos civis com elevados cargos públicos

- 21 militares (alguns de alta patente)
- 14 elementos com cargos governamentais

É de supor que o número de pessoas envolvidas ascenda a mais de 150. Pode-se imaginar que algumas outras possam ter tido acesso ao caso de um modo indirecto ou fortuito.

Assim, o número pode atingir cerca de 300 pessoas.

Para se aceitar que o incidente em Roswell tenha sido efectivamente o despenhamento de um artefacto com a sua respectiva tripulação, oriundo de um qualquer planeta, que acabou por ser capturada, juntamente com a sua nave, será necessário equacionar este relato na sua génese, ou seja, tentar imaginar dentro de um raciocínio científico, as possibilidades de tudo isso ter acontecido.

Tal raciocínio, por imperativo científico, baseia-se nos conhecimentos relativos e a uma ordem lógica e racional.

Uma análise deste tipo tem fundamentalmente como suporte dois grandes vectores. Primeiro o da nossa própria experiência humana, terrestre e a vanguarda desses conhecimentos. A segunda será uma visão futurista, com base no nosso padrão evolutivo e uma boa dose de imaginação lógica, séria, naturalmente falível, mas a única disponível.

Com base nestes dois vectores, tentamos “construir” possibilidades; imaginar, compreender, viver situações, para se chegar a algumas conclusões.

O aparecimento de vida orgânica não pode ser encarado como uma exclusividade do nosso planeta. Este é já um facto admitido, não confirmado, mas matematicamente aceite pela comunidade científica. A astronomia, na sua área mais activa e vanguardista, tem equipas de trabalho que têm dedicado todo o seu saber e engenho, na procura de respostas a esta questão.

Hoje, graças a esse esforço, pode-se afirmar com alguma segurança, existirem cerca de 60 lugares onde existem as mínimas condições para que o “milagre” da vida possa ter acontecido ou venha a acontecer. Estamos, no entanto, no limiar de possíveis descobertas.

Por outro lado, o célebre e bem conhecido projecto SETI, tem tentado, por outros processos, alcançar os mesmos objectivos. Ao longo de vários anos,

tenta-se detectar sinais de vida inteligente, provenientes do cosmos.

Até hoje, todas essas importantes pesquisas não forneceram à nossa espécie, indícios irrefutáveis da presença desses possíveis e desejados vizinhos.

“Nós sabemos que esses vizinhos existem. Que estarão algures, mas não nos foi ainda possível estabelecer esse contacto. Resta-nos a esperança, a convicção e a vontade de continuar a busca!”

Podemos e devemos partir da premissa de que existem de facto civilizações algures. Mas onde? Em que estágio evolutivo? Etc., etc.!

A algumas destas interrogações, pode-nos responder a Astronomia e as ciências “satélites”, que estudam estes assuntos. Questões que se prendem com a vida no Universo.

Confrontado com este dramático dilema, o astrónomo Frank Drake desenvolveu a sua célebre equação, que mais não é do que, com base nos nossos conhecimentos astronómicos, físicos, químicos e num simples cálculo probabilístico, tentar determinar as possibilidades de existir uma civilização, cujo estágio evolutivo lhes permita um contacto.

Um encontro directo ou indirecto está na base de todos esses projectos. Directo, através da possibilidade de um contacto físico (a nossa civilização está longe dessa meta). Indirecto, por meio de “sinais” ou outro processo semelhante.

A equação de Drake, talvez demasiado realista, dá-nos poucas hipóteses de sucesso.

Isto não significa como é evidente, que nos sujeitemos a ela. No entanto devemos seriamente reflectir nela, embora como se disse, são muito vagas as hipóteses de sermos “visitados” por uma civilização extraterrestre.

## **UM POUCO DE HISTÓRIA**

Desde princípios dos anos quarenta, que a civilização mais evoluída do nosso planeta, se tem vindo a confrontar com os reflexos possíveis da sua própria imaginação. Do progressivo conhecimento técnico e científico e naturalmente das conquistas inimagináveis que tal processo possa vir a atingir. Assim, a possibilidade do nosso planeta estar sendo visitado ou vigiado por entidades extraterrestres é aceitável, possível, de acordo com essa filosofia.

Alguns fenómenos inexplicáveis, crenças, mitos, lendas e histórias, bem como alguma literatura, filmes etc., acabaram por fornecer um aparente suporte consistente a essas convicções, transformando-as em algo de verdadeiramente possível e real.

A esmagadora maioria, dos casos estudados pelos investigadores de “ovniologia”, possui esta carga “inicial”! São eventos pouco credíveis por consequente falta de rigor e de baixos níveis de credibilidade e de estranheza.

Alguns sectores da Astronomia, em determinada altura (inícios do século vinte), contribuíram, inadvertidamente, por simples ignorância, para uma ideia falsa que não só criou uma verdadeira psicose extraterrestre, como, ainda hoje, povoa negativamente o imaginário de muitos de nós.

Pode-se, pois concluir que o fenómeno “ovni” dentro da esfera de uma manifestação extraterrestre, traduz uma parcela ínfima de relatos, que poderão apontar para essa hipótese.

No entanto, o suficiente para justificar todo o empenho desenvolvido, por aqueles que, como nós, em todo o mundo, continuam atentos e trabalhando arduamente à procura de respostas.

Por isso, é de admitir que alguns casos possam ser indicadores de uma tentativa de aproximação de vizinhos cósmicos.

As estatísticas de relatos credíveis, que parecem apontar para manifestações de origem alienígena são, no entanto, como foi referido, um número mínimo, de

aproximadamente 0,001% de entre centenas de milhares de relatos. Conclusão a que se chega, após criteriosa análise das testemunhas e das suas histórias. O caso Roswell parece, sem dúvida incluir-se nesta “categoria”: Pouco credível. Porquê?

O caso resume-se:

Um objecto estruturado de aparência discoidal (?), de pequenas dimensões (9m de envergadura e 4m de habitáculo), com 4 tripulantes a bordo de aspecto humano, mas de origem desconhecida, despenha-se numa região desértica do Novo México (E.U.A.), depois de ter colidido com o solo e aí ter perdido parte da fuselagem, alguns quilómetros antes, perto da localidade de Roswell.

Na origem do acidente, pode ter estado uma avaria no referido objecto, o efeito de uma tempestade eléctrica ou algo semelhante.

A nave e os tripulantes (um deles ainda com vida), são capturados pelos militares Americanos, que por sua vez recolhem também todos os destroços existentes perto de Roswell. Todo este “material” é transferido para local secreto e mantido em máximo segredo até aos dias de hoje.

- As principais testemunhas que afirmam ter visto destroços, corpos ou o objecto, ou assistido de perto ao evento, afirmam categoricamente a sua veracidade.

- Um dos militares envolvido inicialmente no caso (Major Jesse Marcel), foi posteriormente obrigado a afirmar perante a opinião pública que tudo não teria passado de um engano, segundo consta, contra a sua vontade. Parece-nos que o seu depoimento inicial é importante, mas carece infelizmente de suporte consistente. Será talvez um dos depoimentos mais controversos.

- O governo Americano negou desde sempre que o caso tivesse algo a haver com extraterrestres.

Estaremos perante uma verdade ou uma farsa?

Para podermos admitir que de facto em Roswell - E.U.A., se tenha despenhado uma nave extraterrestre, devemos analisar com o máximo rigor, se de facto isso possa ter acontecido. Se de facto é possível.

Contamos, pois, para o efeito, das “ferramentas” contidas nos dois vectores já referidos e naturalmente da experiência de alguns “ovniólogos”, que sempre trabalharam com espírito de rigor científico.

## **A REFLEXÃO**

Embora as teorias e os saberes de que actualmente dispomos, apontem para uma manifesta dificuldade de se efectuarem viagens interestelares, vamos admitir que isso seja possível.

Vamos, no entanto, supor que algumas civilizações vizinhas disponham dessa possibilidade\*.

Uma missão de exploração espacial pressupõe:

**a)** - Uma civilização tecnicamente muito superior à Terrestre.

*\* Considerar possível a existência de civilizações (mais do que uma) com alto desenvolvimento tecnológico, que habitem lugares próximos da Terra, é já uma posição, muito, optimista.*

**b)** - Uma engenharia espacial muito evoluída.

**c)** - Vastos conhecimentos e experiência astronáutica.

**d)** - Naves espaciais ou outros processos capazes de ultrapassar as barreiras espaço/temporais.

**e)** - Vastos conhecimentos de astronomia ao nível planetário e galáctico.

**f)** - Vasto domínio em todas as áreas da ciência.

**g)** - Programa de voo contemplando todas as situações.

**h)** - Programa de contacto prevendo e contemplando todos os cenários.

- i)** - Imprevistos e respectivas acções imediatas.
- j)** - Elaboração de relatórios dos resultados finais.
- k)** - Existência de apoio no lugar de origem.

Uma civilização com estas características é suposto elaborar um plano de exploração espacial, com o máximo detalhe e pormenor, não subestimando nem descurando qualquer pormenor.

Naturalmente que aguardará o resultado dessa exploração, constante em relatórios ou qualquer outra espécie de elementos previstos para o efeito.

Por muito evoluída que seja uma civilização, será lógico admitir que as noções elementares de sobrevivência são próprias da sua condição biológica e fazem parte integrante da sua génese.

**1-** Não sendo possível imaginar a procedência da suposta nave (?) que se despenhou em solo Terrestre, não se nos afigura, contudo, muito lógico, admitir que para efectuar tal viagem se utilizasse um engenho de tão pequenas dimensões ( 9m de envergadura para 4 ocupantes ). Seria admissível se se tratasse de um engenho “telecomandado”, o que não é o caso.

**2-** Da experiência terrestre, parece-nos impraticável efectuar tal viagem utilizando motores a propulsores químicos ou atómicos. A pequena dimensão da presumível nave é disso prova.

**a)** - Excluindo estas hipóteses de propulsão, estaríamos em presença de algo unimaginável. Sendo assim, tratar-se-ia de um aparelho ou algo semelhante, cuja alta tecnologia estaria para além da nossa mais pura ficção ou fantasia. Seria algo de altamente sofisticado e poderoso, quase infalível. Como admitir que se tenha despenhado ao chegar ao seu suposto objectivo, por avaria ou por erro de pilotagem? Como aceitar que uma simples tempestade eléctrica (ao que consta de testemunhos), possa ter provocado esse acidente? Consta, porém que, em 1947 ocorreu uma das maiores tempestades solares jamais registadas,

estando na origem de inúmeras interferências e avarias nos nossos sistemas de radiocomunicação. Terá esta tempestade solar originado a avaria e queda dessa nave? Será difícil aceitar pelas razões já descritas.

**3** - Porquê um despenhamento em solo americano e numa zona quase desértica? Será de supor que uma nave que se tenha deslocado, sabe-se bem de onde, com destino a esta área do cosmos, tenha deparado com o nosso planeta. Vista do espaço, a Terra é um astro de dimensões relativamente apreciáveis, coberto de água líquida e algumas vastas áreas de matéria sólida emersa. Os lugares propícios a uma aterragem, mesmo que discreta, são imensos. Porquê num território da América do Norte? Porquê nos Estados Unidos?

Que se saiba, nunca existiu nada semelhante em qualquer parte do Mundo. Nem na Grécia, no Japão, em Espanha, na Inglaterra, no Congo, na Mauritània ou nos Açores! A ex-União Soviética diz também possuir o seu “ovni + tripulantes” (?). Nada de concreto se sabe.

O caso mais recente, reclamando também a posse de “material” semelhante ao de Roswell, é no Brasil. Trata-se do caso de Varginha, cujos destroços da nave e os seus pilotos (?), teriam sido entregues às autoridades Americanas.

Este é um caso muito pouco consistente, mas que naturalmente não será subestimado. Sobre este evento, e por falta quase absoluta de grandes evidências, não deverá ser utilizado neste trabalho. Cada caso é um caso, e o caso de Varginha não serve de exemplo. Apenas é mais um caso insólito, que deverá merecer toda a atenção dos investigadores sérios.

**4-** Partindo do princípio de que toda a acção obedeceu ao cumprimento de normas pré-estabelecidas, contemplando, entre outras, as mais elementares regras de segurança, quer da tripulação, quer do aparelho, não nos parece lógico a inexistência de uma operação de resgate. Ilógica é também, ao tomar conhecimento do “acidente”, ignorar as suas causas, no sentido de precaver futuros percalços.

**5- Características e dimensões do aparelho (nave) descrito, relativamente ao número de criaturas que o tripulavam:**

**a)** - O que nos é descrito, refere um aparelho com cerca de 40m<sup>3</sup> de espaço total. Não nos parece suficiente, tendo em conta a nossa própria experiência, que nesse espaço exíguo se possam armazenar os motores e o “combustível” necessário para se proceder a longas (?) viagens siderais, de duração indeterminada. Tão pouco, nos parece suficiente para albergar uma tripulação de quatro indivíduos (mesmo com pequena estatura), e os consumíveis necessários à manutenção de vida, Partindo do princípio de que, tal como são descritos, os seres são biológicos e não “máquinas” (robôs).

**b)** - Não se tratando de uma nave de longo curso, já nos parece possível, mas então teremos de admitir a existência de uma outra, de dimensões e capacidade muito superiores. Uma nave de longo curso, com todas as aptidões para efectuar viagens do tipo que se imagina.

**c)** - Partindo dessa premissa, será lógico admitir que a tripulação total envolvida na missão não seja de apenas 4 indivíduos. Este raciocínio indica que outros indivíduos permaneceram na nave principal.

**d)** - Assim sendo, abandonaram os seus companheiros, sem tentarem uma acção de resgate?

**e)** - Tentaram uma acção de resgate e, tal como os seus companheiros, ficaram prisioneiros dos Americanos? Especulou-se que, algum tempo após o “acidente”, se teriam despenhado em solo Americano mais duas naves em idênticas circunstâncias. Nada de muito concreto se sabe sobre isto. De novo estaremos perante a incapacidade dos pilotos? De novo a fragilidade dos veículos?

- No caso de 2 de Julho de 1947, existem várias dezenas de testemunhas civis, militares e até membros governamentais, uns contra e outros a favor.

Nesses últimos despenhamentos (?), ninguém os testemunha! De novo os Estados Unidos em posse de mais engenhos e de mais indivíduos? Alguém desta vez teria sobrevivido?

Tudo nos parece demasiado estranho!

**f)** - e a tripulação era constituída apenas por 4 elementos, isto significa:

- admitindo certas as alíneas b) e e) - que ainda hoje, a nave de longo curso esteja algures em órbita terrestre, ou em algum “lugar” muito próximo, abandonada e vazia (talvez na Lua ou em Marte). Isto significa um total desconhecimento das mais elementares regras de segurança, incompatível com uma sociedade capaz de tais feitos astronáuticos. Será lógico tal procedimento?

**g)**- Admitindo estas hipóteses, conclui-se que “neste momento”, alguém, algures, aguarda notícias sobre a missão. Mediante a ausência de indicadores positivos relativamente à missão e aos seus companheiros, será que nada se fez ? Será que, a breve trecho, iremos assistir a uma nova (já lá vão 54 anos) Roswell? Pensamos bem que não!

Dão naturalmente que pensar (a ser verdade), as constantes avarias ou erros de pilotagem, em máquinas supostamente infalíveis e em pilotos de alto gabarito!

Nem mesmo nós, terrestres, longe de tal tecnologia, cometeríamos erros tão grosseiros!

Toda a história de Roswell é um tremendo acumular de erros. Não nos parece provável tal situação.

**6** - Das perto de 79 testemunhas efectivas, ninguém, até hoje, conseguiu provar com elementos irrefutáveis a sua história. Tudo torna o caso muito pouco consistente.

**7** - Passados 54 anos sobre o evento, muitas dessa testemunhas já faleceram, mais muitas outras ainda são vivas. Sem terem aparentemente nada a perder, o

que as impede de divulgarem o que sabem?

Muitas delas seriam militares de alta patente, outras, individualidades públicas. Decerto a sua opinião teria o “valor” correspondente e desejado por quem pretende esclarecer definitivamente o caso.

**8 - O dito por não dito....**

Ao que consta (notícias impossíveis de confirmar), algumas testemunhas teriam tentado divulgar o que sabiam de concreto sobre o caso, mas a poderosa máquina política/militar Americana, actuando na obscuridade, acabaria por destruir esses depoimentos e as possíveis provas em mãos “profanas”! Verdade? Mentira? Propaganda Americana? Ninguém sabe, mas a ser verdadeira, indica que efectivamente os Americanos têm em seu poder todo esse material de incalculável valor científico!...

...Voltamos assim ao princípio!

Nada de extraordinário ou verdadeiramente revolucionário surgiu durante este meio século, que pudesse ser atribuído ao facto de se extraírem elementos de “material” não terrestre.

Não seria de todo impossível decifrar algo de muito importante, ao fim de mais de meio século.

Será que durante todo esse tempo, os mais eminentes sábios não conseguiram retirar qualquer elemento de todo esse manancial, capaz de alterar substancialmente alguns conceitos e métodos tecnológicos?

Fala-se que foi graças a “Roswell” que se “descobriu” o transistor, o velcro e outros insignificantes produtos ou materiais.

Perguntaremos: só isso? Não foi possível, por exemplo, a todas as eminências científicas que teriam tido acesso ao “engenho”, descobrir o seu modo de locomoção?

Quase duas décadas após o evento, os Estados Unidos de América lançaram em direcção à Lua um pequeno veículo, graças a um gigantesco foguete propulsado a carburante. Hoje, passados mais de trinta anos, o processo é

idêntico!

Não se vislumbra, porém, que tão cedo seja possível utilizar outro meio, do que os “velhos” e limitados propulsores químicos.

Do ponto de vista militar (área tão vital para os E.U.A.), também nada surgiu de francamente importante no capítulo da sua força aérea!

É no mínimo revelador de que tudo o que de novo tem surgido se deve apenas ao natural percurso das pesquisas e ensaios nessas áreas. Nada mais!

O argumento utilizado para justificar a demora em decifrar e compreender todo esse material, parece-nos um falso argumento.

O pressuposto especulativo e ficcionista de que a tecnologia utilizada por essa civilização extraterrestre é, comparativamente à nossa inimaginavelmente avançada, pode conter algo de verdadeiro, mas o facto de não se ter retirado quaisquer dividendos significativos em termos tecnológicos, ao fim de mais de meio século, já não nos parece aceitável.

A nossa espécie já ultrapassou, há muito, o estado primitivo!

Toda a vivência tecnológica terrestre está sustentada pelos princípios básicos das leis que regem a natureza e muito há ainda que descobrir, mas neste estágio evolutivo, em que se equacionam novíssimas formas de criação e em que a filosofia científica constrói novos métodos e horizontes, não faz sentido a desculpa de: “não temos capacidade para entender nada disto”!...Ponto final.

Todo o progresso evolutivo terrestre deve-se naturalmente a um acumular progressivo e natural de conhecimentos, saberes e experiências. Eles devem-se à globalidade da inteligência e criatividade humanas.

O motor a jacto, a manipulação do átomo, os progressos nas áreas da astrofísica, da biologia, da medicina, da química, das várias engenharias etc., etc., são o resultado dessa dinâmica.

Os avanços espectaculares hoje conhecidos, têm normalmente origem em antigas reflexões e experiências. O computador, as telecomunicações, a

robótica assim como a genética, a clonagem etc., são saberes de ontem, tornados hoje realidade.

Em termos gerais, o comportamento humano, nas suas múltiplas facetas, nada se alterou graças ao que se possa ter passado em Roswell.

## **O OUTRO PRATO DA BALANÇA**

A civilização terrestre, desde os primórdios do seu desenvolvimento até aos nossos dias, enveredou por um caminho lógico, prático, intimamente ligado à sua própria natureza, ao meio que o rodeia, a um determinado raciocínio, a uma conjugação de factores, meios, processos, concepções, experiências etc.. O caminho que esta humanidade “traçou” desde o seu primeiro dia, não pode, a nosso entender, ser considerado como único ou exclusivo de uma espécie superior.

Devemos equacionar esta problemática tendo em conta que a espécie e o meio, irão criar o “caminho”. No caso terrestre, o caminho percorrido por esta humanidade, é do conhecimento geral, e no que diz respeito à área espacial, revela o resultado de toda uma aprendizagem quase tão antiga como a própria humanidade.

Hoje sabemos as dificuldades que significam as viagens espaciais. Hoje sabemos ser impossível atingir alvos distantes com os meios de que dispomos, mesmo tratando-se de objectivos situados no nosso sistema solar.

Como atingir alvos para além do nosso sistema? Alvos tão distantes que somente é possível imaginar a quem tenha acesso a dados astronómicos?

Toda a nossa filosofia espacial terá que mudar, se quisermos atingir as metas desejadas - a exploração de outros sistemas solares procurando outros vizinhos. Esta constatação da nossa actual impotência, não nos pode remeter a uma situação de estagnação mental. Devemos aceitar naturalmente esta incapacidade, como temporária, admitindo que outros já a tenham ultrapassado, talvez por terem inicialmente enveredado por outros caminhos, ou porque tenham descoberto outros meios. Um dia será a nossa vez!

- Os meios, os métodos, os planos, os objectivos e os procedimentos de uma outra civilização relativamente ao seu programa espacial, podem não obedecer

aos que julgamos estarem correctos ou aos que correspondem aos nossos desejos.

- Francamente não podemos imaginar quais os objectivos que uma outra civilização possa ter relativamente ao seu programa espacial.

- Temos que admitir ser possível a existência de veículos espaciais alienígenas, e que estes nos possam “visitar”.

- Temos também que admitir a existência de procedimentos contrários ou diferentes dos que julgamos correctos.

- Embora os nossos actuais conhecimentos nos refiram serem escassos os lugares próximos em que condições de vida superior possam existir, teremos que admitir essa vaga possibilidade e por outro lado a possibilidade de outra civilização ter ultrapassado as barreiras espaço/tempo.

- Vamos admitir que um pequeno veículo, tal como nos é descrito, tenha a possibilidade de percorrer o espaço, sem limitações.

- Admitamos que os “pilotos” dessa nave fossem seres híbridos, robot’s ou outro tipo de criatura semelhante. Neste caso, não seria necessário espaço para armazenar os respectivos consumíveis. Acontece porém, que as criaturas descritas, seriam seres biológicos, criaturas “humanóides”, o que reduz a zero este argumento.

- Os motivos que originaram o despenhamento da suposta nave, podem ter sido vários: avaria por defeito, avaria causada por um agente exterior natural (a referida tempestade eléctrica), erro de pilotagem, ter sido abatida pelas tropas Americanas. Qualquer uma delas nos parece muito pouco provável.

- Dos possíveis motivos, aquele que nos parece mais plausível é de avaria causada por um agente exterior natural, talvez algum efeito físico terrestre; pressão, gravidade...

Mais uma vez a contradição: quem se prepara para uma odisséia espacial, tem naturalmente a noção do que poderá encontrar e deverá ter todos os meios capazes de os ultrapassar. O erro “humano” pode pesar, e vamos considerá-lo como único elemento possível.

Estas hipóteses apontadas como possíveis argumentos justificativos para o despenhamento de uma nave alienígena em Roswell, são os únicos que encontramos, mas mesmo assim não se nos afiguram suficientes para credibilizar o evento.

## **OPINIÕES**

Parece-nos estranho que, desde a data em que Roswell foi palco do despenhamento de uma suposta nave alienígena, e até aos dias de hoje, nenhum dos investigadores que se dedicam ao estudo destas questões e que naturalmente reflectiram sobre este evento, o tenham alguma vez posto em causa ou, simplesmente, duvidado dessa história.

Todos têm sido unânimes em aceitar e afirmar que o caso é verdadeiro e que o governo Americano oculta propositadamente um facto inegável.

Será que este caso é tão óbvio, que não tenha suscitado as mínimas dúvidas aos olhos dos investigadores do “Fenómeno Ovni” de todo o mundo, e que só a nós nos tenha alertado para uma leitura descomprometida?

Porquê?

Um desejo íntimo, um sonho interior que torne realidade a vontade de ser possível?

Uma tentativa de tornar possível, o que se vislumbra ser hipotético?

Um argumento para provar, aos mais cépticos, que existem outras civilizações e que muitos dos avistamentos insólitos provam essa realidade?

Com que propósito? Com que fim? Com que certezas se pode defender este caso?

## **NOTA FINAL**

A lógica, o sentido prático, o bom senso e o suporte de conhecimentos adquiridos, demonstram, claramente, que os acontecimentos ocorridos em Roswell no dia 2 (4?) de Julho de 1947 e do modo como estão descritos, dificilmente poderiam ter acontecido.

A balança dos prós e dos contra, encontra-se claramente desequilibrada. Os argumentos contra, são demasiado evidentes e apontam para dúvidas de difícil clareamento. Os argumentos que poderiam indicar uma pista favorável à veracidade do caso, baseiam-se em suposições vagas e do foro ficcionista, embora remotamente possíveis. Os acontecimentos nunca puderam ser comprovados, perdem-se no tempo e pouco ajudam a clarificar. Antes, baralham, confundem e propiciam o desejo de que muitos se servem, para se auto convencerem de que realmente o caso foi real.

Este último factor é muito importante, uma vez que influencia quase que inconscientemente a opinião e o discurso de muita gente, sobretudo dos investigadores.

A investigação ovnilógica enferma infelizmente deste tipo de posição, conduzindo-a nefastamente para percursos pouco claros, afastando-a dos padrões científicos.

A “religiosidade”, as crenças e os desejos ficcionistas de certos investigadores, têm-lhes impedido de analisar com objectividade e coerência, muitas destas manifestações anómalas.

A bem da investigação relativa a este tipo de fenomenologia, é importante denunciar que seguramente a esmagadora maioria dos indivíduos interessados pelo fenómeno dos “não identificados”, muitos deles desenvolvendo trabalhos de investigação, têm como “crença” intrínseca e pragmática a origem extraterrestre, como base de argumentação, de trabalho e de discurso.

A partir deste pressuposto, tudo é possível, mesmo que as evidências demonstrem o contrário. Toda a história da “ovnilogia” está repleta deste efeito.

Assim, não será de estranhar que alguns acontecimentos do fórum “ovnilógico” fiquem envoltos na capa do obscurantismo, das crenças individuais e do misticismo colectivo, cego às deduções coerentes, lógicas, científicas e racionais.

Em nosso entender, e até provas concretas em contrário, o caso de “Roswell”, enquadra-se perfeitamente neste contexto.

Torna-se urgente criar nos espíritos de todos os investigadores a ideia de que o caminho correcto para se chegar a bom termo, passa pela análise objectiva e criteriosa do material a investigar. Não adianta mentirmos a nós próprios, acalentando falsas ilusões.

Sobre “Roswell”, o dossier continuará em aberto, aguardando novos desenvolvimentos. Até lá, este caso irá engrossar a longa lista dos de

credibilidade baixa ou duvidosa.

## CULTO DOS ET'S

O Chamado Caso Roswell tem alimentado, por todo o Mundo, a criação de mitos e um verdadeiro "culto" aos "Ets" sobretudo nos Estados Unidos. Temos de reconhecer que este "folclore" emergente não favorece uma abordagem séria do fenómeno "Ovni".

**18<sup>05</sup> Abenteuer Leben**  
**K1** Ungelöst: „Das Rätsel von Roswell“

**Magazin** Rund 90 000  
Meldungen über Ufo-Sich-  
tungen liegen vor. Einer  
der spektakulärsten Fälle:  
1947 in New Mexico, USA.  
Wrackteile eines unbe-  
kannten Flugobjekts mit  
fremdartigen Schriftzei-  
chen und sogar Fotos von  
Aliens tauchen auf. Die Air  
Force verschleiert den Vor-  
fall. Was geschah wirklich?  
►19.00 55 Min. 5 713 908



**Ufo-Party in Roswell, USA**

Canal TV ALEMÃO - Revista  
"TV SPIELFILM" 1-8-2001



Suposto alienígena de Roswell

Referência a Roswell  
Revista "TV Mais" 7-10-2001



# OVNIS

No Canal História, estreia o primeiro de quatro episódios dedicado ao fenómeno dos Objectos Voadores Não Identificados

HISTÓRIA  
OVNI  
SABIAO, X  
DE 2011

Especações e fantasias apará, o programa apresenta imagens documentais, põe o tema a debate de pontos de astronomia, ovniologia, aviação e outras áreas ligadas ao fenómeno, além de se apoiar em muitas testemunhas de pessoas idóneas, não viciadas em alucinógenos ou opiáceos, portadoras de distúrbios psiquiátricos ou fisionomias

compulsivas que garantem ter observado naves voadoras não desviadas dos livros de Júlio Verne. O fenómeno, que não é de agora, nem tem nada de equívoco para quem não sofre de complexos de superioridade humilde ou de antropocentrismo agudo, remonta à Antiguidade, aos artefactos e gravuras da civilização Inca e Asteca, que, cinco mil anos antes do caso Roswell, já reproduziam fielmente a vida do Homem e dos animais, a par de imagens de seres bizarros (à falta de melhor termo) com cabeças gigantes e um só olho, provavelmente a reprodução do olho Divino.

## Segredo de Estado

Roswell acabaria por ser o único caso para o "avistamento" com contacto efectivo, resultado da queda no Novo México, na década de 50, de uma nave pilotada por uma aberração, um por de corpo atrofiado, cabeça desproporcionada, olhos achincalhados, sem sangue, sem veias ou fala extensível que, segundo o doutor John P. Fischer, acabaria por morrer nos braços de uma enfermeira da NASA. O caso, mantido em segredo de Estado, tornou para a imprensa um rol teorias catastróficas que espalhavam a semente invulso de "marteanos", embora, para muita sabação, ainda não corroboradas pela ex-cébra Júlio P. Fischer. ☺

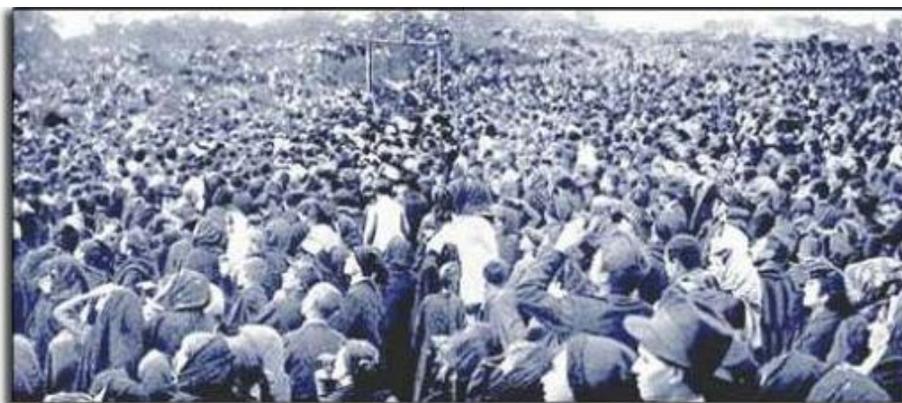


Foto de um presunto 1948



O caso Roswell é abordado nesta documentação

## X – Fátima



### Introdução e resumo

Corria o ano de 1917, estava-se em Portugal, um País pobre e inculto, que atravessava uma das maiores crises da sua história. As profundas convulsões políticas a par com o subdesenvolvimento de uma sociedade essencialmente rural, o poder religioso debatendo-se entre a incerteza da continuidade, o gigantesco esforço de guerra nas frentes sangrentas dos campos de batalha franceses, a peste que dizimava o povo, a falta de recursos e o natural afastamento das realidades sociais e filosóficas desse momento histórico no resto do Mundo, o isolamento que se vivia a quase todos os níveis, criaram a vulnerabilidade que iria proporcionar as interpretações surgidas após um conjunto de fenómenos ocorridos numa zona rural apagada, longe dos centros urbanos sem quaisquer meios. Habitada por pacatos aldeões, sem cultura e instrução, profundamente devotos ao cristianismo, ingénuos e crédulos, dentro da sua simplicidade, num cenário bucólico e parado num tempo de mudança real mas inimaginada, iria acontecer um dos factos mais importantes da história das experiências humanas.

Três modestas crianças, filhas daquele mesmo povo e lugar, foram as protagonistas. Visões de seres angelicais teriam iniciado o que se julga ter sido um pré-contacto. Desde o entendimento “verbal” à ingestão de substâncias e ao seu efeito, até, algum tempo depois, a visualização de uma entidade, cujo plano e propósito, adivinhava um programa muito bem estruturado de contacto.

Desde 13 de Maio de 1917 a 13 de Outubro do mesmo ano, sucederam-se em dias e horas certas esses contactos, coalhados de episódios extraordinários, onde não faltaram efeitos secundários, designadamente sonoros, audíveis e visíveis.

O natural impacto destes acontecimentos numa sociedade com as características atrás descritas, tiveram os seus dividendos.

A incredulidade inicial do povo depressa deu lugar às especulações mais diversas. A leitura imediata apontava, sem reservas, para um evento Divino.

De toda a série de fenómenos ocorridos durante essas seis intervenções, o mais espectacular seria o de 13 de Outubro. Nesse dia chuvoso, Cova da Iria tinha ente 50 a 70 mil pessoas esperando um “anunciado milagre”.

De facto, pela hora do costume, meio dia solar, apareceu um objecto esférico dentro de uma suposta nuvem, que se movimentou por sobre a multidão, ao mesmo tempo que ali perto, sobre uma azinheira, a mesma entidade contactava, pela última vez, as três crianças.

A riqueza testemunhal foi enorme e as descrições preciosas.

Depois tudo terminou. Apenas os testemunhos dos videntes referem a entidade observada. Ninguém mais, a não ser estes, a viram.

Infelizmente, a doença subtraiu do número dos vivos duas das três crianças, pouco tempo depois. Restou apenas Lúcia, a pastorinha analfabeta, inculta mas inteligente.

O primeiro inquiridor dos factos foi o pároco da igreja local, uma das únicas pessoas cultas do lugar, que ouviu as três crianças. Confrontado com a complexidade de toda a história, cedo se apercebeu que o suporte religioso não serviria de argumento seguro para credibilizar os factos. Inteligentemente afastou-se do processo, abandonando a aldeia. Entretanto o povo, por sua própria iniciativa, havia construído uma capela nesse lugar, já transformado em local de culto. A Igreja acaba por, naturalmente, liderar o que o povo já impunha. Limitou-se a guardar para si as provas, enclausurar a única

testemunha viva e através dos seus confessores Jesuítas interpretar os factos do ponto de vista católico. Nesta perspectiva hermética, o caso ficou encerrado e esclarecido. Porém, a perpetuação do culto e do lugar, levou, muitos anos depois, a que se olhasse de novo para essa história, desta vez numa perspectiva isenta, racional, objectiva e científica.

Tudo ficou imediatamente sob suspeita. Apareceram as contradições, as fraudes, as interpretações gratuitas, os erros, os documentos secretos etc., etc.. Surgiu então uma hipótese para os factos, racional e lógica, capaz de fornecer luz aos acontecimentos obscuros. Uma leitura científica, com todo o suporte histórico inerente. Não teria sido, como muitos pensam e desejam, Nossa Senhora que ali apareceu. Tudo aponta para um dos casos ovnilógicos mais importantes do mundo, mas infelizmente ignorado, pela capa do primitivismo cultural! Um contacto com uma civilização extraterrestre, foi o que, já sem muitas dúvidas, aconteceu em Fátima no ano de 1917.

## ENTREVISTAS

**Desde longa data os investigadores Fina D'Armada e Joaquim Fernandes têm dedicado uma especial atenção ao chamado "Caso de Fátima". Do resultado da sua pesquisa foram já publicados, em parceria, três livros o último dos quais em Junho de 2002 com o título "FÁTIMA NOS BASTIDORES DO SEGREDO".**

**A PUFOI, atenta à problemática do transcendente e do desconhecido, não podia deixar de entrevistar estes dois analistas e historiadores que considera as personalidades independentes que mais aprofundaram o conhecimento sobre este caso.**

**FINA D'ARMADA e PUFOI (José Sottomayor)**



**(Fina D'Armada, de seu nome, Josefina Teresa Fernandes, nasceu a 9 de Abril de 1945 em Riba de Âncora, concelho de Caminha, distrito de Viana do Castelo. Licenciou-se em História, pela Universidade do Porto. Em 1978 equiparada a bolsista pelo Instituto de Investigação Científica, consultou os arquivos inéditos de Fátima, no Santuário, e os Arquivos Formigão. Historiadora e Investigadora, tem participado activamente em inúmeras palestras quer na televisão, como na rádio. Escritora e cronista, tem colaborado na área jornalística assiduamente (mais de 900 artigos em diferentes periódicos), mantendo actualmente essa sua actividade. Defensora do papel da mulher na sociedade, desde os primórdios da história humana, tem feito um glorioso trabalho nessa matéria. Prepara actualmente uma tese de mestrado “Estudos sobre as Mulheres”, na Universidade Aberta de Lisboa, intitulada “As Mulheres na Expansão Portuguesa - as Viajantes das Naus da Índia, século XVI”)**

**PUFOI:**

**Há 26 anos que estudas o que se passou de facto em Fátima, no ano de 1917. Publicaste juntamente com o Joaquim Fernandes, investigador de fenómenos aéreos anómalos, os resultados do vosso trabalho. Qual o papel de cada um de vós nessa investigação e quais os pontos comuns nessa reflexão?**

**Fina D'Armada:**

Começando pelos pontos comuns, acho que foi o nosso interesse pela história e também pela ovniologia. Foi, portanto, um trabalho de equipa. Como historiadora, pesquisei os arquivos e toda a documentação sobre o caso, entrevistei pessoas, etc. Joaquim Fernandes, entre outras coisas, investigou paralelismos na área dos “não identificados

**PUFOI:**

**A investigação dirigida sobre os “fenómenos” de Fátima, pautou-se por alguma suspeita inicial de que se trataria de algo com origem fora da Terra, mas não necessariamente de exclusivo cunho religioso?**

**Fina D’Armada:**

Exactamente. Partimos desse princípio, mas da “estaca zero”. Não excluimos qualquer hipótese. Mesmo a Divina. Fizemos como Descartes: varremos todos os conceitos do cérebro e “fomos até 1917”, à origem.

Quisemos saber o que viram e o que disseram não só os videntes, os menos importantes para nós, mas sobretudo as pessoas adultas que assistiram às “aparições” e deixaram documentos escritos, originais desse ano (1917).

**PUFOI:**

**Uma história longa, cheia de enredos e extrema complexidade. Foi isso?**

**Fina D’Armada**

Sim, é uma história cheia de complexidades, de contradições e ocultações. O nosso propósito foi construir de novo toda essa história, numa perspectiva racional, isenta e minimamente científica.

**PUFOI: Ao fim de algum tempo de investigação já haviam concluído algo?**

**Fina D’Armada**

O que se passou em Fátima foi um conjunto de “fenómenos” exteriores à Terra.

**PUFOI:**

**Existem opiniões escritas que afirmam que em Fátima (1917), nada se havia passado. Que tudo não passou de uma fraude. Concordas?**

**Fina D’Armada:**

Definitivamente não! Embora conheçamos todas essas opiniões de fraude e montagem.

O que se passou em Fátima foi real. Não foi forjado pela Igreja católica. De 1917 a 1920, a Igreja não teve rigorosamente nada a ver com aquilo! A Igreja só tomou verdadeiramente conta do assunto em 1920, por pressão do povo, que quase o exigia.

Foi nessa data que foi criada a diocese de Leiria e para lá foi nomeado um bispo. O seu primeiro passo foi comprar os terrenos onde hoje existe o santuário. Esses terrenos pertenciam aos familiares de Lúcia e de outros. A Igreja ao comprá-los, demonstrou um propósito!... Isto aconteceu em 1920. Ali, no início, ninguém “meteu o bico”!

**PUFOI:**

**E tudo parece ter acontecido no dia 13 de Maio de 1917 e continuou sempre nesses dias, até Outubro desse ano. Existem contudo referências de visões anteriores, referenciadas como sendo “anjos”. Um pré-contacto? Explica-nos a cronologia de todos os acontecimentos.**

**Fina D’Armada:**

Antes de tudo isso, existe um facto intrigante. Os espíritas deixaram escrito em alguns jornais da altura, (no dia 10 de Março no *Diário de Notícias* e no próprio 13 de Maio, no *Jornal de Notícias, Liberdade e Primeiro de Janeiro*), que haviam recebido mensagens de algures, uma delas assinada por “Stella Matutina”, e que essas mensagens, do tipo “escrita automática invertida” (só possível decifrar através do seu reflexo no espelho), anunciavam um facto extraordinário que iria acontecer a 13 de Maio desse ano. A este facto chamamos o pré-anúncio. As mensagens iniciaram-se em 7 de Fevereiro desse ano.

Os espíritas relacionaram-nas com a grande guerra (1ª guerra 1914/1918).

Isto significa a inexistência de uma fraude, ou então que teriam sido os espíritas os seus autores! Ora nada nem ninguém, por essa altura, seria capaz de fazer aquilo!

**PUFOI:**

**Vamo-nos situar pois no local dos acontecimentos e no dia 13 de Maio de 1917. Como é que tudo aconteceu?**

**Fina D’Armada:**

A Lúcia, uma dos três videntes (Jacinta e Francisco foram os outros), disse que foi na Serra (Serra de Aire), onde costumavam guardar as ovelhas.

Foi no dia 13 de Maio, pelo meio dia solar. As crianças viram um relâmpago. Pensando que iria desencadear-se uma trovoada, começaram a juntar o gado. De repente olharam para cima de uma azinheira e viram uma entidade! Era uma figura de aspecto humano de sexo feminino, com 1,10m de altura, aparentando ter 12 a 15 anos de idade. Muito bela, luminosa (corpo e vestuário), estática, imóvel, vestida com vestido branco aos quadradinhos de luz, justo ao corpo, com saia pelo joelho e uma capa. Trazia uma bola luminosa à cinta e na mão algo em forma de “rosário” ou “cromossoma feminino”. Parecia ter argolas nas zonas laterais do rosto, junto aos ombros. Na cabeça havia luz. Falava mas não mexia a boca. Parecia uma boneca. Segundo palavras do Francisco; “não mexia

os beijos”. Ora “aquilo” era um ser muito pouco “humano”!

**PUFOI:**

**Nas “aparições” seguintes, 13 de Junho, Julho etc., começaram a aparecer pessoas curiosas, para também elas assistirem. Que viram essas pessoas?**

**Fina D’Armada:**

A entidade só era vista pelos videntes. Só Lúcia “falava” com a entidade... “As palavras dela entravam na cabeça”.

As pessoas em redor apenas davam conta de um “zumbido”, enquanto durava o diálogo. O pai de Jacinta referiu que o som se parecia com o ruído de um moscardo dentro de um cântaro vazio. Da mesma forma, as pessoas presentes referiam que no início da “aparicação” havia um trovão e no fim o som como que de um foguete quando sobe.

No dia 13 de Junho, já ali estavam cerca de vinte pessoas.

**PUFOI:**

**Que lhes disse a entidade no primeiro contacto? Disse-lhes quem era e o que queria?**

**Fina D’Armada:**

A entidade nunca se identificou perante os videntes como sendo a mãe de Jesus Cristo. “Ela” nunca apresentou qualquer parentesco com o elenco Divino (Deus, Cristo etc.).

Disse-lhes para irem àquele local todos os próximos dias 13 pela mesma hora e só no fim lhes diria quem era.

**PUFOI:**

**Como reagiram os familiares dos videntes e o resto do povo?**

**Fina D’Armada:**

Naturalmente mal. A Lúcia, ao princípio, nunca se convenceu que aquela “mulherzinha” pudesse ser N<sup>a</sup>. Senhora. Até se convenceu que seria o diabo. Nem queria aparecer nos meses seguintes. Jacinta é que, ao chegar a casa, disse à mãe ter visto N<sup>a</sup>. Senhora. Curiosamente, quando mais tarde foram interrogados, apurou-se que o Francisco não ouvia nada, Jacinta de pouco se lembrava e quando inquirida dizia “perguntem à Lúcia que ela é que sabe”. Por isso a Lúcia é a única testemunha que foi dizendo alguma coisa. Se é credível ou não, é a única fonte de informação, sobretudo quanto à mensagem.

**PUFOI:**

**Lembramos que Jacinta e Francisco faleceram poucos anos depois. Jacinta a 20 de Fevereiro de 1920, com apenas 10 anos de idade e Francisco quase um ano antes, a 5 de Abril de 1919 com 11 anos, vítimas da pneumónica que grassava em Portugal.**

**Por esse facto, apenas Lúcia podia falar e tudo o que à posteriori afirmasse não teria, se fosse o caso, oposição de mais testemunhos. Parece que tudo se conjugou a favor da tese da Igreja.**

**Fina D'Armada:**

Mas logo de início existiam especulações. O povo é que criou Fátima, como algo de religioso. Estávamos em Portugal em 1917. É necessário inserir tudo isto nesse contexto histórico. Portugal vivia um período dos mais conturbados da sua história. As constantes convulsões políticas e sociais, a guerra (morriam portugueses nas frentes de batalha) a doença... E um povo extremamente crente, inculto e supersticioso. O povo acabou por “acreditar” que “aquilo” devia ser um milagre Divino.

Mas voltando aos “fenómenos” ou aos efeitos associados, existem referências escritas de pessoas que, fora do perímetro “restrito” aos videntes, viram ou sentiram o que estes não se aperceberam. Por exemplo o caso de Gilberto dos Santos, um comerciante de Torres Novas, que assistiu às “aparições” de 13 de Setembro e de 13 de Outubro e que mais tarde teria um papel importante no desenrolar de Fátima, na sua “caminhada” religiosa. Este indivíduo referiu ter visto as três crianças envoltas num cone de luz, com cerca de três metros de diâmetro, na altura em que estavam em “contacto” com a entidade. Chamou-lhe a “rampa de luz”.

Outras pessoas no decurso das seis “intervenções” referiram a queda de “coisinhas esbranquiçadas”, “flores”....



**PUFOI:**

**Em alguns dos casos dos “não identificados” existem referências a queda desse tipo de substância fibrosa em forma de fios que em contacto com as mãos, por exemplo, se desfaz. Raul Berenguel, (estudioso destes fenómenos) apelidou-a de “fibrálvina”.**

**Que outros testemunhos?**

### **Fina D'Armada:**

Um dos primeiros efeitos verificou-se na copa da azinheira (antes do povo arrancar as folhas como recordação).

Essa copa tinha um círculo com uns trinta centímetros de diâmetro, como se fosse as abas dum chapéu de homem, onde as folhas estavam viradas para cima!... Isto tratou-se de um fenómeno físico!

Veio o mês de Agosto e o administrador de Vila Nova de Ourém decidiu tomar “rédeas” naquilo. Pegou nas três crianças e, no dia 13 de Agosto de 1917, levou-os para sua casa. O “fenómeno” deu-se à hora prevista, mas como não estavam ali os “contactados”, só o povo que ali estava assistiu. Viram objectos no ar, viram nuvens fora do comum, viram cores, ouviram o trovão etc., só não viram a entidade. A 19 do mesmo mês, a entidade apareceu só aos três videntes.

Em 13 de Setembro, devido ao “fiasco” do mês anterior, aconteceu um novo “fenómeno”. Antes da costumada aparição da “mulherzinha”, apareceram umas “bolas luminosas”, como que para se assegurarem do sucesso do contacto. Não seriam muito grandes, pois as pessoas chamaram-lhes “ovos”, outros “lágrimas”... Algo luminoso que deixava rasto. Uma dessas “coisas” tocou no rosto de uma das pessoas presentes!

Depois disto é que se deu a aparição.

Foi nesse mês que apareceu o cônego Formigão, mais tarde o primeiro cronista de Fátima. Ele referiu uma diminuição da luz solar durante o contacto (cerca de 10 minutos).

Também, segundo os videntes, a entidade ao partir, virava-lhes as costas (rodopiava sobre si) e, segundo a Jacinta, “entrava pelo céu adentro”.

Jacinta dizia: “olha, já se fecharam as portas”! Lá “dentro” a Jacinta dizia que havia umas luzes, como rosas albardeiras. Essa flor é como um pequeno botão. “As portas fecharam-se e os pés quase que ficavam entalados” - dizia.

### **PUFOI:**

**Voltemos de novo aos supostos pré-contactos, ou seja, aos pequenos seres que teriam aparecido antes do primeiro contacto de 13 de Maio de 1917, os chamados “anjos”. O que se passou efectivamente?**

### **Fina D'Armada:**

Do ponto de vista histórico e religioso, esses eventos não podem ser considerados. Lúcia referiu-se a eles, só que 20 anos depois!

### **PUFOI:**

**Porquê vinte anos depois? Teria havido efectivamente um contacto desse tipo, mas destinado a ser “esquecido” pelas testemunhas? Teria sido algo com um propósito definido, com um objectivo concreto?**

**Fina D’Armada:**

Do ponto de vista onnilógico, esses acontecimentos, a serem verdadeiros, têm consistência. Embora a Lúcia nas suas “memórias” tenha adulterado o sentido dos factos, por influência dos Jesuítas, também não podemos excluir tudo.

**PUFOI:**

**Quer isso dizer que as “memórias” de Lúcia contêm coisas certas, factos que realmente correspondem àquilo que aconteceu no início.**

**Fina D’Armada:**

No que se refere a este capítulo, em 1924 (sete anos depois), Lúcia, jurou pelos sagrados evangelhos, diante do cônego Formigão e de outros padres, no decorrer de um inquérito oficial, que só tinha assistido às “aparições”. Não referiu o assunto dos “anjos” e portanto de anteriores contactos. Como disse, só o fez muito mais tarde, 20 anos depois. Em 1917 falou ao cônego Formigão e à mãe num “ser” que lhe havia aparecido antes de 13 de Maio. Parecia-se com um vulto embrulhado num lençol, sem forma definida, mas de aspecto humano. Historicamente isto está tudo em dúvida, mas a ser verdade, teria havido de facto, como que uma “preparação”, para os contactos de 13 de Maio e seguintes. Nesta óptica, teria havido contactos com seres ou criaturas que tinham como finalidade preparar os videntes.

Esses seres, os tais “anjos”, uma das vezes teriam dado à Lúcia algo sólido a comer e à Jacinta e ao Francisco um líquido. Depois disso, teriam ficado várias horas sem energia muscular e sem a noção do tempo. “Comunhão”, pensou Lúcia. Mas a comunhão é um acto que exige uma preparação, aí é a Igreja católica a pôr reticências!

Tem que haver anteriormente uma confissão e no caso de uma criança, ela tem que saber rezar, saber a doutrina cristã. No caso de Francisco, ele nem a doutrina sabia!

Veio um Anjo lá de cima, deu a comunhão a três crianças, contrariando os princípios da Igreja Católica?... Dá que pensar!

**PUFOI:**

**Existem elementos que referem a abordagem ao tema dos “anjos” em 1917, quando tudo ainda não tinha sido crivado, depois tudo parece ter caído no esquecimento... 20 anos depois volta-se a falar disso. Porque as**

**referências iniciais nos merecem algum crédito e porque pode ter existido de facto um “vazio” no cérebro da última vidente viva, talvez seja a razão pela qual ela só o tenha referido tanto tempo depois, mesmo com outro sentido. Parece-te lógico este raciocínio?**

**Fina D’Armada:**

Tudo assim o indica. A tese ovnilógica admite situações semelhantes. Não me custa aceitar.

**PUFOI:**

**As referências que existem indicam que “Fátima” teria começado em 1916, precisamente com a visão desses “anjos” e culminado em 13 de Outubro de 1917. havendo, no entanto mais alguns “fenómenos” de queda de filamentos, alguns anos mais tarde. Foi portanto um longo período de “contacto”. Isto dá muito que pensar...**

**Tendo sido, talvez aparentemente, o dia 13 de Outubro o culminar de toda a história, fala-nos desse dia.**

**Fina D’Armada:**

Realmente, o culminar de toda a série de “fenómenos” aconteceu em 13 de Outubro de 1917. Foi o chamado “milagre do Sol”. Foi algo que ninguém na Terra conseguiria reproduzir, fazer ou criar.... Fosse quem fosse, a favor ou contra a Igreja. Até porque foi um fenómeno “previsto”.

Na verdade, Lúcia era inculta mas inteligente, e havia pedido à entidade que lhes aparecia que fizesse um “milagre”. A entidade disse que o faria três meses depois, nesse 13 de Outubro. Foi assim que, nesse dia, se reuniram nesse local, entre 50 a 70 mil pessoas vindas de diferentes pontos do país! Muitas delas, sobretudo os jornalistas, não foram seduzidas pelas “aparições”, foram ao local por curiosidade e na esperança de verem algo de extraordinário. Foram pelo imprevisto.

Ninguém poderia prever o que iria acontecer, nem da área científica, astrónomos, meteorologistas, fosse quem fosse...Nem hoje seria possível!

Para lá foi gente de todas as classes sociais, com as mais diversas convicções e motivações. Indiferentemente das crenças políticas ou religiosas. Foram cristãos e ateus, ricos e pobres, intelectuais e analfabetos. Gente do povo, professores, homens de letras, políticos, jornalistas... Foram a pé, de bicicleta, de carroça, de automóvel. Estava ali uma amostra magnífica da sociedade do tempo.

**PUFOI:**

**Desse tempo, mas de uma cultura específica no contexto Mundial. Se os acontecimentos tivessem sido em outro lugar?**

**Fina D'Armada:**

Se tivessem acontecido no “Mundo Católico”, provavelmente o mesmo. Teriam tido a mesma leitura. Se tivessem acontecido noutra parte do Mundo, onde existissem outras crenças e outras filosofias, seria interpretado de acordo com essas convicções. No Mundo Católico e particularmente em Portugal, nesse momento histórico, uma “senhora que desce dos céus”, quem mais poderia ser senão Nossa Senhora, mãe de Jesus Cristo?

Lúcia, desde o princípio que sempre afirmou: “eu não disse que era N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup>., eu disse que era uma mulherzinha bonita”!

**PUFOI:**

**Isto foi apenas um aparte. Continua por favor com a tua descrição.**

**Fina D'Armada:**

O povo precisava de algo que consolidasse as suas crenças ancestrais. Nesse dia, já existiam pagelas à venda com a “imagem” de uma Nossa Senhora, dos videntes e dos soldados que combatiam em França...!

Eu insisto nisto porque é muito importante analisar os factos do ponto de vista histórico.

Nesse dia o tempo estava mau. Chovia, o céu estava encoberto e o terreno todo enlameado.

Como nota, estavam lá fotógrafos que nada conseguiram captar, para além das pessoas.

Era meio dia solar quando viram surgir uma nuvem de nascente, diferente de todas as outras. Essa nuvem parou por cima da azinheira. O tal Gilberto dos Santos, que também lá estava, viu surgir a “rampa”.

Deu-se a “aparição”, só vista pelos videntes, como sempre junto à azinheira.

A entidade deu-lhes uma informação falsa, disse que a guerra iria acabar aquele dia, o que não aconteceu e em minha opinião foi propositado...

**PUFOI:**

**Porquê uma mensagem falsa? Qual o propósito?**

**Fina D'Armada:**

A entidade quis provar indirectamente que não era Nossa Senhora. Se o fosse

não mentia!

Entretanto a multidão, depois de terminado o contacto, a entidade “recolheu”, como sempre, lá para cima e aconteceu o “milagre”.

Como se sabe estava lá muita gente e existe uma enorme riqueza de testemunhos.

A nuvem que ali pairava, “abriu-se”, como os panos de um teatro, deixando ver uma esfera luminosa ou um disco de prata fosca. Aliás, as definições são bastantes, como a Lua, bola, redondo, circular, hóstia, colher, enfim, algo de forma esférica. Isto foi a descrição geral.

Curiosamente existe o relato de um engenheiro, que o descreve como um objecto que parecia magnético, cuja periferia circulava, irradiando luzes de várias cores, embora só irisado da parte detrás. A essas luzes e cores, houve quem comparasse a “fogo de artifício”.

De repente deixou de chover. O objecto executou várias manobras, descendo a determinada altura, “sobrevoadando” a multidão a pouca altitude.

Na faixa de terreno por onde passou o objecto, quando se aproximou das pessoas, estas sentiram calor e as suas roupas ficaram secas.

Suponho que tenha havido ali uma enorme energia proveniente do objecto. É evidente que as pessoas que não se encontravam nesse “corredor”, nada sentiram.

Houve também curas inexplicáveis, sem as terem pedido, e avarias mecânicas.

### **PUFOI:**

#### **Que tipo de curas?**

#### **Fina D’Armada:**

Cicatrizes (a maior parte da guerra), inchaços de barriga, quistos, paludismo, gripes...

### **PUFOI:**

#### **Como é que tudo terminou?**

#### **Fina D’Armada:**

Foi quando as pessoas viram “gente” dentro do objecto... Este tornou-se transparente. Viram três “pessoas” e identificaram-nas com a “Sagrada Família”, acenando ou abençoando a multidão. Lúcia disse ter visto um homem da cintura para cima, tendo-lhe vindo à ideia ser “Nosso Senhor”.

O povo ajoelhou-se na lama e foi a euforia quase geral.

### **PUFOI:**

**O objecto teria sido observado em outros locais? Existe informação sobre isso?**

**Fina D'Armada:**

Sim, foi visto noutros locais, numa área de 12 kms!

**PUFOI:**

**Como é que esse “fenómeno”, acabou por ser conhecido como “o milagre do Sol”?**

**Fina D'Armada:**

Deveu-se a Avelino de Almeida, jornalista do jornal “o Século”, que se lembrou dessa ideia. Era um título bonito, sugestivo, espampanante... E a moda pegou! Foi ele o inventor.

**PUFOI:**

**Embora ridícula, terei que fazer-te esta pergunta. A ideia de um fenómeno astronómico ou atmosférico (meteorológico), está excluída?**

**Fina D'Armada:**

Está excluída, mas não julguem que não a estudamos. Primeiro há a previsão de três meses de antecedência, foi o “milagre” pedido e isso embaraça todo e qualquer fenómeno astronómico. Depois, na área científica do tempo, o jornal *O Século* entrevistou, no dia 18, o Eng. Francisco Oom, professor da Faculdade de Ciências e director do Observatório de Lisboa. A seguir, Joaquim Fernandes investigou a documentação desse dia do Observatório de Coimbra. E quanto aos técnicos da Universidade do Porto e de Salamanca foram entrevistados pelo dominicano padre Oliveira Faria. Nós não brincamos em serviço e quem disser que foi um fenómeno natural, terá que o provar, se não for um fala barato!

**PUFOI:**

**Se alguém, de algum lugar, uma civilização, quis contactar os terrestres, achas que o conseguiu?**

**Fina D'Armada:**

Estava ali uma amostra magnífica da sociedade mais ou menos evoluída desse tempo. Pessoas de vários estratos, maneiras de vestir, os seus utensílios, a sua tecnologia (automóveis e outros meios de transporte, máquinas fotográficas...), uma significativa amostragem da nossa indústria, o estágio da nossa medicina (o estado de saúde daquela gente), enfim um cem número de detalhes... As maneiras de reacção dos presentes...

Puderam estudar a flora e fauna locais, a geologia, o meio rural e citadino etc.,

etc..

Havia ali de tudo!

**PUFOI:**

**Isso significa que o propósito desse contacto, em tua opinião, foi conseguido?**

**Fina D'Armada:**

Penso que houve um imprevisto entre o plano e o resultado, embora tivesse sido um objectivo muito bem planeado, cujos resultados acabaram, decerto, por serem positivos.

“Eles” actuaram dentro da nossa esfera. Penso que essa “gente/civilização”, esperaria que alguém, com mais saber, acabasse por aparecer, o que não aconteceu. De contrário, tudo poderia ter sido diferente.

**PUFOI:**

**Sempre se falou num segredo que teria sido revelado aos videntes. Seria apenas para nos provar que existem outras civilizações fora da Terra, em outros lugares?**

**Fina D'Armada:**

Não propriamente. Para além disso, quiseram perpetuar o lugar, entendem...

**PUFOI:**

**Segredo ou mensagem? Preferimos entender que tivesse sido uma mensagem. A Igreja Católica fala em segredo e já o revelou. Esse segredo revelado traduz, em tua opinião, a verdade?**

**Fina D'Armada:**

Não. A certa altura, eu e o Joaquim Fernandes chegamos a uma conclusão... Mas por enquanto achamos melhor nada dizer sobre isso.

**PUFOI:**

**Porquê essa posição tão radical?**

**Fina D'Armada:**

Não será nada fácil, porque as pessoas têm uma ideia negativa dos deuses que só existem para castigar, daí se aliar o segredo a desgraças, catástrofes, tiros em Papas... E quem apareceu em Fátima trouxe uma mensagem positiva, bonita, duvido que as pessoas aceitem, porque elas próprias têm uma ideia negativa de si mesmas, consideram-se pecadores, que merecem ser castigados.

### **PUFOI:**

**A Igreja já se manifestou e tu dizes que a sociedade não está preparada. Em posse desse “segredo” ou melhor dizendo da mensagem, a Igreja não a conseguiu interpretar ou não o quis fazer?**

**Ou “entre a espada e a parede”, sabendo o verdadeiro conteúdo da mensagem, ao divulgá-la, iriam reconhecer um tremendo erro?**

### **Fina D’Armada:**

Não, a Igreja não conseguiu interpretar o segredo. Eles pegaram nele e interpretaram-no dentro dos conceitos do cristianismo. De dentro para fora. É uma visão hermética. Não sairão daí...Estão cercados! Foram de encontro aos católicos que - perdoe-lhes Deus - preferem ver em Nossa Senhora uma madrinha da Máfia que contrata criminosos turcos para dar tiros aos Papas. Os “fenómenos” de Fátima, são algo que pertence à Humanidade! Têm que ser entendidos por quem consiga olhar para a Terra do lado de fora!

### **PUFOI:**

**Se bem se entende, a Igreja, pode até duvidar “intimamente” de que no fundo, todos os fenómenos não tenham sido prodígios Divinos. Pressionados por um lado e satisfeitos por outro, mantêm a sua versão. Entretanto, Fátima é o “Altar do Mundo”, isso rende astronómicos dividendos. Mesmo sabendo a “verdadeira” verdade, já seria tarde para voltar a trás. Será isso?**

### **Fina D’Armada:**

Igreja é tão consciente desse facto, que pegou em toda a documentação e tornou-a secreta. A Igreja sabe que esses documentos não dizem respeito a nenhuma N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup>. Católica. Mas o papel dela é muito difícil. Acho que não pode voltar atrás



**PUFOI:**

**Voltaremos mais adiante a este tema, por ora, gostaria que retrocedêssemos e que nos falasses sobre os relatórios e inquéritos iniciais.**

**Fina D'Armada:**

A primeira pessoa que recolheu os testemunhos dos videntes foi, como seria natural, o pároco da freguesia, o pároco Manuel Marques Ferreira.

Fez um relatório e acabou por abandonar a aldeia. Foi o inquérito paroquial, feito em 1917 e enviado ao patriarcado em 28 de Abril de 1919.

Mais tarde, a Lúcia disse que ele não queria assumir a responsabilidade dos factos.

O cônego Formigão, que, como já referi, foi o primeiro historiador de Fátima, deixou muito “material” na gaveta. Detalhes muito incómodos para a Igreja. Publicou uns sete livros, mas guardou tudo o que fosse incómodo.

Agora, subtraindo o povo que queria que Fátima fosse um acontecimento Divino, os Jesuítas, como confessores da Lúcia (única testemunha viva), levaram-na a escrever as tais “memórias”.

**PUFOI:**

**Lúcia, enclausurada e incomunicável, desde, se não erramos, 1921 até aos nossos dias, dificilmente poderia ter outra saída que não fosse interiorizar os factos como Divinos!**

**Fina D'Armada:**

Como disse, foram os Jesuítas que a levaram a escrever essa narrativa, uma nova versão dos acontecimentos. Nessa história, Lúcia já não refere a mulherzinha bonita, que não sabe quem é, mas já diz que se tratou de Nossa senhora, mãe de Jesus!

Surge essa imagem, como figura principal e também com uma mensagem católica!

**PUFOI:**

**A imagem que hoje conhecemos da entidade que apareceu em 1917 tem algo a ver com a entidade descrita logo no início das aparições?**

**Fina D'Armada:**

Não. Nada tem a ver com a realidade descrita em 1917.

À entidade descrita, o padre que inicialmente fez o relatório, alterou a descrição. Felizmente que deixou um rascunho, do que os videntes haviam visto. Esses rascunhos foram oferecidos ao Santuário na década de oitenta e publicados em 1992 e 1999. Antes eu havia lido os relatórios passados a limpo.

A descrição inicial, como já disse, referia uma menina de 12 a 15 anos de idade, cujo vestuário era aos gomos, justo, com saia pelo joelho. Essa imagem na época era imoral. O padre achou isso uma indecência!

O cônego Formigão achou também que se a “Senhora” estivesse assim vestida, só poderia ser obra do demónio... Não podia ser.

Se tanta gente ia para ali rezar, tinha que ser algo de benéfico e não maléfico. A verdadeira mãe de Jesus não podia descer do Céu à Terra, com uma saia pelo joelho! Tinha que aparecer “composta”!

**PUFOI:**

**Como surgiu então a imagem católica, por todos conhecida?**

**Fina D’Armada:**

A imagem que todos conhecem foi originalmente feita por encomenda a um santeiro de Braga, o Tedim, que se inspirou numa pagela de 1914, da N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. da Lapa... Pronto, nada mais a dizer!

**PUFOI:**

**Uma “criação” premeditada ou uma ingenuidade?**

**Fina D’Armada:**

O povo queria uma imagem para a capela improvisada, nada mais! Também neste processo, a Igreja Católica nada teve a ver. Foi um fiel que teve a ideia, o já citado Gilberto dos Santos, que assistiu às “aparições” de 13 de Setembro e de 13 de Outubro, que decidiu oferecer uma imagem. .

Por isso, o que hoje existe, são milhares de cópias de um falso original.

A imagem foi feita por encomenda. As pessoas tinham necessidade de tudo aquilo.

Por aquele tempo a esmagadora maioria das pessoas não sabia ler, os jornais não chegavam a esses lugares, não havia electricidade e muito menos rádios, quanto à televisão ainda não tinha sido inventada.

**PUFOI:**

**A Igreja era como que o único meio de informação e formação...**

**Fina D’Armada:**

Sim, principalmente para o mundo feminino, que vivia entre a faina do campo e as quatro paredes das suas casas. A Igreja servia de escape. Havia que preservar e continuar esse único bem, numa altura em que não se afiguravam quaisquer outras alternativas.

**PUFOI:**

**Recapitulando, para finalizar:**

**1º - Qual o verdadeiro papel dos Jesuítas na história conhecida?**

**2º - Algum dos videntes acabou por saber quem era aquela entidade?**

**3º - Quais as mensagens significativas transmitidas pela entidade aos videntes, durante todas as aparições?**

**Fina D'Armada:**

Relativamente à primeira questão, os Jesuítas sempre foram os confessores de Lúcia durante o “exílio” forçado. Claro que influenciaram a testemunha, de acordo com a sua filosofia. Na segunda questão, nenhum dos videntes acabou por saber a identidade e a proveniência do ser.

Numa altura, questionada sobre isso, a entidade limitou-se a apontar para cima, com o dedo, para o céu. Isto nada significa.

Quanto à terceira questão, foram sugeridos alguns conselhos, como o de aprender a ler, ou para rezarem. Curiosamente ter-lhes-ia dito para rezarem à Senhora do Rosário. Não lhes disse: «rezem a mim que sou a Senhora do Rosário»! É algo completamente diferente.

**PUFOI:**

**Consta que a verdadeira mãe de Jesus morreu com alguma idade. Como poderia aparecer com aspecto de uma menina?**

**Fina D'Armada:**

Quem quiser acreditar, acredite!... Mas continuando, a ter aparecido a mãe de Jesus, isso inverte os valores patriarcais, nos quais a Igreja Católica assenta. Lúcia, nas suas “memórias” afirma que a entidade dizia: “Rezem a N<sup>a</sup>. Senhora, que só Ela vos pode valer”. Quanto sei, isso contraria as bases do próprio cristianismo, pois Nossa Senhora, mãe de Jesus Cristo, está cá em baixo no fundo da pirâmide. Primeiro está Deus, depois Cristo... Ela é a última “Ela” teria invertido essa pirâmide, colocando-se no topo!

**PUFOI:**

**A última questão: Seres de tecnologia muito avançada, oriundos de um outro sistema solar, mas não Deuses. Estudaram-nos, deram-nos alguns conselhos, deixaram uma mensagem, apresentaram-nos um “espectáculo” deslumbrante e partiram misteriosamente, sem se saber quem eram e de onde vinham. Conclusões finais?**

**Fina D'Armada:**

São essas que disseram. Penso que o que aconteceu em Fátima foi uma intervenção, um contacto de uma qualquer civilização muito avançada. Deixaram uma mensagem para ser interpretada mais tarde... Perpetuando o lugar, este não cairia no esquecimento, para existir “esse mais tarde”. Foi um acontecimento extraordinário, intemporal. Foi algo dirigido a toda a Humanidade. Deixaram-nos também todos os procedimentos de um contacto desnivelado para, um dia, nós os utilizarmos numa situação em que sejamos os protagonistas.

**PUFOI:**

**Uma série de acções muito pouco Divinas...E a vossa conclusão da mensagem/secreto?**

**Para quando?**

**Finis D’Armada:**

A seu tempo divulgaremos as conclusões do nosso raciocínio. Fica a promessa!



**Joaquim Fernandes e PUFOI  
(José Sottomayor)**

*(Joaquim Fernandes, 56 anos, à data da entrevista, é docente na Universidade Fernando Pessoa, Porto, e co-fundador do Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência, naquela Instituição. Interessa-se pela história e filosofia das ciências e a antropologia religiosa comparada, com destaque para os fenómenos paradoxais e anomalísticos. É autor de uma dissertação de Mestrado sobre a vida conventual e a espiritualidade setecentista em Portugal. Ultima o doutoramento em História Contemporânea com uma tese sobre o Imaginário Extraterrestre em Portugal - séculos XVII-XIX. Tem livros publicados sobre os fenómenos de Fátima e os novos objectos científicos. É membro de vários organismos internacionais, como a Society of Scientific Exploration, em Stanford, e da Sociedade Internacional de Estudo da Ciência e da Religião)*

**PUFOI:**

**Quando, como e porquê surgiu a ideia de “pegar” em Fátima, um assunto quase que encerrado, e “ressuscitá-lo?”**

**Joaquim Fernandes:**

A ideia surgiu por volta de 1975-6 quando a propus à Fina d’Armada. Aconteceu numa época propícia a descobertas, na esteira do que algumas pistas que ela havia entreaberto em relação a interpretações relativos à Bíblia, em textos publicados na revista “Insólito”, editada pelo CEAFI e de que eu era um dos responsáveis.

**PUFOI:**

**No início do vosso trabalho, tiveste a percepção de que “Fátima” não podia ser o que a Igreja dizia, que teria que ser algo só explicado por uma análise objectiva, racional e científica.**

**Quase no fim do vosso trabalho de pesquisa, achas que “Fátima” te revelou algo mais do que inicialmente havias previsto?**

**Joaquim Fernandes:**

Julgo que não sabíamos bem o que iríamos encontrar, o que é normal em investigação histórica.. Havia suspeitas, isso sim. Julgávamos que a questão de Fátima poderia ter outras respostas, fora das convenções e da fé. Fomos caminhando e reunindo informação, inventariando a bibliografia conhecida e outra inédita. Quando terminámos, no início da década de 1980, achamos que o balanço era inesperado, além das expectativas.

**PUFOI:**

**Dois anos antes de Fina D’Armada editar o primeiro trabalho sobre o tema “Fátima” (Fátima o que se passou em 1917), publicaste um livro intitulado “Ovni’s em Portugal” (1978).**

**Curiosamente nesse livro não existe qualquer referência aos fenómenos de Fátima-Cova da Iria.**

**Tratando-se de um apanhado exaustivo da fenomenologia ovni Portuguesa, porquê essa ausência?**

**Um lapso? Um propósito?**

**Joaquim Fernandes:**

Nessa conjuntura, o tema Fátima passou-me um pouco ao lado, porque estava centrado numa perspectiva de recolha de referências totalmente fora do terreno religioso. Ainda não tinha dados para fazer comparações com as descrições

tecnológicas contemporâneas de fenômenos aéreos. Além disso, esse livro era uma simples compilação cronológica, sem preocupações ensaísticas de fôlego

**PUFOI:**

**Atribuimos à globalidade dos fenômenos de Fátima, três fases distintas) - Os pré-contactos (os chamados anjos).**

**b) - Contactos regulares com uma entidade e efeitos associados.**

**c) - Contacto final. Objecto, entidade e efeitos. Milhares de testemunhos. Estará, do teu ponto de vista, certo este entendimento dos acontecimentos?**

**Joaquim Fernandes:**

Formalmente, foi isso que sucedeu, embora faltem provas inequívocas para o definir como um plano, algo racionalmente planeado, por parte de uma qualquer espécie de “inteligência”. Poderá ser um esquema similar a um projecto de contacto? É pelo menos essa a nossa leitura. Mas é uma leitura entre outras possíveis. Trata-se, pelo menos, de umnexo aparente, de uma cadeia de acontecimentos que podem ser entendidos como tendo alguma finalidade, que nos escapa, obviamente.

**PUFOI:**

**Do ponto de vista histórico, os chamados pré-contactos, não foram considerados, por não existir uma base sólida documental, porém, do ponto de vista ovnilógico, podem ter significativa importância.**

**Fala-nos disso.**

**Joaquim Fernandes:**

Os chamados pré-contactos traduzem impressões paradoxalmente vagas, mas indicativas de que as crianças teriam sido como que “testadas”, dois anos antes dos episódios de 1917. Classicamente, parece ser uma escalada nos códigos do “contactismo”: as primeiras referências a entidades antropomórficas, ainda que desfiguradas, evanescentes e transitórias, que marcam muitas das experiências da primeira infância, muito frequentes nas vivências oníricas ou não. dentro e fora dos cânones clássicos dos encontros com seres atípicos aparentemente não humanos. Essas descrições estão bem tipificadas nas narrativas do folclore de todas as culturas. A sua importância é discutível, porque traduz uma subjectividade acentuada, cujo crédito é menor, em comparação com os depoimentos acerca do chamado “milagre do sol”, de 13 de Outubro de 1917, por exemplo.

**PUFOI:**

**Existiram, a ser verdade, efeitos sobre as testemunhas (Lúcia, Jacinta e Francisco), nesses contactos iniciais. Lúcia falou mais tarde que lhes havia sido dada a “comunhão”.**

**Qual a tua opinião sobre este assunto? Exemplos semelhantes no Mundo?**

**Joaquim Fernandes:**

Parece-nos, de acordo com as descrições recolhidas dos relatórios oficiais, que os videntes registaram sensações cujas características se aproximam de um quadro fisiológico já bem estudado, ou seja de uma alteração dos estados de consciência, induzida ou auto-induzida. A comparação desses sintomas é convincente, seja qual for a resposta final para as causas do processo. São sintomas exaustivamente repetidos em muitas das visões e contactos com entidades não humanas, dentro e fora do registo religioso. O elenco é vastíssimo e a bibliografia abundante e fácil de verificar.

**PUFOI:**

**Testemunhos “marginais” aos videntes referem efeitos sonoros, como o som de trovão e o zumbido tipo abelha. Os primeiros associados à aparição da entidade e o segundo, quando do “diálogo” entidade/Lúcia.**

**Podem-se associar esses efeitos a algum objecto nas proximidades? Que associação?**

**Joaquim Fernandes:**

O que se sabe é que existe uma sequência de efeitos colaterais que acompanhava o processo das aparições. O trovão e o relâmpago precediam a aparição da “Senhora”, o zumbido era produzido SEMPRE e APENAS quando a vidente Lúcia dizia ouvir as palavras da Senhora, directamente no cérebro, ao que tudo indica, sendo esse ruído reportado por testemunhas situadas a cerca de dois a três metros de distância das crianças-videntes.

**PUFOI**

**De 13 de Maio de 1917 a 13 de Setembro desse mesmo ano, apenas aparecia aos videntes uma entidade de aspecto humano, mas mais parecendo um “boneco” ou algo seme-lhante. Contudo, testemunhas que se encontravam próximas, referiram vários efeitos ou fenómenos só por estas detectados. Quais, para além dos sonoros já referidos?**

**Joaquim Fernandes:**

- Neste particular, a descrição mais interessante tem a ver com a chamada “rampa de luz”, de temos vários testemunhos, e que incidia sobre a pequena azinheira do “contacto”. É-se tentado a propor algo similar a um canal

luminoso que parecia favorecer, através de um qualquer tipo de meio que nos escapa, o contacto e a visualização dessa figura feminina, que tinha em Lúcia o mediador seleccionado. Dos elementos externos - pelo menos somos tentados a defini-los como tal, exteriores à subjectividade de cada um dos presentes - este parece-nos um indício difícil de aceitar se todo o processo fosse inteiramente “mental”, ao nível do imaginário onírico dos sujeitos ali presentes. Então para que terá servido a representação da “rampa” ? É que, introduzirmos aqui a hipótese da indução ou manipulação mental - do género “agora vais ver uma rampa de luz” - voltamos a ter novos problemas a resolver com a hipótese de intervenção externa em Fátima.



**PUFOI:**

**Nuvem, trovão, entidade. Existe sempre esta constante relação? Três “elementos” em constante sintonia? Explica-nos a tua análise.**

**Joaquim Fernandes:**

Traduz o cenário plausível que comentei atrás: a sequência da fenomenologia e alguns dos

elementos mais repetidos acabam por promover a ideia de uma realidade, que pode ser manipulada – leia-se “virtual”, adaptada, selectivamente até ao nível sensorial de cada um dos protagonistas – mas que não deixa de implicar a hipótese de um processo. Em primeiro lugar, são sinais, fenómenos arcaicos, que se repetem ao longo dos episódios clássicos dos contactos com revelação do tipo religioso. Veja-se a Bíblia e outras fontes. Depois, se há uma repetição sistemática dos passos sequenciais desse processo, então revela-se aí uma qualquer forma de inteligência. Mais ainda: esse processo conterà algo que nós hoje definimos como informação. Pode é estar codificada, como suponho que esteja. Mas, em que medida essa informação é comparticipada em parte ou no todo pelo inconsciente individual? É possível que, no caso exemplar de Fátima, esteja fortemente modelada (transformada?) pela memória e cultura religiosa da época e da comunidade.

**PUFOI:**

**A imobilidade, acessórios e demais características da entidade observada, sugerem que fosse apenas um robot, um holograma ou algo semelhante.**

## **Qual a conclusão a que chegaste?**

**Joaquim Fernandes:**

A definição da “figura” parece-nos assemelhar-se a uma projecção holográfica. O modelo ou hipótese holográfica, em Fátima, apresenta alguns atractivos: por exemplo, a justificação para apenas algumas pessoas verem alguma coisa ou nada verem, ao contrário de outros. A perspectiva, a posição dos espectadores, face ao suposto “ecrã” poderia explicar a parcialidade da visão, a diferença nos depoimentos e detalhes. De facto, se imaginarmos uma emissão essa “figura” a duas dimensões, esse facto poderia explicar a dificuldade da sua percepção num ângulo demasiado aberto.

**PUFOI:**

**Como classificas o modo ou o meio de comunicação entre a entidade e os videntes?**

**Joaquim Fernandes:**

Não será ousado dizer que é essencialmente “mental”, alimentado pelos referentes culturais e de linguagem do sujeito contactado. Seja no quadro religioso seja no âmbito contemporâneo tecnológico, o modelo “comunicacional” é essencialmente subjectivo, transpessoal e não verbal.

**PUFOI:**

**Além de “captarem” as mensagens da entidade (que comunicava em Português), os videntes faziam-lhe perguntas que eram entendidas. Existiam dois meios de comunicação?**

**Joaquim Fernandes:**

Pode dizer-se que os videntes só fazem as perguntas para as quais possam ter respostas, tão óbvias - e ingénuas - nos parecem. Essa profunda dependência do nível de informação dos videntes emerge, por exemplo, nalguns lapsos “proféticos” relativos ao desenlace da Grande Guerra. Uma Inteligência Suprema não cometeria erros desse calibre.

**PUFOI:**

**Existem exemplos semelhante em outros casos no Mundo?**

**Joaquim Fernandes:**

O circuito “comunicacional” fecha-se e define-se no quadro dos sentidos, dos significados das palavras que os mediadores cerebrais e da linguagem são capazes de produzir. Mas os erros e as desilusões são correntes e habituais nas mensagens dos contactismos. Veja-se o estudo exemplar que o sociólogo Leon

Festinger fez acerca do grupo da senhora Keech, que previra um maremoto destrutivo em Los Angeles, nos anos 50, e que não ocorreu.

**PUFOI:**

**Alguma vez, durante mais de 26 anos de investigação dos “fenómenos” de Fátima, te ocorreu estares perante um dos casos “ovni” mais importantes do Mundo? Como reagiste?**

**Joaquim Fernandes:**

Que é um caso importante, não tenho dúvidas. São as suas semelhanças com muitos casos recentes, dos repertórios de fenómenos OVNI contemporâneos, que fazem com que seja importante o seu estudo. Admito, contudo, que as hipóteses continuam em aberto, sobretudo ao nível das respostas científicas que os mais recentes avanços nos possam proporcionar.

**PUFOI:**

**Voltando aos factos, no dia 13 de Outubro de 1917, cerca de 60.000 pessoas, incluindo os videntes, assistiram às evoluções de um objecto, aparentemente estruturado, de forma esférica ou circular, que havia saído de uma nuvem, o qual executou uma série de manobras, provocando de igual modo vários efeitos; luminosos, cromáticos, caloríficos.**

**a) - Existiram mais alguns efeitos associados? Quais?**

**b) - Pode-se afirmar, sem dúvidas, que aquilo que foi observado por tanta gente, foi algo produzido por uma inteligência?**

**Joaquim Fernandes:**

a) os efeitos essenciais são os descritos - luminosos, cromáticos, caloríficos - podendo acrescentar-se alguns casos de curas espontâneas, ou remissões de patologias diversas, por ocasião do fenómeno solar. É possível que algumas dessas afecções tivessem uma origem emocional e que a visão do fenómeno provocasse a sua remissão súbita.

b) julgo que, à luz dos nossos conhecimentos e informações, o fenómeno solar remete para algo exterior às testemunhas e à multidão que desconhecia a forma do “milagre” anunciado para esse dia. É difícil explicar o fenómeno por mecanismos alucinatórios colectivos.

**PUFOI:**

**Existe algum outro caso no mundo, com tamanho número de testemunhos?**

**Joaquim Fernandes:**

Em termos de observação colectiva de um fenómeno no espaço próximo, penso

que Fátima é o episódio mais significativo.

**PUFOI:**

**O “fenómeno” de 13 de Outubro foi observado em outros lugares do País?**

**Joaquim Fernandes:**

Conforme a nossa investigação detectou, existem observações simultâneas em localidades da região, a uma distância de 10 -15 quilómetros da Cova da Iria., além de outras mais distantes - 40, 50 quilómetros - onde testemunhos afirma ter visto alguma coisa no céu. É difícil saber se estes depoimentos foram, de algum modo, influenciados pelas notícias da Cova da Iria.

**PUFOI:**

**Pode concluir-se que se tratou de um contacto com uma civilização muito evoluída, oriunda de um qualquer lugar do Cosmos?**

**Joaquim Fernandes:**

Se isso significa um contacto de astronautas de um outro mundo, tecnologicamente superior, numa missão equivalente a um plano de exploração científica, responderia que não temos bases para o afirmar. Não diria implausível, mas improvável. É possível que seja uma leitura facilitada pelo nosso fundo cultural e tecnológico mais propicia e legítima. Os nossos olhos tendem a ver conforme as grelhas, as “lentes” culturais que se entrepõem. Mas a chamada “hipótese ET em primeiro grau” apresenta imensas dificuldades, reconhece-se. Sabe-se das dificuldades de transporte nas abissais distâncias entre as estrelas e planetas possíveis. Hoje, presumo que se tratou de uma forma, de uma experiência de contacto com um “psiquismo” de qualquer tipo, talvez uma forma de “inteligência” colectiva ou memória cultural da Humanidade. Nessa alternativa ao modelo astronautas de outros mundos, cabem, por exemplo, os arquétipo de Carl Jung, ou os “memes” culturais do biólogo Richard Dawkins, espécie de “noosfera” ( camada “mental” similar à memória genética biológica ) que rodearia o planeta. No essencial, creio que Fátima pode exemplificar um encontro de psiquismos, de dimensões de espaço/tempo ou de modalidades de consciência, com expressão concreta nos nossos sistemas de crença e religiões.

**PUFOI:**

**Os eventos desse célebre dia, ficaram conhecidos pelo “milagre do Sol”. Quais as pesquisas que fizeram, no sentido de saber o que a ciência da altura havia registado de anormal no comportamento Solar ou**

**meteorológico, capaz de esclarecer algumas dúvidas?**

**Joaquim Fernandes:**

Investigámos todos os anais astronómicos e meteorológicos disponíveis, não havendo naturalmente quaisquer respostas ou factos invulgares, registados por esses meios nessa época, em parte alguma do mundo.

**PUFOI:**

**Alguns investigadores sérios, da área dos não identificados, mantêm ainda alguma relutância em classificar alguns casos, de inequívoca acção extraterrestre, como tal. Outros investigadores menos “exigentes”, estão constantemente convencidos que os ET andam por aí!**

**Quando, como e por quem se irão, um dia, “separar” as águas?**

**Relativamente a “Fátima”, qual o teu veredicto?**

**Joaquim Fernandes:**

Vide resposta já dada sobre a hipótese ET em primeiro grau. Não temos meios de definir o que irão ser a Ciência e o Conhecimento futuros. Mas podemos asseverar, com base na História e no progresso incessante, com grande margem de segurança, que serão uma Ciência e um Conhecimento completamente distintos dos actuais. Porventura não nos métodos, mas ao nível das certezas e das incertezas, dos modelos explicativos. São essas as principais razões para acreditar na inteligência humana.

**PUFOI:**

**Naturalmente que durante os mais de 26 anos que tem durado a tua/vossa investigação sobre “Fátima”, pediram opiniões e pareceres a pessoas ou entidades que pudessem contribuir para o esclarecimento de algumas questões.**

**Fala-nos sobre este aspecto.**

**Joaquim Fernandes:**

Durante todo este tempo não temos estado sós. Desde os finais dos anos 70 até hoje, com um crescimento de interesse e de colaboração que, há meia dúzia de anos, julgávamos impossível de obter. Claro que esta investigação exige informações e dados, praticamente, de todas as disciplinas científicas. Como ninguém pode ter a pretensão de saber tudo, temos pedido ajuda a outros especialistas, nacionais e estrangeiros. Um dos mais antigos, por exemplo, é o físico teórico Auguste Meessen, da Universidade Católica de Lovaina, com quem trabalho há cerca de duas décadas, sempre com um sentido de procurar a verdade, independentemente dos credos religiosos. Actualmente, está em curso

o Projecto MARIAN (Multicultural Apparitions Research International Academic Network) que estamos a coordenar aqui no CTEC, na Universidade Fernando Pessoa, e que vai proporcionar a publicação da primeira antologia internacional de textos científicos sobre a fenomenologia das chamadas “aparições marianas”. Trata-se, de facto, de um avanço significativo na abordagem multidisciplinar destas situações anómalas, porque as compara com outras, como as experiências de quase-morte, as experiências fora do corpo e as narrativas de abdução por “entidades alienígenas”.

**PUFOI:**

**Durante a vossa investigação procuraram saber se durante o ano de 1917 (período de 1916 a 1918), existiram fenómenos deste tipo, relevantes no resto do Mundo?**

**Joaquim Fernandes:**



Existem alguns acontecimentos interessantes no domínio dos fenómenos aéreos, nesse período, inclusive com descrições de entidades antropomórficas fora do quadro religioso, além de observações típicas de “não identificados”, dentro de padrões da época. Essas descrições estão citadas nos nossos livros, bem como o elenco das restantes aparições religiosas.

**PUFOI:**

**Reflectindo sobre este ponto. Um longo período de acções dirigidas de um mesmo plano, sugere que “alguém” tenha gasto todo esse tempo, numa acção mais vasta, não apenas dirigida a um local preciso de um singular planeta.**

**Para quem tenha planeado essa acção, “Fátima”, não poderia ser apenas o único objectivo. Não faz qualquer sentido.**

**Olhando do “lado de fora”, o nosso Planeta é uma inesgotável fonte de informação para quem o queira estudar.**

- a) - Faz-te sentido este raci-ocínio?  
b) - Toda esta acção faz supor que, durante um período consi-derável,

**tenha existido uma base fixa de apoio. Será lógico pensar assim? Equacionaram este problema?**

**c) - Se tudo se passou como estamos a imaginar, existem referências? Em termos de pesquisa global, o que te sugere dizer sobre este assunto?**

**Joaquim Fernandes:**

Conforme ao raciocínio implícito na resposta que dei sobre a hipótese ET em primeiro grau, poderia dizer que, se essa acção presume calculismo e preparação, estamos a pensar à imagem das nossas futuras expedições a outros mundos. É uma hipótese que pode ser subentendida do processo da “operação Fátima”, mas que não podemos, certamente, provar. Julgo, aliás, antes disso, que o nosso projecto visou antes de mais estabelecer comparações que nos parecem inequívocas com processos actuais das aparições laicas contemporâneas, sobretudo aquelas que implicam contactos proféticos, em que parece existir uma aparente “preparação/adequação” dos mediadores/,mensageiros escolhidos.

**PUFOI:**

**Um facto constatado é a existência de uma mensagem. “Fátima” viveu de uma mensa-gem e parece ainda viver dela.**

**A Igreja interpretou-a, moldou-a e acabou por a divulgar.**

**Sabe-se ou adivinha-se que essa interpretação é “estanque”. Existe uma leitura diferente, racional, objectiva, pragmática, científica.**

**Qual é para ti o real significado dessa mensagem, para além de poder significar uma prova de contacto com alguém exterior à Terra?**

**Joaquim Fernandes:**

A leitura da mensagem é feita pelo mensageiro. Como disse o conhecido Marshall Mc Luhan, “o meio é a mensagem”; ou seja, se queres saber o significado, a tradução da mensagem, procura saber quem é o mensageiro. Se a mensagem vem de fora ou de dentro da Terra é uma tarefa que, espero, os investigadores do futuro possam vir a resolver. Mas, parece pacífico que sem mensageiro não há mensagem.

**PUFOI:**

**Em termos de “ovnilogia”, este caso é, como já foi referido, um dos mais importantes, senão o mais importante de todo o Mundo.**

**Ele tem sido referenciado por várias organizações internacionais que estudam a fenomenologia “ovni”. Entretanto, quem investigou “Fátima”**

**não é referenciado.**

**Pensamos que não basta apenas divulgar este trabalho por meios literários. Nesse sentido, a justificação desta série de entrevistas aos autores.**

**Existe da tua/vossa parte algum plano mais abrangente de divulgarem este caso tão importante?**

**Joaquim Fernandes:**

O grande óbice que prejudica a divulgação da nossa investigação deriva de dois pontos prévios: o primeiro é o convencimento dos crentes na versão oficial de Fátima que esta é uma matéria definida e definitiva e que não interessa procurar outras versões da verdade. Como é a “sua” verdade, ponto final. As crenças não são racionalizáveis, do seu ponto de vista. Em certo sentido trata-se de uma perspectiva fundamentalista - “crê e abstem-te - que o próprio existencialismo cristão já havia definido, por exemplo, através da filosofia do pensador dinamarquês Soren Kierkegaard, em finais do século XIX. Em segundo lugar, o facto de as nossa obras serem escritas em português, impedindo a rápida difusão e tradução das obras. Se estivéssemos nos Estados Unidos, teríamos mais hipóteses de ver os livros traduzidos e editados em diversas línguas. Até pelos nossos confrades espanhóis! De toda a maneira, neste momento, o livro “Fátima - nos bastidores do Segredo” foi traduzido nos EUA e está pronto a ser editado para o mercado de língua inglesa. Aguardamos que o dr. John Mack possa fazer o prometido prefácio.

**PUFOI:**

**Para finalizar, gostaríamos que, se algo de importante ficou omissos, o comunicasses.**

**Joaquim Fernandes:**

Julgo que a matéria de Fátima continua a ser suficientemente apaixonante para os investigadores criteriosos e que buscam a verdade, como os nossos colegas que fazem parte do Projecto MARIAN. Para além de apaixonante, o problema de Fátima tem sido visto de forma demasiado apaixonada, se calhar não tanto por parte da hierarquia da Igreja Católica mas mais pela sua massa crente que desconhece, na sua esmagadora maioria - diria mais de 95% - os aspectos fenomenológicos que apurámos na nossa investigação ao longo destes anos. Mas, como disse atrás, quem vai a Fátima por necessidade - e aqui temos de respeitar as suas opções - não lhe interessa todo o manancial de informações que o caso propicia. Ou seja, tudo quanto interessa à generalidade dos crentes em Fátima é a utilidade imediata no seu “comércio de promessas”, resolver

problemas emergentes e urgentes das suas vidas sacrificadas e penosas, espelho da infelicidade em que se revê a maioria dos seres humanos. Estamos conscientes disso e daí não estarmos à espera de “milagres” de reconversão. As mentalidades são a estrutura mais resistente e inflexível da natureza humana...

## FICHA DO CASO

**Ficha do caso:** nº. 005 da casuística nacional

**Data/hora:** 1917 – (consultar texto)

**País:** Portugal

**Local:** Cova da Iria (Serra de Aire), Fátima, concelho de V. N. Ourém, distrito de Santarém (Leiria)

**Localização Geográfica:** lat.:39° 36’ N, long.: 08° 36’ W

**Altitude:** 352 m (acima do nível do mar)

**Características geológicas:** Terrenos do Jurássico “camadas de Montejunto”, Oxfordiano. Inúmeras falhas tectónicas estáveis na região da Serra de Aire. Limites de terrenos Batonianos. Zonas pontuais do Cretácio inferior, perto de Cova da Iria. Algumas linhas de água importantes, poucas constantes. Nascentes subterrâneas regulares, grutas de referência na região próxima.

**Características gerais:** Zona do interior rural. Mini latifúndios; cultivo familiar, gado bovino, caprino, ovino e suíno, quase que para exclusivo uso doméstico.

Agricultura de subsistência. Escassos recursos.

**Fauna/flora indígenas:** Espécies cinegéticas Ibéricas, mamíferos, aves e répteis selvagens; lobos, cabras, furões, magustos, lebres etc., águias, milhafres e outras.

Pinheiro bravo, azinheira e árvores de floresta Europeia. Árvores frutíferas de plantio, e vastas zonas de pastagem e de cultivo.

**Hidrografia:** Não significativa.

**População:** Essencialmente rural. Altos níveis de analfabetismo, crenças, quanto á fé católica, muito dependentes, escassos recursos. Não existem dados concretos sobre o exacto número de habitantes locais, mas estimativas apontam para cerca de meio milhar.

**Número de testemunhas:** Inicialmente 3 (13 de Maio de 1917), por último cerca de 60.000 (13 de Outubro de 1917), maioritariamente oriundas de outros locais.

**Classificação geral, tipo Hynek:** EI-3 segundo estas normas internacionais adoptadas, mas sem classificação alguma, atribuída pela nossa investigação, dada a diversidade de factores que compõem este inédito caso.

### **Fátima – Uma experiência sob constante vigilância**

Os fenómenos registados em Fátima, principalmente os que ocorreram entre 13 de Maio de 1917 e 13 de Outubro do mesmo ano, tendo como principais testemunhas três crianças da região, parecem ter terminado nesta última data, porém, existem referências, registos e documentos que comprovam o contrário. São documentos escritos que assinalam uma actividade constante de fenómenos, posteriores, o que faz supor uma preocupação, por parte das entidades “promotoras”, de vigiar a zona do “contacto”, talvez no sentido de verificarem os efeitos e os resultados obtidos. Desta forma, certificarem-se da eficácia da acção dirigida e talvez da continuidade da missão.

De tudo isto é prova a série de eventos posteriores a 1917, e de seguida catalogados:

-02 Fev. 1918 - 15,00h - Fátima - Observação de objecto idêntico ao de 13/Out/1917.

-13 Mai. 1918 - (?) - Fátima - Queda de filamentos (fibrilvina).

-13 Jun. 1920 - (?) - Fátima - Objecto, efeitos de luz, luzinhas pontuais dirigidas.

-13 Mai. 1922 - 16,00h - Atalaia, Santarém - Objecto idêntico ao de 13/Out/1917.

-13 Mai. 1923 - (?) - Fátima - Queda de filamentos (fibrilvina).

-13 Mai. 1924 - (?) - Cova da Iria - Queda de filamentos (fibrilvina).

-13 Mai. 1925 - (?) - Arredores de Fátima - Objecto idêntico ao de 13/Out/1917.

-13 Out. 1925 - (?) - Área de Fátima - Objecto idêntico ao de 13/Out/1917.

-13 Mai. 1928 - (?) - Área de Fátima - Objecto idêntico ao de 13/Out/1917.

-17 Out. 1957 - (?) - Vários locais próximos de Fátima - Queda de filamentos.

-08 Nov. 1957 - 18,20h - Fátima - Objecto voador luminoso sem ruído. \*

Convertido em local de culto desde os primeiros dias, este lugar tem sido visitado por milhares de pessoas, ao longo de todos estes anos.

A convergência de tanta gente, sintonizada na mesma onda mental, num mesmo local e numa mesma hora poderá produzir estes fenómenos?

Pensamos que não, mas não podemos necessariamente afirmá-lo categoricamente. Pensamos que estão fora do nosso entendimento racional e que explicações pseudo-científicas estarão longe de dar uma resposta

convicente.

A diversidade e a complexidade de “fenómenos” observados é exterior às nossas capacidades, sejam elas quais forem.

A leitura religiosa de todos os eventos é de facto uma constante, independentemente do também constante avanço mental, cultural e intelectual desta civilização.

Os tremendos avanços técnicos e científicos, mantêm-se “marginais” a “Fátima”. Tudo parece marginal a Fátima.

Tal como o “País das Maravilhas” de Lewis Carroll, que fez as delícias das criancinhas do princípio do século, Fátima continua parada no tempo e na fantasia.

Tudo o que aconteceu na Cova da Iria, continua hoje a ter a mesma leitura que há 86 anos!

Em Maio de 1978 (61 anos depois), o quinzenário “Nostra”, há muito extinto, inseria na sua primeira página um extenso artigo sobre os fenómenos de Fátima. Destacava-se um dramático anúncio: “Uma mensagem terrível será conhecida em 1980”!

Felizmente o anúncio nunca se verificou, como seria lógico. Dez anos mais tarde, seria a vez do jornal “Primeira Página” de 25 de Fevereiro de 1989, publicar uma sondagem a nível nacional sobre “Fátima”, à qual 67% dos inquiridos estavam convencidos que tinha sido N<sup>a</sup>. Senhora (mãe de Jesus Cristo) a entidade observada pelos pastorinhos!

Fátima “caiu” nas mãos da Igreja Católica e parou no tempo!...

...Mas parece continuar activa e a revelar a sua verdadeira faceta.

**- Dados recolhidos nas obras dos autores Fina D’Armada e Joaquim Fernandes.**

### **Alguns casos contemporâneos**

Algumas pesquisas efectuadas, no propósito de encontrar referências de observações aeroespaciais anómalas, num período compreendido entre 1914 e 1919, forneceram algumas indicações, embora pouco ricas em detalhes. Iremos contudo aqui inseri-las, pois parece-nos importante saber se no Mundo, por

aquele altura, algo de estranho na área dos “não identificados” aconteceu.

O caso de “Fátima”, a nosso ver, não podia ser um caso isolado. Do ponto de vista racional, não parece fazer sentido, a tratar-se de uma intervenção extraterrestre, ser apenas dirigida a Portugal.

**1914 (12/Set.)** - Ser de aparência feminina paira sobre o campo de batalha em França.

**1914 (17/Set.)** - Objecto estranho visto em Ontário, Canadá.

**1915 (?)** - Nuvem lenticular nos céus de Ontário, Canadá.

**1916 (?)** - Objecto tipo charuto visto na Noroega.

**1916 (?)** - Objecto tipo “zepelim”, visto nos céus da Europa.

**1916 (?)** - Objecto estranho nos céu da Irlanda.

**1917 (?)** - Objecto dentro de nuvem. Não emitia som. Ilha de Malta.

**1917 (?)** - Objecto tipo charuto prateado, observado ao telescópio. Colorado, U.S.A..

**1917 (?)** - Objecto observado nos céus da Alemanha.

**1918 (25/Maio)** - 3 crianças viram a “Virgem” 65 vezes. Vannes, França.

**1918 (?)** - Cerca de 150 pessoas viram objecto tipo charuto. Texas, U.S.A..

**1918 (?)** - Objecto nos céus da Austrália.

**1919 (?)** - Foram vistas “esferas” nos céus de Wiltshire, Inglaterra.

## **ALGUNS TEXTOS DE OPINIÃO**

Alguém em algum dia haveria de olhar para os acontecimentos de Fátima e reflectir sobre eles de um modo racional. Interrogar-se sobre a verdadeira natureza dos factos, averigua-los, analisa-los e estuda-los de novo. Reflectir sobre eles com a mente aberta e tentar descobrir a “sua” verdade.

Isto aconteceu de facto cerca de 60 anos depois!

**Fina D’Armada e Joaquim Fernandes tomaram em mãos essa iniciativa.**

Embora outros investigadores tivessem Fátima no rol dos “não identificados”, coube-lhes a eles esse mérito.

Tem sido um longo trabalho de pesquisa que já dura há mais de 26 anos e que ainda estará longe do seu fim, tal a complexidade do material recolhido.

Penso que, para além das conclusões já apuradas, muitas dúvidas ainda subsistem, mormente no que se refere ao plano que originou toda esta “história”.

Para os investigadores que se preocupam com esta questão e a classificam como um dos casos mais importantes do mundo, na área dos “não identificados”, as interrogações persistem.

Perante os novos factos, outras questões se vão alinhando, numa quase interminável onda de dúvidas ainda por esclarecer e outras ainda, certamente por vir.

Apetece perguntar, especulando até aos limites:

Se o objectivo principal das entidades que nos visitaram, escolhendo aquele lugar, foi o de estabelecer um contacto nivelado, que surtisse efeito, porque “apareceram” em 1917 e não no ano 2000?

Nos dias de hoje, mesmo em Portugal, três crianças serranas teriam naturalmente outro tipo de reacção, o povo já não pensaria tratar-se de N<sup>a</sup>. Senhora, mas sim de um cosmonauta vindo das estrelas, já não falariam em milagres, o ou os objectos observados seriam decerto vistos como naves extraterrestres e a mensagem (se realmente existiu), seria decerto entendida.

Não existiria o domínio da Igreja, mas sim o interesse imediato de investigadores e cientistas. Os primeiros inquéritos seriam feitos por agentes das forças de segurança, muito mais precisos, rigorosos e isentos.

Os diversos meios de comunicação, televisão, rádio e jornais, transmitiriam em directo os acontecimentos, passíveis de mil interpretações. Deixaria de existir o “encanto”, o misticismo, o sonho. Todos passariam a ser confrontados com o real, custasse a quem custasse!

Então porquê em 1917?

Obra do acaso? Erro nos planos?

Teriam essas entidades sido confrontadas com uma realidade, com a qual não contavam e na impossibilidade de um retorno de “mãos vazias”, preferiram actuar, pondo em prática um plano secundário?

Porquê então Portugal e não os Estados Unidos, por exemplo?

No ano de 1917 existiam no nosso Planeta civilizações mais evoluídas e capazes de oferecerem maiores e mais ricos dividendos. Nos Estados Unidos teriam decerto mais sucesso!

Se no entanto o plano foi o de “divinizar” toda essa acção, conseguiram-no, mas sem resultados aparentemente importantes para a missão.

Seriam esses seres assim tão altruístas que apenas se contentaram em enganar os pacóvios e deixar-lhes uma mensagem ingénua de perpetuar um lugar, até ao dia em que tudo seria desvendado, pondo em posição embaraçosa os que, durante todo esse tempo, se apropriaram de uma mentira?

Estes são, quanto a mim, alguns dos grandes mistérios de Fátima.

A intervenção levada a cabo por essas entidades extraterrestres, exclusivamente dirigida a um determinado povo da Terra é no mínimo estranha e contrária aos princípios mais elementares de uma acção de exploração espacial, cujo destino foi, de facto, um Planeta habitado!

Os meios que voluntariamente nos mostraram, revela que possuíam toda a capacidade e meios para uma acção mais vasta, dirigida ao Planeta no seu todo e portanto mais enriquecedora e proveitosa.

Este é sem dúvida outro mistério. Porque não o fizeram?... Ou fizeram-no?

Se o tivessem feito, deveriam existir outras “Fátimas” por aí!...

Estou em crer, e voltando de novo a 1917, que nunca existiu qualquer “segredo”. Penso que, no decorrer de todos os contactos com o que parece ter sido uma “sonda” de aspecto humano, se resume em algumas simples advertências ou conselhos. Nada mais!

Tudo o resto pertence ao imaginário humano e ao aproveitamento da Igreja. O facto de manter desde cedo cativa a única testemunha viva, é já uma prova real de que qualquer que seja o “segredo”, ele nunca existiu, foi inventado!

Qual o objectivo de uma mensagem, com tantas reticências na sua divulgação? Algo que a não ser divulgado, passaria naturalmente a “segredo”!

Uma mensagem importante para a humanidade é mantida secreta durante dúzias de anos. Quem poderá lucrar com uma situação destas? Os ET? A

religião Católica?

Quem ganha, quem perde? Faz algum sentido? Gostariam os nossos amigos extraterrestres de charadas de mau gosto?

Perpetuar eternamente um lugar, até ao dia em que aparecesse alguém com capacidades para o entender? Assim parece ter sido, o objectivo desses vizinhos cósmicos. Contudo não se me afigura lógico, a não ser que lhes tenha falhado algum meio, conforme referi no início.

Não será por mero capricho ou à toa, que se efectua uma viagem ao longo do espaço, sabe-se de que ponto de partida, para aqui chegar, permanecer um longo período de tempo, sem que tenha havido um projecto inicial, extremamente bem elaborado, com objectivos muito concretos e disciplinados.

Os mistérios, as contradições, as dúvidas, continuam a “fazer arder” esta enorme fogueira. São interrogações sobre interrogações, na esperança de encontrar uma resposta plausível e definitiva.

Se realmente “Fátima” é um assunto Terrestre, ou seja, um “fenómeno” que a todos diz respeito, embora se tenha passado em Portugal (aparentemente), então assim deve ser entendido e sobre esta perspectiva deverá ser encarado.

E naturalmente se tem que voltar ao princípio. Deste talvez para o fim(?) da história e porventura “saltar” para o meio dela.

As simples palavras ditas pela “entidade”, conforme penso, conteriam alguma mensagem importante para a humanidade?

Prevenir desgraças? Uma punição pelos erros dos nossos antepassados?

Ensinar-nos o bom caminho (qual caminho)? Provar à humanidade que existe vida fora da Terra? Pôr em dúvida a existência de deuses? Orientarem-nos sobre as questões da ciência e da tecnologia?

Em regra, os segredos ou as mensagens Divinas traduzem-se em punições ou castigos. É assim que a humanidade entende estes “avisos”.

Teria alguém, vindo do espaço, só para isso?

Se por um lado os “autores” da mensagem revelaram (a esta ter existido) pouco senso nesta matéria, a Igreja “proprietária” da mesma, ao revelá-la por fim, não divulgou nada de interessante que dissesse directamente respeito à humanidade e que por isso justificasse tanto mistério e silêncio à sua volta.

Muitas perguntas e dúvidas para nenhuma resposta convincente.

Eis pois mais outro mistério para somar ao rol!

“Fátima” acaba por ser um inesgotável mundo de interrogações, um colossal enigma ou uma meada com alguns fios, mas longe de se revelar por inteiro.

O balanço actual deste longo processo, pesem embora todas as dúvidas “satélites”, é de uma enorme importância para o avanço mental e intelectual da humanidade. É sem dúvida um pilar decisivo para o efectivo entendimento do mundo e das coisas. “Fátima” já deixou o mundo da fantasia, passou a ser um assunto científico. A Igreja Católica sem argumentos plausíveis, capazes de “defender a sua dama”, perde terreno. Contudo, consciente disso, trava a última batalha contra o lógico e o racional, tentando não sair lesada. Uma luta entre o dogmatismo reaccionário e retrógrado e a análise positivista e científica. Quem irá perder?

A tese extraterrestre, embora ainda pareça ser um “papão”, mesmo para os menos conservadores surge, neste caso particular, como a única leitura correcta dos acontecimentos. É por ventura a única capaz de responder e com segurança a todos estes “fenómenos Fatimianos”!

Está decerto nas nossas mãos a vontade de continuar. Quem tem investigado “Fátima” ao longo destes anos tem essa tarefa, mas acho que é chegada a hora de outros se lhes juntarem com o mesmo propósito.

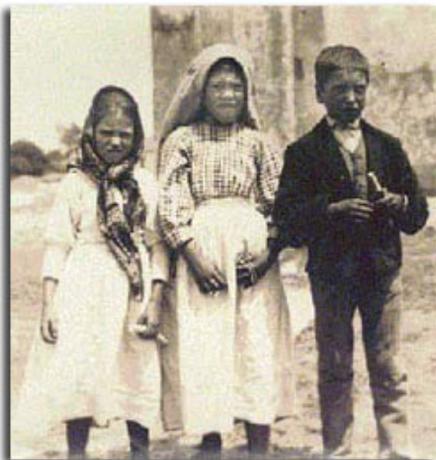
A tarefa parece-me demasiado pesada para ser suportada apenas por dois corajosos investigadores.

Muito ficou por questionar, mas esta é, parece-me, apenas a pontinha do icebergue.

A proposta não ficará no ar. Ela encontrará eco certamente.

A verdade reclama continuidade!

**GEOGRAFIA DO CASO (FOTOS e GRAVURAS)**



**1**



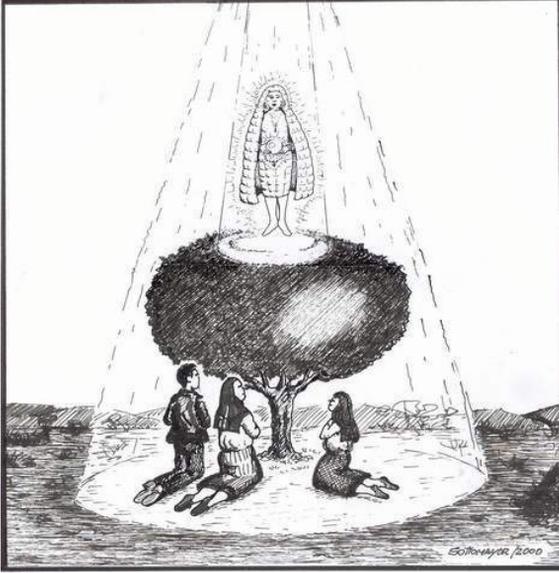
**2**



**3**



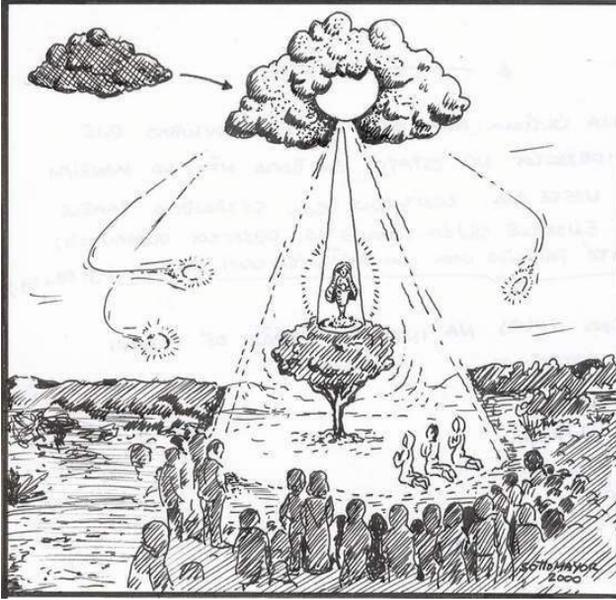
**4**



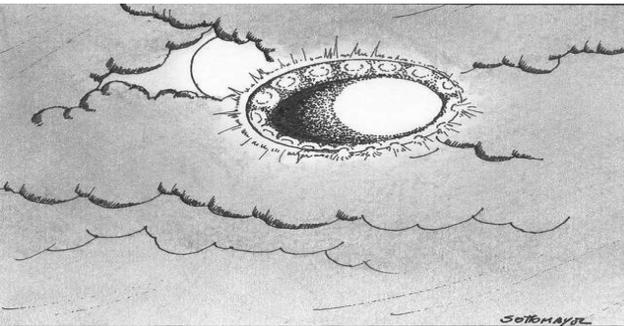
5



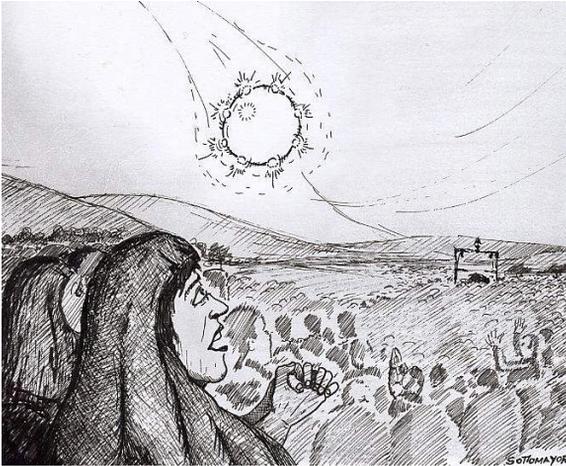
6



7



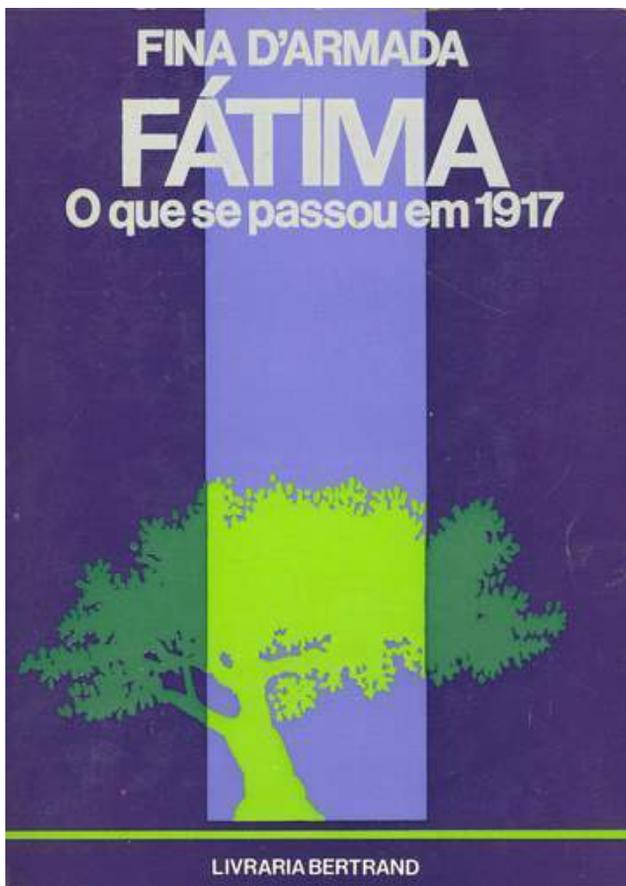
8



9

## LEGENDAS DAS GRAVURAS

- 1- Os três pastorinhos
- 2- O “Altar” com os três pastorinhos
- 3- O padre Manuel Marques Ferreira, primeiro inquiridor do caso.
- 4- Esquema geral do método de “contacto”, entre a “entidade” e os videntes.
- 5- A “entidade”, a rampa de luz envolvente e os cones de energia detectados.
- 6- Em Setembro de 1917, testemunhas referem terem sido sobrevoadas por “luzinhas”. Pareciam “olhos” querendo observar-nos.
- 7- Segundo as descrições das testemunhas, no dia 13 de Outubro, o objecto teria uma destas configurações.
- 8- O objecto sai de uma nuvem.
- 9- A multidão entra em êxtase. Uns choram, outros rezam, gritam. Pasmam-se as almas e espantam-se os não crentes. “Milagre” é a única razão paro o evento extraordinário.



Um livro que surgiu através da consulta dos arquivos secretos de Fátima

## CASOS CONTEMPORÂNEOS

Algumas pesquisas efectuadas, no propósito de encontrar referências de observações aeroespaciais anómalas, num período compreendido entre 1914 e 1919, forneceu-nos algumas indicações, embora pouco ricas em detalhes. Iremos contudo aqui inseri-las, pois parece-nos importante saber se no Mundo, por aquela altura, algo de estranho na área dos “não identificados” aconteceu.

O caso de “Fátima”, a nosso ver, não podia ser um caso isolado. Do ponto de vista racional, não parece fazer sentido, a tratar-se de uma intervenção extraterrestre, ser apenas dirigida a Portugal.

1914 (12/Set.) – Ser de aparência feminina paira sobre o campo de batalha em França.

1914 (17/Set.) – Objecto estranho visto em Ontário, Canadá.

1915 (?) – Nuvem lenticular nos céus de Ontário, Canadá.

1916 (?) – Objecto tipo charuto visto na Noruega.

1916 (?) – Objecto tipo “zeppelin”, visto nos céus da Europa.

1916 (?) – Objecto estranho nos céus da Irlanda.

1917 (?) – Objecto dentro de nuvem. Não emitia som. Ilha de Malta.

1917 (?) – Objecto tipo charuto prateado, observado ao telescópio. Colorado, E.U. A.

1917 (?) – Objecto observado nos céus da Alemanha.

1918 (25/Maio) – 3 crianças viram a “Virgem” 65 vezes. Vannes, França.

1918 (?) – Cerca de 150 pessoas viram objecto tipo charuto. Texas, E.U. A.

1918 (?) – Objecto nos céus da Austrália.

1919 (?) – Foram vistas “esferas” nos céus de Wiltshire, Inglaterra.

## **LEITURA FINAL**

Fátima é hoje um “edifício”. Como em todas as “construções” é constituído por “tijolos”. Como seria natural, tudo começou com um primeiro tijolo.

Se esse “tijolo” original estiver defeituoso, vamos-lhe chamar “errado”, todos os outros enfermarão desse erro original.

Se for retirado esse “tijolo” original errado, todo o “edifício”, se desmoronará!

Seria o ruir de uma “construção” defeituosa, mas aparentemente sólida.

É esse “tijolo” original, no qual assenta todo o “edifício”, que há muito se encontra sobre forte suspeita.

Descoberta a deficiência dessa base de sustentação, será que o edifício irá realmente ruir?

Essa ameaça real, na estrutura fundamental de Fátima, irá necessariamente acontecer um dia. É inevitável, e tanto o “senhorio” como os “inquilinos”, sabem-no bem, ou pelo menos estes últimos deverão ter poucas certezas.

Esses “inquilinos”, vivem nos “quartos” do “edifício Fátima”.

Quem são, perguntarão?

São a vontade do povo inculto e fanático, os interesses políticos, o comércio florescente, o turismo e a publicidade, as autarquias envolventes, as indústrias de recordações, etc., etc..

Naturalmente que o “senhorio”, ganha milhões, com o negócio e quando um dia tudo acabar, já tem um belíssimo pecúlio!

A verdade, por ser por vezes “ímpiedosa”, é veementemente repudiada e adulterada, por quem se vê “ameaçado”.

Não seria mais racional que, tanto “senhorio” quanto os “inquilinos”, começassem a pensar em desocupar os “apartamentos”, antes da derrocada?

Parece que acima de tudo prevalece o bem-estar de uma ideologia em decadência, a sua natural ganância, e o oportunismo de muitos.

## **XI - Pioneiros**

**HUGO ROCHA**

**RECORDANDO UM PIONEIRO DA OVNILOGIA PORTUGUESA**



*O jornalista Hugo Rocha ao publicar, há 50 anos, (1951) o seu livro "O Enigma dos Discos Voadores" tornou-se um pioneiro, por excelência, da Ovnilogia em Portugal. Através da referida obra e de muitas outras que se lhe seguiram, (como foi o caso da obra ímpar "Outros Mundos Outras Humanidades" publicada em 1958)*

Hugo Rocha revelou-nos cerca de dois séculos de história de manifestações de tipo "Ovni" para além de fazer uma exemplar e séria abordagem deste fenómeno de cariz mundial.

Pena é que os seus livros sejam, actualmente uma raridade de tal modo que só com muita sorte será possível adquiri-los em alfarrabistas de renome ou lê-los nas bibliotecas públicas do país.

A sua obra continua perfeitamente actual e deveria ser conhecida e estudada por todos os que de algum modo se interessam por este tema e que procuram fontes de informação e de opinião sérias e não especulativas.

**Ele afirmou:**

*«...Para quando a resposta a esta questão: ainda para o nosso tempo? Entendo que sim.*

*A transcendência do problema implica uma solução transcendente».*

**E nós diremos:**

*Na nova dimensão, onde, agora, paira o seu espírito, ele já encontrou as respostas!*

## **NOTAS BIOGRÁFICAS**

Extraído de um recorte do Jornal “O Comércio do Porto” noticiando o seu falecimento (obtido no Centro de Documentação do JN em 9/8/2001)

Hugo Rocha foi chefe da Redacção do “Comércio do Porto”. Faleceu em 24 de Fevereiro de 1993.

Nascido em 1907 no Porto, começou por trabalhar numa firma comercial exercendo paralelamente a função de professor do Ensino Livre, contudo a sua vocação levou-o para a área do jornalismo e com apenas 18 anos começou a colaborar na edição da tarde de “O Comércio do Porto”. Cedo se fez notar pelas suas qualidades pelo que passados quatro anos passou a integrar de forma definitiva o quadro redactorial desta casa ao mesmo tempo que colaborava com várias revistas literárias e de actualidade.

A sua ascensão levou-o, como já referimos, à chefia da Redacção cargo que deixou em Agosto de 1961, manteve-se, no entanto no jornal por mais vinte anos até se reformar quando contava já 74 anos de idade.

Em 1934, de Julho a Setembro, participou na Exposição Colonial do Porto no Palácio de Cristal dirigindo “O Comércio do Porto das Colónias”, publicação redigida e impressa no “Comércio do Porto”. Contudo uma polémica entre Hugo Rocha e o director da exposição - Henrique Galvão, levou a que fosse posto termo a este interessante jornal dedicado à maior feira do Ultramar realizada entre nós. A destacar que foi, também, o único jornalista português que entrevistou a Rainha D. Amélia na altura da sua breve visita a Portugal nos anos quarenta. Hugo Rocha não se limitou, contudo, ao jornalismo e assim em 1932 deu início à sua carreira do mundo literário colaborando no “Memorial Artístico” promovido pela Junta patriótica do Norte. Uma viagem a África, um ano depois foi inspiração para um livro de versos intitulado “Rapsódia Negra” a que se seguiram, dentro do mesmo género “Poemas Exóticos” e “Quissange”. Mas a obra que lhe deu mais projecção foi “ Bayet -Viagens na África”, um livro de crónicas premiado num concurso literário da Imprensa. Alguns ensaios dedicados às nossas ilhas, especialmente aos Açores. Publicou em 1942 o seu primeiro romance - “ Paixão e Morte de um Rapaz Romântico” e no ano seguinte “ Gentil Branco ” que venceu o prémio Ricardo Malheiros da Academia de Ciências de Lisboa.

O Interesse pelos acontecimentos Mundiais levou-o a escrever “O Enigma dos Discos Voadores” uma obra dedicada à ovniologia que se tornou um grande sucesso de leitura. A música foi uma das outras paixões e assim durante anos dirigiu o mensário “Orfeu” vocacionado para o canto coral, para além de ter sido crítico musical no “Comércio do Porto” e de ter dado conferências sobre a vida de diversos compositores. Foi também fundador do Grupo de Estudos Brasileiros do Porto e a sua proverbial amizade com a Galiza levou-o a contactar com as maiores individualidades desta província do país vizinho, onde era igualmente muito conhecido e conceituado. A sua longa carreira foi distinguida com diversos galardões como a Ordem do Império Colonial além de ter ganho em 1940, no Concurso dos Centenários, o Prémio Nacional de Jornalismo e o Prémio Afonso de Bragança atribuídos pelo, então, “Secretariado Nacional da Informação”.

## *A SUA OBRA (alguns excertos)*



"...Na primeira parte deste livro, ocupando-me de “ Os discos voadores no passado e no presente”, expus factos de que tive conhecimento, quase sempre através da Imprensa nacional e estrangeira. Ao mesmo tempo, exprimi opiniões próprias e alheias, acerca dos estranhos fenómenos que, de modo geral, é lícito registar sob a designação comum de «discos voadores». Acumulando casos e pareceres, pretendi, pois, apresentar aos leitores um documentário/comentário, tão completo quanto possível em relação aos elementos de que dispunha, acerca daquilo que me permito capitular de «a maior interrogação do nosso tempo». Certo, porque o meu arquivo particular da matéria estudada não ficou esgotado, poderia ter ampliado a série e o volume das referências. Entendi, porém, que bastava publicar o que publico para que esta modesta obra, sem deixar de ser, simultaneamente, variado e sucinto, correspondesse, como corresponde, ao modesto propósito do autor: informar, elucidar, debater, em suma, arrancar à fatal efemeridade jornalística, tanto quanto seja da alçada deste livro, um enigma que, venha ou não a decifrar-se, caracteriza uma época da História da Humanidade. "

"Tendo apresentado as três hipóteses que se põem na apreciação do problema e tentado – mas tentado, apenas... - demonstrar que as duas hipóteses naturais e normais, a dos fenómenos meteorológicos e a das armas secretas em

experiência, carecem de suficientes elementos probatórios para fornecerem a chave do mistério, resta-me tratar, em especial, da terceira hipótese, aquela que, por não ser natural nem normal, isto é, não respeitar à nossa Natureza nem à nossa normalidade, qualifiquei de transcendente. Como os leitores, com certeza, notaram, se honraram a primeira parte deste trabalho com a sua atenção, foi por exclusão de partes que manifestei relativo pendor para a hipótese transcendente. Relativo, acentuo, e não absoluto, porque, se qualquer das hipóteses excluídas, agora, por mim vier – sabe-se lá! - a fortalecer-se com novos fundamentos de valor incontestável, não serei eu quem teimará em defender aquilo que se prove ser absurdo. Por enquanto, porém, e à face do que sei, embora pouco, acerca do enigma dos «discos voadores», não reluto em preferir a hipótese transcendente às demais. Não há, nesta preferência, que é, afinal, a de muita gente – e, até, de gente mais autorizada do que eu a pronunciar-se acerca do assunto –, o inconfessável fito de fazer literatura sensacionalista. Há, sim, a honesta ambição de contribuir, dalgum modo, para que, na escuridão, se projecte a claridade. "

"Admitida a hipótese transcendente, isto é: a de provirem os «discos voadores» e engenhos congêneres de fora do planeta que habitamos, torna-se mister atentar noutro problema perturbante: o da pluralidade dos mundos habitados. Se os estranhos fenómenos tenho por conveniente continuar a dar esta designação, à falta doutra mais adequada, ao aparecimento dos «discos voadores» e engenhos congêneres – têm origem extra-terrestre, é porque a Terra -o senhor de La Palisse chegaria à mesma conclusão... - não é o único planeta habitado. A pluralidade dos mundos habitados - e não a simples dualidade, note-se bem – tem, pois, de ser tomada como um axioma, se se aceitar que doutro planeta, seja ele qual for, têm saído os misteriosos aparelhos que, desde 1762, a darmos crédito às afirmações de Donald Keyhoe, ou desde 1947, de acordo com as observações causadoras do actual movimento de curiosidade geral, têm penetrado na atmosfera terrestre. Encarando como axiomática, para a explicação do caso dos «discos voadores», a pluralidade dos mundos habitados, que sido uma das maiores interrogações de todos os tempos,

temos, no entanto, de reconhecer que, na ciência, na filosofia e na religião, são mais, talvez, os argumentos contra do que os argumentos a favor... "



" Neste modesto trabalho, com pesar sincero o declaro, não há o testemunho próprio de factos concernentes ao seu título. Se nunca vi pelos meus próprios olhos um disco voador ou engenho congénere, tão pouco tive a fortuna, até agora, de me certificar por experiência própria da existência de seres extraterrestres. O que, a tal respeito, sei provém, apenas, do que li nos livros e na Imprensa diária e periódica, Cata ali, cata acolá, reuni, assim, elementos informativos que me pareceram suficientes para, com eles, estruturar o trabalho presente..."

"...Mas como tudo isso é pouco, pouquíssimo, humildemente, socraticamente, considero dever meu confessar que só sei que nada sei. No entanto, dentro da minha imensa e infinita ignorância, cabem isto e aquilo cujo conhecimento me cumpre não reservar, egoisticamente, para mim. Para que todos compartilhem desse pouco, pouquíssimo, que sei, dou a público este modesto trabalho, que outro escopo não se arroga a não ser este: chamar ou, antes, tentar chamar a atenção dos que, porventura, o lerem para um dos mais transcendentos problemas que a nossa humanidade jamais se pôs, o de saber se é a única humanidade a povoar o espaço cósmico ou se "palavras do Apóstolo: «Na casa de meu Pai há muitas moradas» (São João, 14:2) valem, na verdade, como suponho, por uma afirmação peremptória acerca da pluralidade dos mundos habitados. Simples e obscuro estudante de assuntos que, na minha opinião, são

de molde a interessar a toda a gente, não cuido, com este estudo, de dar lições a quem quer que seja. Longe disso. Digne-se, pois, o leitor sentar-se comigo à banca da escola e acompanhar-me, se tal lhe aprouver, na apreciação do que vou expor. Vamos, pois, ver, embora de relance, o que se sabe de mais interessante acerca de outros mundos e outras humanidades. Quando lhe apetecer sorrir ou, mesmo, rir, sorria ou, mesmo, ria à-vontade. Nem tudo é para, ser tomado a sério. Com este estudo, nada se pretende impor. Pretende-se, apenas, expor - e estudar..."

**Excertos de algumas apreciações da crítica à edição Portuguesa de «O Enigma dos «Discos Voadores» ou a Maior Interrogação do Nosso Tempo»:**

«Hugo Rocha, nosso prezado colaborador, escritor consagrado pela Academia das Ciências, lançou-se a esta obra mais para responder às inquietações e interrogações dos homens do seu tempo do que para colher louvores, de que não precisa para ser quem na realidade é». «Artista como é, pois sabe contar e expor como poucos (mesmo que não se trate de obras de ficção, como no caso presente) o autor seccionou o seu volume em capítulos que dão um corpo de exposição e explicação (possíveis) de tais mistérios».

Guedes de Amorim («*O Século Ilustrado*»)

«Hugo Rocha estudou o problema a fundo, e com a sua prosa flamejante, intencional, por vezes, interrogativa, porque assim a obriga a alucinante matéria, dá-nos diversos aspectos, uns mal conhecidos, outros constituindo autênticas revelações sobre os famosos discos, que continuam sulcando a abóbada celeste».

Artur Portela («*Diário de Lisboa*»)

«Nas 250 páginas do seu estudo, Hugo Rocha faz perpassar ante os olhos do leitor tudo quanto sobre o assunto se tem dito e escrito, não apenas nos últimos anos, mas acerca do mesmo ou análogo fenómeno observado em 1762, a dar crédito a certas informações com vises de autenticidade

J. VALÉRIO («*Novidades*»)

«Hugo Rocha, nosso estimado confrade, espírito culto e dado a investigações e lucubrações de transcendência, e muito bem documentado a respeito deste caso, abre a interrogação diante de nós, e sobre ela discorre com inteireza e clareza edificantes. Faz o que raros fazem, ao escreverem livros assim, de informação e divulgação: leva-nos, de princípio a fim, presos, entretidos, encantados com as suas considerações e deduções. Quem sobre «discos voadores» queira ter os devidos conhecimentos e esclarecimentos leia e compre este livro de Hugo Rocha, livro cheio de interesse e, por cima ainda, escrito por quem sabe o que faz e o que diz».

(«*Diário de Notícias*»)

«Es un libro de palpitante actualidad, por cuanto en él su autor ha recogido las informaciones que te ha sido posible encontrar acerca de los famosos «platillos volantes». Pero el señor Hugo Rocha no se limita en su libro a los «platillos volantes», sino que, remontándose más arriba, trata acerca de la habitabilidad de otros mundos y los medios para llegar a ellos».

«Es libro éste que se lee con creciente interés por tratarse de materias que la insaciable curiosidad del hombre desea saber; a ello contribuye la amenidad que el autor ha sabido dar».

PADRE IGNACIO PUIG S.J.

(«*Ibérica*», de *Barcelona*)

«A sua brilhantíssima exposição, tão sugestiva, tão completa, tão clara e tão inteligente sobre o que se sabe o que se não sabe do fenómeno dos discos voadores é simplesmente notável».

«Não é difícil prognosticar, para livro tão interessante no fundo e tão primoroso na forma, um verdadeiro êxito de livraria. Belo espírito o seu, curioso de tudo, vibrando de tudo o que a vida lhe oferece, debruçando-se sobre os problemas novos, perscrutando os horizontes constantemente renovados da inquietação humana, na perfeita compreensão de que «viver» não é apenas (ai de nós) mergulhar no próprio drama, mas assistir espectacularmente ao drama universal»

.*Júlio Dantas*

«O autor deste livro, grande jornalista e, grande romancista, reuniu em volume, que acabámos de ler com sumo interesse, as qualidades que nas duas facetas do seu talento concorrem».

«Hugo Rocha diz que este enigma dos discos voadores será decifrado em nosso tempo e saberemos sem sombra de dúvida o que pensar, sem erro, deste singularíssimo fenómeno, que já não pode considerar-se uma grande e generalizada ilusão de óptica».

*CORREIA MARQUES («A VOZ»)*

«Ao fim e ao cabo, resumidas as hipóteses que o caso lhe proporciona, Hugo Rocha deixa, como é lógico, sem resposta as interrogações, mas não se esquece de exprimir o seu pensamento: O enigma dos «discos voadores», para mim, constitui, na verdade, a maior interrogação do nosso tempo. Para quando a resposta a esta: ainda para o nosso tempo? Entendo que sim. A transcendência do problema implica uma solução transcendente». «Eis um livro curioso, palpitante, actual, que nos dá um romancista que ganhou o Prémio Ricardo Malheiros - um jornalista que nasceu jornalista».

*(«O Século»)*

**Sanchez Bueno**



**Sanchez Bueno**  
**A morte de um investigador**

(Extraído do Anuário Anomalia publicado pela CNIFO em 1995)

Faleceu em 1 de Janeiro de 1994 um dos mais antigos investigadores do fenómeno OVNI em Portugal. Justifica-se, pois, fazer aqui uma breve homenagem ao homem e à sua obra.

Bernardino Sánchez Bueno, engenheiro electrotécnico, nasceu em 12.01.1916, em Badajoz e radicou-se mais tarde em Lisboa.

A partir de 1952 começou a manifestar o seu interesse pelo fenómeno OVNI e, em 1954, iniciou o seu estudo de forma sistemática. Um ano mais tarde pronunciou a sua primeira conferência, em Lisboa, na Casa do Alentejo, cujo texto foi publicado em 1956 pelo jornal "A República".

Em 1969 coordenou em Portugal o "Project International UFO Petition" que visava pressionar a ONU a estudar o problema dos OVNI, a nível internacional.

Entre 1966 e 1968 estabeleceu vários contactos e relações com investigadores de renome internacional. Efectuou várias conferências em Espanha e Portugal tendo colaborado com diversas revistas portuguesas e brasileiras e em particular com a revista "Planeta", bem como em algumas emissoras de rádio e TV, quer em Portugal, quer no Brasil.

Participou nos congressos de ufologia de Barcelona, em 1977 e no Porto, em 1978 (organizado pelo CEAFI), em Brasília, em 1979 - onde apresentou uma comunicação subordinada ao tema "A situação ufológica actual e a Necessidade do seu Estudo a Nível Mundial" - e em Mérida, em 1984.

Foi presidente do Centro de Estudos Cosmológicos e Parapsicológicos CECOP, sediado em Lisboa e filiado na DGEPI - Union des Groupes d'Etude des Phénomènes Inexpliqués, de França.

Fez parte do corpo redactorial da revista "Galáxia 2000", onde participou com alguns estudos sobre a temática OVNI. Foi ainda director do Boletim do CECOP.

Autor de várias obras como: "Os OVNI no Passado Remoto", "Os OVNI e a Vida no Universo", "Vinte Séculos de História dos OVNI" e "Os OVNI na Época Contemporânea".

Desapareceu, enfim, uma das valiosas e pioneiras figuras do estudo dos fenómenos OVNI, em Portugal, o que, muito sinceramente, lamentamos.

### **Alguns comentários sobre parte da sua obra**

Sabemos que Sanchez Bueno escreveu numerosas obras sobre a temática Ovni. Para transmitirmos uma ideia sobre este autor faremos referência a uma dessas obras publicadas pelo Circulo de Leitores em 1981.

## **Prefácio**

“É com grande prazer que faço a apresentação deste livro, fruto de paciente e constante labor, realizado pelo meu bom e velho amigo Eng. o Téc. Bernardino SÍInchez Bueno. Acho que é necessário que obras de divulgação sobre o tema «OVNIS» se publiquem, para dar a conhecer ao grande público o que alguns cientistas já denominaram «0 maior mistério do nosso século». É evidente que o problema dos OVNI's não é apenas um mistério do século XX, já que desde a mais remota antiguidade têm sido observados e existem diversos e variados relatos de tais observações em todos os cantos do nosso planeta.

O esforço do Eng. o Téc. Sanchez Bueno na compilação e catalogação destes factos, através da imprensa e revistas de vários países, assim como de contactos com outras pessoas e centros dedicados a estes estudos, é espantoso e digno de todo o louvor.

Não quero deixar de referir que o arquivo que possui cataloga já alguns seis milhares de observações, assim como mais de uma centena de obras de diversos autores e várias revistas especializadas. Tudo isto permite-lhe a autoridade suficiente para, agora, publicar esta obra, que estimo de grande utilidade não só para os já conhecedores do tema mas, sobretudo, para aqueles que não conhecem, ou conhecem pouco, a problemática dos OVNI's - problema que, infelizmente, não tem sido sempre bem tratado e estudado, existindo muitas obras escritas com afã de sensacionalismo, pouca honestidade e, fundamentalmente, com o intuito de obter lucro.

É por tudo isso que me permito realçar a absoluta honestidade do autor da presente obra e o seu afã, totalmente desprovido de todo e qualquer sensacionalismo, para conseguir fazer um estudo sintético, claro e, ao mesmo tempo, profundo do tema. Espero que obtenha o sucesso que merece.

DR. FERDINAND WILHELM MORI”

Membro do International Institute of Space Law (Paris)

Membro do Instituto ibero-americano de Aeronáutica y del Espacio (Madrid);

Membro do Centro de Estudios Interplanetários-CEI (Barcelona); Membro do CECOP - Centro de Estudios Cosmológicos e Parapsicológicos (Lisboa)

## **Prefácio**

*Os OVNI's (objectos voadores não identificados) constituem um fenómeno, no sentido de facto extraordinário ou de manifestação da matéria ou energia.*

*Como é lógico, natural e humano, qualquer fenómeno desconhecido suscita controvérsia e, neste caso, a reacção por descrença ou cepticismo foi considerável.*

*Hoje, passados 30 anos, em face da inexistência de um desmentido formal e provado, por um lado, e, por outro, como resultado de exaustivas investigações, o fenómeno OVNI pode sintetizar-se assim:*

1.º - Trata-se de um facto real, portanto não imputável' a fantasia, visão, psicose ou equívoco em relação a casos de origem atmosférica ou outros.

2.º - Os OVNI's não são, nem podem ser, engenhos fabricados em qualquer dos países da Terra.

3.º - Em face das duas premissas anteriores, a origem dos OVNI's só pode ser extraterrestre.

4.º - A conclusão anterior classifica esse fenómeno como o mais transcendente de toda a história do nosso planeta, por poder ser susceptível de proporcionar aos terrestres um contacto formal com seres extraordinariamente mais evoluídos.

*Por tudo isto se torna apaixonante o estudo do fenómeno OVNI's. Propositadamente, procurei que o texto que se segue fosse o mais claro, simples e objectivo possível, de forma a ser acessível ao maior número de pessoas que se interessem por este assunto e lhes poder proporcionar uma iniciação para o estudo de outras fases mais complexas. O meu maior desejo consiste em poder conseguir esse objectivo.*

**“B. SÁNCHEZ BUENO”**

## **XII – Abduções**

Um dos aspectos mais intrigantes, directa ou indirectamente relacionado com o fenómeno OVNI, é aquele que diz respeito às chamadas abduções, ou sequestros, alegadamente levadas a cabo por extraterrestres.

Apesar do seu carácter imensamente controverso, como iremos ver, não poderíamos deixar de lhe dedicar algumas linhas neste nosso trabalho, pois trata-se de um tema que, embora diferente, é muito actual, no contexto da pesquisa OVNI.

Assim, não deixa de ser surpreendente, que alguns milhões de pessoas, em todo o mundo, consideradas perfeitamente normais, de estratos socioeconómicos diversificados, façam descrições idênticas de alegados contactos com seres de outros mundos. É esta semelhança, ao nível das narrativas, que se torna perturbadora.

Mas o que descrevem essas pessoas em tais relatos?

Na maior parte dos casos, os “abduzidos” começam por ser atraídos por uma luz muito potente, em geral quando se encontram em casa a dormir, sendo depois levados, por vezes, através das paredes do quarto, para uma nave, onde são objecto de vários exames por parte de seres alienígenas.

Estes exames estão quase sempre associados a procedimentos reprodutivos e são vividos pelos sequestrados de forma traumática.

Embora, de início, aterrorizados e revoltados por estarem a ser utilizados contra a sua vontade, os sequestrados acabam, nalguns casos, por “compreender” e

aceitar estas manipulações, cujo objectivo parece, de algum modo, estar associado à evolução da espécie humana.

A permanência na nave é também, geralmente, aproveitada pelos seres para transmitir informação relativa ao futuro da humanidade. Daí que esta experiência de abdução implique, para muitos dos atingidos, uma mudança radical da sua filosofia de vida, pois sentem que a sua consciência se expandiu e tiveram acesso a outros níveis de inteligência presentes no Universo.

E que respostas tem a Ciência para estas questões?

Têm sido vários os estudos desenvolvidos sobre os alegados abduzidos, com especial ênfase nos Estados Unidos, Canadá e França. Neles se apontam várias hipóteses explicativas para o fenómeno, que gostaríamos de colocar à disposição dos nossos leitores.

Michael Persinger, neuropsicólogo clínico da Universidade Laurentian, Sudbury, no Canadá, que tem investigado o efeito dos campos electromagnéticos sobre o cérebro, é de opinião que os indivíduos que se dizem abduzidos podem ter sido vítimas de crises associadas à epilepsia.

Uma outra hipótese, avançada pela psicoterapeuta francesa Catherine Lemaire, sugere a possibilidade das “recordações” dos sequestrados serem realmente sonhos ocorridos durante determinadas fases do sono. Nestes casos, a evocação dos sonhos é extremamente viva e difícil de distinguir de uma experiência objectiva.

Nesta mesma linha de investigação, os psicólogos Susan Clancy e J. McNally, nos Estados Unidos, numa série de estudos, descobriram que os supostos sequestrados manifestam os mesmos sintomas de stress pós-traumático dos veteranos de guerra. Na sua opinião, qualquer “recordação”, seja verdadeira ou falsa, pode provocar um profundo impacto emocional.

Durante a investigação houve algo que lhes chamou a atenção e que surge como a resposta mais plausível para explicar o fenómeno: tanto as pessoas que

recuperaram a recordação de um abuso sexual sofrido na infância, como aqueles que acreditam ter sido sequestrados ou violados por extraterrestres, manifestam uma maior incidência de paralisia do sono.

Mas o que é esta paralisia do sono?

Imagine que acorda e descobre que não consegue mexer um músculo, excepto os olhos; sente uma presença no quarto que, para além do mais, parece exercer pressão sobre o seu peito, impedindo-o de respirar; escuta ruídos e sofre uma espécie de descargas eléctricas: está a ser vítima de paralisia do sono.

Tudo acontece durante a fase conhecida por REM (rapid eye movement), pois é caracterizada pelo rápido movimento ocular. Nesse momento, enquanto adormecemos, o nosso corpo fica paralisado, o que é uma medida acertada do cérebro para impedir que qualquer movimento, produto de um sonho, nos possa causar danos.

Porém, pode acontecer que a fase REM não decorra da forma adequada, e começamos a acordar antes de passar a paralisia. O pânico que a situação provoca pode ser acompanhado de alucinações “hipnopômicas”, que surgem de modo natural no despertar; enquanto dormimos, também podemos ter alucinações designadas por “hipnogógicas”. Esse terror é tão vivido que parece real. Uma suposta vítima de sequestro chegou a ver, durante os episódios de paralisia, as célebres figuras cinzentas (“greys”), os anões cabeçudos e de grandes olhos rasgados que já representam, no inconsciente colectivo, a imagem do verdadeiro extraterrestre.

Para o investigador francês Bertrand Méhust “o imaginário dos sequestros, apesar do cenário tecnicista em que ocorre, aproxima-se do da feitiçaria e do xamanismo”.

Também John Mack, psiquiatra americano, já desaparecido, grande estudioso deste fenómeno, e que apesar de valorizar grandemente os inúmeros testemunhos que ele próprio investigou, afirmou que “não sabemos em que

medida um sequestro é um acontecimento do mundo físico, ou apenas uma estranha experiência subjectiva com manifestações físicas”.

Apesar das várias hipóteses apresentadas, a polémica continuará, seguramente, a perdurar, ainda por muito tempo.

Pela nossa parte, procuramos mostrá-las, sem procurar fazer qualquer juízo de valor, pois nesta matéria, como noutras, há muitas dúvidas e poucas (ou nenhuma) certezas.

Preferimos deixar ao critério daqueles que nos possam ler, a apreciação das mesmas, com uma única convicção: o fenómeno das abduções é, antes de mais, humano, porque interpretado por homens e mulheres deste planeta a que chamamos Terra.

Se é algo mais, talvez não venhamos a saber tão cedo...

### **XIII – Conclusão**

O que se pode concluir sobre um assunto tão controverso, como é este dos Não Identificados”?

Talvez o que cada um dos leitores possa concluir, pois não pretendemos dar respostas definitivas, antes, desejamos despertar no público em geral, interesse em saber um pouco mais sobre o assunto, de uma forma pragmática, incutindo-lhe alguns saberes indispensáveis para uma leitura mais correcta da matéria aqui apresentada.

É por isso que este nosso contributo pretende ser uma espécie de manual, onde se pode encontrar a informação básica, essencial, apresentada numa linguagem o mais acessível possível, para um melhor entendimento das principais questões que gravitam à volta dos OVNIS.

É evidente que só depois de recebermos o feedback dos nossos possíveis leitores, poderemos constatar se os nossos objectivos foram, ou não, alcançados. Esperamos poder corresponder aos anseios de informação que, apesar de já estarmos em pleno séc. XXI, no que diz respeito a esta problemática, continua a falhar.

Oxalá sejamos merecedores do vosso interesse e atenção, por um fenómeno que teima em continuar a ser “a maior interrogação do nosso tempo”.

## **XIV – Dados biográficos dos elementos da PUFOI**

*António Durval:* Uma observação insólita, na sua juventude, fê-lo interessar-se pela investigação destes casos. Foi associado e correspondente do CEAFI, desde a sua fundação, mantendo sempre o mesmo vínculo em relação à CNIFO e mais recentemente à SPEC.

Sempre se considerou um investigador independente. Desenvolveu, durante várias décadas uma metodologia de trabalho própria, criando o seu próprio espaço de pesquisa. Assim, tem desenvolvido, trabalhos de observação, registando, analisando e reflectindo sobre o produto dessas investigações. A sua acção direcciona-se na perspectiva de um fenómeno enquadrado no âmbito da própria história humana e a sua possível interligação. O resultado

dessas reflexões pode ler-se no seu trabalho literário "Discurso Directo" e outros livros mais recentes como "Quem se interroga esta vivo", a colaboração nas antologias, "DezSete" e Antologia de Natal e no livro do Ctec "Outros Mundos". O seu último livro foi a monografia sobre S. Mamede de Infesta "À Descoberta de S. Mamede de Infesta" (a pedido da Junta de Freguesia da mesma cidade). Faz parte do CTEC da Universidade Fernando Pessoa. Presentemente é membro fundador da PUFOI.

**Fernando Jorge:** iniciou-se activamente sobre a temática a partir da década de 1978, fundando a nível escolar um agrupamento denominado GOEAS (Grupo Ovnilogia da Escola António Sérgio), no qual editou um pequeno folheto informativo denominado "Humanoide". Durante este período filiou-se no grupo denominado "Ovnigrupo 7" ao qual esteve ligado até 1980, a partir do qual se filiou no CEAFI. A partir desta data e ao ser criada a CNIFO, passou desde a primeira hora a ser membro efectivo da mesma.

Aí, participou activamente em diversos trabalhos de investigação e em particular na equipa de intervenção de campo, na qual, esteve a seu cargo a secção de logística. Desempenhou nesta equipa tarefas como a acção directa e prática no que se refere aos modernos conceitos de observação e tentativa de estabelecimento de contacto com o fenómeno vulgarmente designado por "ovni".

A sua acção tem sido dirigida na constante análise dos factos recenseados pelas testemunhas e o seu tratamento casuístico. Participou em diversas conferências e palestras, sempre dentro do mesmo âmbito. Presentemente é membro fundador da PUFOI

**José Sottomayor:** Foi investigador independente até 1978, data em que ingressou no CEAFI. No mesmo ano coordenava em Lisboa um núcleo dessa organização e mais tarde pertenceu ao concelho científico, na área dos "não identificados". Em 1984 foi membro fundador da CNIFO e pertenceu á sua direcção.

Para além de diversos trabalhos de investigação e na criação de inquéritos específicos (GNR, FAP e Aeronáutica Civil), dedicou todo o seu empenho na

criação de uma equipa de campo vocacionada para, em moldes completamente originais, proceder à recolha do máximo de elementos que, na área dos “não identificados”, pudesse contribuir de qualquer forma para o seu entendimento prático.

Tem orientado sempre as suas acções quer na vertente astronómica, quer nos fenómenos a ela aparentemente ligados ou associados Participou em inúmeras palestras e conferências assim como em algumas participações na TV e Rádio. Tem contribuído em artigos jornalísticos e publicou trabalhos no anuário “Anomalia”. Em 1997 foi membro fundador da SPEC e faz parte da sua Direcção.

Presentemente é membro fundador da PUFOI.

***Luís Alberto:*** Investigador nas áreas da “ovnilogia” e astronomia, fez parte activa do CEAFI. Desde 1980 pertence à CNIFO e é seu membro fundador. A sua acção tem sido em especial dirigida para a astronomia, mas a sua atenção tem de igual modo sido canalizada na área da investigação dos fenómenos aeroespaciais. Conduziu inquéritos específicos nesta área e participou em vários trabalhos e em estudos, cujas vertentes se parecem aglutinar.

Participou activamente na equipa de campo já referida durante oito anos, na qual desempenhou variadíssimos trabalhos de investigação. Desde sempre tem desenvolvido trabalhos na área da Astronomia, quer em teoria quer na prática, funcionando neste momento, como o operacional nessa matéria.

Participou em várias palestras e publicou artigos vários na revista “Lisovni”. Presentemente é membro fundador da PUFOI.

***Mário Neves:*** Investigador desde meados da década de setenta, ingressaria no CEAFI em 1976, fundando em Ermesinde um núcleo dessa organização. Em 1984 participa na criação da CNIFO, como seu membro fundador, fazendo parte da sua Direcção.

A sua acção tem sido especialmente dirigida na investigação dos “não identificados”. A pesquisa de campo e o seu respectivo tratamento de gabinete, tem sido a sua constante preocupação. Trabalhos de análise de inquéritos e seu tratamento estatístico assim como uma profunda reflexão sobre os seus

resultados, constituem o seu objectivo principal.

Participou em diversas palestras e colóquios, destacando-se a sua presença no colóquio “Fenómenos não identificados – Mito história e ciência”, levado a efeito na Faculdade de Letras em 1993.

Colaborou em várias publicações; “Notícias do Nordeste”, Notícias CNIFO”, mas sobretudo no anuário “Anomalia”, assim como em intervenções de rádio e TV. Em 1997 seria fundador da SPEC e membro da sua Direcção, continuando com o seu trabalho na área específica da “ovnilogia”.

Presentemente é membro fundador da PUFOI

## **XV – Referências bibliográficas**

- BERENGUEL, Raul – OVNI: Portas Para o Ano Zero, Nova Crítica, Porto, 1978.

- BUENO, B. Sanchez – Os Ovnis e a Vida no Universo, António Ramos, Lisboa, 1978.

- D’ ARMADA, Fina – Fátima – O Que Se Passou em 1917, Bertrand, Lisboa, 1980.

- DEUS, Jorge Dias de – Da Crítica da Ciência à Negação da Ciência, Gradiva, Lisboa, 2003.

- FERNANDES, Joaquim – Ovnis em Portugal, Nova Crítica, Porto, 1978.

- FERNANDES, Joaquim (ORG.) – De Outros Mundos – Portugueses e Extraterrestres no Séc. XX, Planeta, Lisboa, 2009
- FERNANDES, Joaquim e D’ARMADA, Fina – Intervenção Extraterrestre em Fátima – As Aparições e o Fenómeno Ovni, Bertrand, Lisboa, 1981.
- FERNANDES, Joaquim e D’ARMADA, Fina – As Aparições de Fátima e o Fenómeno Ovni, Estampa, Lisboa, 1995.
- FERNANDES, Fernando, FERNANDES, Joaquim e BERENGUEL, Raul (ORG.) – Fátima e a Ciência – Investigação Multidisciplinar das Experiências Religiosas, Ésquilo, Lisboa, 2003.
- FIOLHAIS, Carlos – A Coisa Mais Preciosa Que Temos, Gradiva, Lisboa, 2002.
- MACK, John – Sequestros. Encontros com Extraterrestres, Temas da Actualidade, Lisboa, 1995.
- MAGUEIJO, João – Mais Rápido Que a Luz – A Biografia de Uma Especulação Científica, Gradiva, 2003.
- WILL, Clifford M. – Einstein Tinha Razão? – Testando a Teoria da Relatividade Geral, Gradiva, Lisboa, 2005.
- Anomalia, Vol. 1, Comissão Nacional de Investigação do Fenómeno Ovni, Porto, 1993.
- Anomalia, Vol. 2, Comissão Nacional de Investigação do Fenómeno Ovni, Porto, 1994.
- Anomalia, Vol. 3, Comissão Nacional de Investigação do Fenómeno Ovni, Porto, 1995.
- Anomalia Especial - Roswell, Vol. 4, Comissão Nacional de Investigação do Fenómeno Ovni, Porto, 1996.

- Anomalia Especial – Simpósio Internacional “Fronteiras da Ciência”, Vol. 5, Sociedade Portuguesa de Exploração Científica, Porto, 2001.

- Arquivos CEAFI, CNIFO e CTEC (UFP).

- Insólito – Números 1 a 41, Centro de Estudos Astronómicos e de Fenómenos Insólitos, Porto, Junho de 1975 a Março de 1981.

- Super Interessante n.º 98, Junho, 2006.

Depois de mais de 25 anos de estudo do fenómeno OVNI, este grupo de 5 investigadores resolveu editar este "livro online" para divulgar alguns aspectos importantes. Estamos ainda longe de uma resposta a este muito intrigante e magnífico fenómeno mas entendemos que será assim que poderemos avançar mais uns passos na sua compreensão.